

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ADOLESCÊNCIA, GÊNERO e AIDS nos significados atribuídos por jovens
de três escolas de Florianópolis**

FLORIANÓPOLIS

2005

PATRÍCIA DE OLIVEIRA E SILVA PEREIRA MENDES

**ADOLESCÊNCIA, GÊNERO e AIDS nos significados atribuídos por jovens
de três escolas de Florianópolis**

**Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em
Psicologia, Programa de Pós-Graduação
em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro
de Filosofia e Ciências Humanas.**

**Orientadora: Prof^a Dr^a Mara Coelho de
Souza Lago**

**FLORIANÓPOLIS
2005**

TERMO DE APROVAÇÃO

PATRÍCIA DE OLIVEIRA E SILVA PEREIRA MENDES

**ADOLESCÊNCIA, GÊNERO E AIDS nos significados atribuídos por jovens
de três escolas de Florianópolis**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Orientadora:

Profª Drª Mara Coelho de Souza Lago
Departamento de Psicologia, UFSC

Profª Drª Luzinete Simões Minella
Departamento de Sociologia, UFSC

Profª Drª Sonia Maria Martins de Melo
Departamento de Estudos Especiais, UDESC

Suplente:

Profª Drª Maria Juracy Filgueiras Tonelli
Departamento de psicologia, UFSC

FLORIANÓPOLIS, 27 de abril de 2005

Dedico esse trabalho a minha mãe Márcia e ao meu companheiro André, por toda insistência e incentivo para que eu desse continuidade aos meus estudos.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof^a Dr^a Mara Coelho de Souza Lago, pela firmeza e por toda parceria na realização desse trabalho.

Às queridas amigas de discussões teóricas e caminhada na Equipe EDUSEX, Dr^a Sonia Maria Martins de Melo, MSc Vera Márcia Marques Santos, MSc Dhilma Luci de Freitas e Dr^a Edna Aparecida Silva.

Às professoras Dr^a Maria Juracy Filgueiras Toneli e Dr^a Luzinette Minella pelas contribuições na banca de qualificação do projeto de dissertação.

Ao meu pai Oscar pelas inúmeras vezes em que leu meus escritos.

Aos professores/as do Programa de Pós Graduação em Psicologia – PPPG, Linha 1, Práticas Sociais e Constituição do Sujeito.

Aos colegas de turma e companheiros/as nos desafios ao longo da trajetória de mestrado.

À Andréa, Verinha e Rosa Cristina pelo auxílio junto às três escolas pesquisadas.

Aos adolescentes que espontaneamente se colocaram a participar da pesquisa e suas escolas pela acolhida.

Ao André pela filmagem dos grupos focais e pela assistência constante no computador, instrumento essencial na efetivação desse trabalho.

À amiga psicóloga e matemática Prof^a Dr^a Enira Damin, pelo olhar atento aos quadros e a Prof^a Salete pelo auxílio no português.

A todos os familiares: irmã, cunhados, sogro e sogra, tias, primas e sobrinho que torceram pela finalização dessa dissertação.

À Jaquelina que com sua escuta amorosa e atenta acompanhou cada etapa da construção desse trabalho de dissertação.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar junto a adolescentes do Ensino Fundamental de três Escolas do Município de Florianópolis, qual o entendimento que possuem sobre adolescência, gênero e AIDS, procurando, dessa forma, dar voz a esses/as jovens. Para tanto, foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas, nas 5ª e 7ª séries de duas escolas seriadas, e a jovens de idades entre 15 a 20 anos no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como foram realizados grupos de discussões focais nas 7ª séries dessas escolas. Foram utilizados procedimentos de análise das informações obtidas nas respostas dadas aos questionários e às falas expressas nos grupos focais, agrupando-as a partir das temáticas investigadas. Constatou-se a importância da escuta do que pensam os/as adolescentes e jovens a respeito da adolescência, das relações de gênero e das DST/AIDS como um recurso a mais para efetivação da participação social desse grupo nas políticas públicas de saúde e promoção de cidadania. A análise das colocações dos/as estudantes investigados/as confirmaram que não é possível propor uma estratégia única na aplicação de políticas de prevenção às DSTs. É necessário pensar contextos e realidades específicas em um trabalho permanente de prevenção, de educação sexual e de tomada de consciência com relação à sexualidade e aos significados atribuídos a ela e às relações de gênero pelos jovens.

Palavras – chave: adolescência, gênero, AIDS, saúde, educação sexual

ABSTRACT

This work had as objective investigate among teenagers from High School of three schools in Florianopolis/Santa Catarina - Brazil, what's the meaning of teenage, gender and AIDS, trying to give them voices. Therefore, many questionnaires were applied with open and closed questions in 5th and 7th grades from regular schools, and at EJA - Núcleo de Educação de Jovens e adultos - (Adults and teenagers Education Center where the ages varied between 15 and 20 years old. At EJA in the 7th grade there was also a video taped discussion. Analysis procedures were used of the informations obtained from the answers given to this questions, as well as the speechs from this video taped groups, getting together according to the topics investigated. It was noticed how important it is to listen the teenagers thoughts about the teenage, of gender relashionships and also about sexual transmited disease/AIDS - as an extra resource to effectivate the social participation of this group in public health politics and promotion of citizenship. The analysis of the students speechs investigated confirmed that it is not possible purpose a unique strategic of the aplication of prevention politics to sexual transmited desease. It is necessary to think about specific situations and realities considering a prevention permanent work, sexual education bringing them to conscious about sexuality and its meanings related to it and meantime the gender relashionships of young people.

key-words: teenager, gender, AIDS, health, sexual education

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS – Acquired Immune Deficiency Syndrome

SIDA – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

DSTs – Doenças Sexualmente Transmissíveis

DST – Doença Sexualmente Transmissível

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA – Educação de Jovens e Adultos

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

OMS – Organização Mundial de Saúde

PROSAD – Programa de Saúde do Adolescente

WHO – World Health Organization

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Dados de Casos de AIDS por faixa etária e sexo, entre 1984 - 2004, no Brasil, Santa Catarina e Florianópolis

TABELA 2 - Total de Alunos/as que Responderam ao Questionário nas três Escolas

TABELA 3 - Total de Alunos/as que Participaram dos Grupos Focais

SUMÁRIO

RESUMO	iv
ABSTRACT	vi
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	vii
LISTA DE TABELAS	viii
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 – PRIORIZANDO OLHARES	07
Adolescência, Gênero e AIDS	07
Saúde Sexual e Políticas Públicas	17
Sexualidade e Educação Sexual	22
CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DA PESQUISA	27
CAPÍTULO 3 – EXPLICITANDO A METODOLOGIA ADOTADA	34
Os Caminhos Trilhados Pela Investigação	35
O Contato Com as Escolas	36
A Aplicação do Questionário	37
A Realização dos Grupos Focais	41
CAPÍTULO 4 – TRABALHANDO COM OS SIGNIFICADOS PRESENTES NOS QUESTIONÁRIOS	46
Escola Particular 5ª Série	46
Escola Particular 7ª Série	50
Escola Estadual 5ª Série	54
Escola Estadual 7ª Série	57
Escola Municipal - Núcleo de Educação de Jovens e Adultos	62
CAPÍTULO 5 – TRABALHANDO COM OS SIGNIFICADOS PRESENTES NOS GRUPOS FOCAIS	69
Escola Particular 7ª Série	69
Escola Estadual 7ª Série	74
Escola Municipal - Núcleo de Educação de Jovens e Adultos	82
CAPÍTULO 6 – ENTRELACANDO OS SIGNIFICADOS PRESENTES NAS FALAS DOS/AS JOVENS NOS GRUPOS FOCAIS E NAS RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS	91
TECENDO CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119

ANEXOS	125
ANEXO 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	126
ANEXO 2. Questionário	127
ANEXO 3. Roteiro para Discussão no Grupo Focal	137

INTRODUÇÃO

A adolescência, de um modo geral, tem sido uma temática bastante discutida na atualidade, não somente pela mídia que se dirige muitas vezes aos adolescentes de camadas médias e a toda a rede de consumo que gira em torno destes, mas também pela academia e pelas políticas públicas dirigidas a essa faixa etária. Podemos pensar no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD) e em todas as informações veiculadas a respeito dos índices de gravidez não planejada na adolescência, em programas voltados à redução de danos e ao uso indevido de drogas junto à população jovem e nas ações implementadas pelo Ministério da Saúde, enfocando a prevenção de DST/AIDS (Doenças Sexualmente Transmissíveis e Acquired Immune Deficiency Syndrome), junto às instituições governamentais e não governamentais (ONGs).¹

Certamente a epidemia de AIDS, não determinou preocupações apenas com relação à população adolescente, visto que lidar com a perspectiva de sexo seguro requer atenção tanto com a população de adultos, como de adolescentes e até mesmo de crianças, em relação a práticas educativo/preventivas. Estas questões pedem reflexões a respeito dos significados construídos acerca da sexualidade como um todo.

A preocupação com a adolescência hoje é algo bastante presente não só em nosso país, como no mundo todo. No dia 08 de outubro de 2003, momento em que iniciava essa pesquisa, a notícia veiculada pelo Jornal Folha de São Paulo, em reportagem de Luciana Miranda intitulada “Igreja usa teoria ‘científica’ contra preservativo”, enfocou o alerta trazido pela Organização das Nações Unidas de que, a cada 14 segundos, um jovem no mundo é infectado pelo vírus da AIDS (HIV). Cabe ressaltar que a AIDS não tem sido o único foco de preocupações relacionadas a este grupo. Há autores que afirmam, em suas pesquisas, que a adolescência é muitas vezes pensada enquanto problema social, como diz Giane Carvalho (2002), ressaltando ser esta, de modo geral, foco de atenção quando parece representar uma ameaça à sociedade.

¹ As informações sobre os programas e ações dirigidas aos adolescentes foram coletadas através do Ministério da Saúde, site: <http://www.aids.gov.br> acessado 10 de outubro de 2003.

A intenção de estudar a adolescência, não foi algo que surgiu com esta investigação, mas é o resultado de uma caminhada de pesquisa iniciada em 1998, em um Curso de Especialização em Educação Sexual (UDESC), quando realizei um estudo exploratório acerca do imaginário adolescente frente às campanhas de prevenção à AIDS. Tal pesquisa me possibilitou uma reflexão junto aos/as adolescentes a respeito de ações de prevenção, quando mencionaram a importância das campanhas não serem pensadas a partir da ideia de que os/as jovens já sabem sobre a temática abordada, e ainda, sobre o quanto a prevenção não é algo centrado apenas no uso do preservativo. Esta pesquisa também me auxiliou na compreensão da necessidade de ações e programas a serem pensados a partir de realidades específicas, procurando atender aos adolescentes (garotos e garotas) em suas comunidades, em seus espaços e respeitando seus modos de vida, já que vivemos em um país com uma multiplicidade de adolescentes e adolescências. Pude ainda, perceber a importância do diálogo e da participação dos/as jovens na implementação de trabalhos voltados à prevenção de DST/AIDS e outras ações que envolvam o exercício de cidadania.

A partir desse estudo, passei a compreender a adolescência como um conceito recente na cultura ocidental (ARIÈS, 1881). Áries nos faz perceber que a divisão da vida humana em etapas, questão tão cara às psicologias do desenvolvimento, tem história e não é um fenômeno universal, como mostram estudos etnográficos sobre outras culturas (conferir MEAD, 1945). Mead e Áries contribuíram com o olhar que hoje tenho a respeito da adolescência, que considero uma construção cultural.

Interessante observar que, como os/as jovens já indicavam na pesquisa realizada em 1998, hoje os/as pesquisadores/as argumentam sobre a necessidade de que as políticas públicas voltadas aos jovens no país sejam programadas considerando o contexto social da população a que se dirigem, a partir da necessidade do envolvimento desta na implementação de ações voltadas à prevenção de DST/AIDS. Como José Ricardo Ayres (1993) bem ressalta, é importante que as políticas de promoção de saúde sejam pensadas para adolescentes e jovens, a fim de evitarem exclusões e buscando dirigir-se a esta faixa da população. O autor argumenta que a categoria adolescência foi

usada pela medicina de uma forma a-histórica, incorrendo no risco de universalizações. Faz também, uma crítica às determinações cronológicas utilizadas para o tratamento da saúde adolescente que, para ele, acabam promovendo exclusões de jovens em relação aos programas de saúde.

A investigação inicial junto aos/as adolescentes também reforçou para mim a necessidade de pesquisar os significados atribuídos por eles/as à própria adolescência, bem como à AIDS (que fazia parte deste primeiro estudo).

Esclareço que por entender que o social constitui os sujeitos ao mesmo tempo em que os sujeitos são constituídos por ele, a partir da mediação dos signos, como aponta Suzana Molon (2003), considere importante ouvir os significados atribuídos pelos/as adolescentes a temáticas que lhes dizem respeito.

A atribuição de significado acontece em uma situação objetiva que necessita da intervenção do outro. O outro atribui significado à situação, que posteriormente é significada pela criança, ou seja, em uma situação objetiva o outro atribui significado a uma determinada condição na relação interpsicológica, que se converte posteriormente na relação intrapsicológica do sujeito consigo mesmo como significativa. No significado do gesto indicativo do sujeito para o sujeito, ele se converte em gesto de si. (MOLON, 2003 p. 100)

Um outro fator também importante para a continuidade de meus estudos relacionados a adolescência e AIDS, foi o panorama desta epidemia no Brasil pois, segundo o Boletim Epidemiológico de outubro de 2001 a março de 2002, (dados fornecidos pelo Ministério da Saúde através da Coordenação Nacional de DST/AIDS²), houve um aumento no número de infectados pelo HIV na faixa etária de 13 a 19 anos, com um maior número de casos de AIDS em mulheres adolescentes. Os dados mostraram que, em 2000, foram 191 casos em garotas de 13 a 19 anos, contra 151 casos em rapazes da mesma idade. Em 2001, foram notificados 152 casos de AIDS em adolescentes do sexo feminino, contra 91 casos notificados em adolescentes homens. Entre os jovens de até

² Fonte site: www.aids.gov.br acessado em março de 2003

24 anos, esta relação homem-mulher é hoje praticamente de 1 para 1. Dessa forma, os novos números da AIDS confirmam uma 'feminização' da epidemia, maior a cada ano, apontando as mulheres heterossexuais como a população entre a qual a epidemia de AIDS mais cresce no país.

Esse quadro de feminização com relação a AIDS possibilitou-me avaliar que em minha trajetória acadêmica não havia dado a devida atenção à categoria gênero a qual considerei fundamental nesta investigação.

Para Maria Luiza A. Heilborn (1996) é importante

pensar as políticas de saúde que incidem sobre o domínio da reprodução e da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis é avaliar que os sujeitos aos quais elas se destinam estão marcados por condições sociais distintas, entrelaçando estas determinações de classe, gênero, etnia, faixa etária, posição no ciclo reprodutivo, afiliação religiosa, capital cultural e educacional. (HEILBORN, 1996, p:101)

Os dados apresentados pelo Boletim Epidemiológico, com o crescente aumento de infecção pelo HIV entre mulheres, e as colocações de Heilborn, apontam para a relevância de se pensar as relações de gênero nas campanhas voltadas para adolescentes, bem como a importância cada vez maior de se pensar políticas públicas direcionadas à saúde dos adolescentes e jovens a partir de seus contextos sociais. No entanto, também podemos nos questionar e formular as seguintes questões: - O que há de errado, já que existem políticas públicas atualmente sendo pensadas para os/as adolescentes e não há, efetivamente, uma resposta diferenciada? - O que falta? - Onde estariam falhando as políticas públicas?

Ayres nos ofereceu algumas dicas, e talvez a resposta a esta questão resida exatamente no fato das ações e políticas públicas serem pensadas para adolescentes e jovens, e não com eles/as ou por eles/as.

Na intenção de avançar em minha trajetória enquanto pesquisadora, neste estudo elegi investigar adolescência, gênero e AIDS nos significados atribuídos por jovens que fui buscar em três escolas do município de Florianópolis. Procurei também ouvir esses/as adolescentes em suas idéias e

opiniões acerca dessas temáticas, estimulando-os a refletirem a respeito de saúde sexual e prevenção às DST/AIDS para, quem sabe, poder contribuir na produção de reflexões que pudessem subsidiar ações propostas pelas políticas públicas neste município, considerando os entendimentos dos/as jovens sobre questões que lhes são pertinentes e incentivando sua participação na discussão desses temas.

... a política é a condição que resulta possível a uma cultura. Uma cultura onde todos os sujeitos, inclusive crianças e jovens, possam se ver reconhecidos envolve ação politicamente sensível dos sujeitos na sua pluralidade e diferença. Tal ação é essencialmente emancipatória, ou seja, não há como um sujeito ou grupo de sujeitos “se preparar” para a ação politicamente sensível, porque a melhor preparação é a própria ação. Assim, crianças e jovens não se tornam capazes politicamente, eventualmente, num futuro que há de vir, mas se capacitam no hoje, pela sua ação e participação no mundo”. (Eagleton (2002) citado por CASTRO, 2001, p.43-44)

No desenvolvimento desta investigação, procurei contextualizar a cidade de Florianópolis, caracterizando assim os bairros em que estão localizadas as três escolas de Ensino fundamental em que estudam os/as adolescentes sujeitos da pesquisa (capítulo 1). Busquei priorizar os olhares de alguns teóricos que considere iariam me auxiliar na análise dos significados atribuídos pelos/as adolescentes, onde separei por temas: adolescência, gênero e AIDS, discutindo também as temáticas saúde sexual e políticas públicas; sexualidade e educação sexual (capítulo 2). Com relação à metodologia utilizada na pesquisa, explicitarei-a através da apresentação dos instrumentos utilizados na investigação, descrevendo também os passos percorridos no desenvolvimento da pesquisa (capítulo 3). Em relação ao material obtido com a pesquisa, trabalhei primeiro com as informações presentes nos questionários (capítulo 4) e, posteriormente, com as informações gravadas e filmadas na realização dos grupos focais (capítulo 5). Para a análise dos significados atribuídos pelos/as jovens aos temas propostos, busquei entrelaçar as falas transcritas da gravação dos grupos focais e as respostas dos/as adolescentes ao questionário, tendo como referencial os/as autores/as que fundamentaram

minhas reflexões sobre as questões investigadas, além de pesquisadores/as que trabalham com as temáticas abordadas nesta dissertação (capítulo 6). Para finalizar este trabalho de investigação, procurei tecer considerações finais, ressaltando questões que considerei importantes ao longo da pesquisa.

CAPÍTULO 1 – PRIORIZANDO OLHARES

Adolescência, Gênero e AIDS

O conceito de adolescência em nossa cultura é relativamente novo e pode-se dizer que, como todo e qualquer entendimento, foi construído nas relações sociais, no processo histórico de estruturação das sociedades. Para uma melhor compreensão da construção histórico-cultural desse conceito, segundo Philippe Ariès (1981), é preciso também buscar o entendimento da infância, pois infância e adolescência passam a ser explicadas como produção das sociedades ocidentais modernas.

Ariès (ib) menciona o nascimento do chamado “sentimento moderno da infância”, ao apontar que a consciência das particularidades da infância desenvolveu-se a partir da Idade Média, com a alteração das formas de organização da estrutura social e dos meios de produção, principalmente no contexto europeu. Este autor ressalta que, antes destas mudanças na vida social e econômica, não havia separação entre o “mundo da criança” e o “mundo do adulto”, as crianças aprendiam no convívio com os adultos.

Vimos que na Idade Média a educação das crianças era garantida pela aprendizagem junto aos adultos (...) Dessa época em diante, ao contrário, a educação passou a ser fornecida cada vez mais pela escola. A escola deixou de ser reservada aos clérigos para se tornar o instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao do adulto. (...) Essa evolução correspondeu a uma necessidade nova de rigor moral da parte dos educadores, a uma preocupação de isolar a juventude do mundo sujo dos adultos para mantê-la na inocência primitiva, a um desejo de treiná-la para melhor resistir às tentações dos adultos. (...) A substituição da aprendizagem pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento da infância, outrora separados. (ARIÈS, 1981, p.231-232)

A escola, desse modo, nas colocações de Ariès (ibdem), teve um grande papel na definição e no entendimento tanto da infância, como uma etapa do ciclo vital, quanto da emergência da adolescência, tais como são percebidas nos dias atuais. Mas a pedagogia não é a única ciência responsável pela compreensão da adolescência, a psicologia também contribuiu para a concepção da vida em etapas, assim como várias outras disciplinas na área das ciências humanas.

Maria Rita de Assis César (1998), ao traçar a genealogia da adolescência, desde o momento em que passou a ser 'objeto de estudo da ciência', esclarece que o psicólogo americano Stanley Hall, que publicou em 1904 a primeira obra sobre adolescência, influenciou sobremaneira os textos psicopedagógicos direcionados a essa temática. Ela argumenta que a influência de Hall, ao compreender a adolescência como período de 'tempestade e tormenta' em função de determinantes genéticos, pôde ser observada nas obras que o sucederam, onde os autores/as trataram de dizer a adolescência a partir dessa ótica, descrevendo-a e caracterizando-a fazendo uso de termos como 'crise da adolescência', 'drama da adolescência', 'fase inquieta', 'tempo de transtorno', 'idade ingrata', 'fase negativa' etc.

O sociólogo Luís Antônio Groppo (2001), também contribuiu para pensarmos a adolescência enquanto objeto de estudo da ciência, ao afirmar que foi no processo de pensar a juventude que surgiram as faixas etárias reconhecidas socialmente, salientando que essas 'faixas etárias' não foram sempre as mesmas, sofreram e sofrem modificações.

Groppo (ib) mostra o papel das ciências como a medicina, a psicologia, a pedagogia e a sociologia, para a compreensão do período de transição da infância para a maturidade. Segundo ele, 'três termos' apareceram de forma enfática na modernidade: 'juventude', 'adolescência' e 'puberdade'. Groppo salienta que cada um destes termos se refere a uma etapa pela qual passamos neste período da vida:

- As ciências médicas criaram a concepção de puberdade, referente à fase de transformações no corpo do indivíduo que era criança e que está se tornando maduro.

- A psicologia, a psicanálise e a pedagogia criaram a concepção de adolescência, relativa às mudanças na personalidade, na mente ou no comportamento do indivíduo que se torna adulto.
- A sociologia costuma trabalhar com a concepção de juventude quando trata do período interstício entre as funções sociais da infância e as funções sociais da vida adulta. (GROPPO, 2001, p.13-14)

Tanto a autora Maria Rita César quanto Luís Groppo, em suas análises acerca do entendimento construído pela ciência sobre a adolescência, permitem a constatação de que este período de desenvolvimento e a passagem da infância para a maturidade, nem sempre foram percebidos da mesma forma, assim como a própria infância não o foi, de acordo com Áries (1981). Desse modo, o conceito de adolescência, assim como o entendimento da juventude, são frutos de construção social, e, portanto, produzidos em condições sociais, históricas, econômicas e culturais específicas.

Com essas reflexões, pode-se perceber a importância de que não se venha a legitimar idéias universalistas com relação à adolescência, ou ainda, idéias que descolam os/as adolescentes e jovens de seu contexto social.

Ressaltando, mais uma vez, que compreendo a adolescência como uma construção histórica de nossa sociedade, com todos os atributos (muitas vezes discordantes) que lhes são impostos, explico que utilizo os termos adolescência e juventude como sinônimos.

Apesar dos diferentes olhares das ciências humanas sobre adolescência e juventude buscarem fugir de classificações cronológicas, de caráter universalizante, os programas de saúde e os discursos jurídicos sobre infância/adolescência/juventude acabam, operacionalmente, definindo idades para caracterizá-los.

A *World Health Organization* (WHO), Organização Mundial de Saúde, ao adotar um conceito para designar a adolescência, embora faça uso de uma definição cronológica, acrescenta a cultura como base para o seu entendimento.

Os adolescentes são os indivíduos que estão entre a infância e a vida adulta, no processo de alcançar a maturidade sexual. O WHO define a escala adolescente da idade como a segunda década da vida, 10-19 anos. Entretanto deve-se reconhecer que a adolescência é uma combinação das mudanças físicas, psicológicas e sociais que tem como base a cultura³.

Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) não faz especificações a respeito da cultura, e usa como critério para definição da adolescência a cronologia, conforme expõe no art. 2º a seguinte denominação “2º - Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”.⁴ Cabe ressaltar que o estatuto vem cumprir uma função legal com relação às crianças e adolescentes em nosso país.

As políticas públicas dirigidas para crianças e adolescentes fazem uso dessas delimitações cronológicas. Como esta pesquisa teve por preocupação trazer os significados atribuídos por adolescentes às questões ligadas a prevenção das DSTs e à sexualidade, em função das campanhas elaboradas pelo Ministério da Saúde, optei por utilizar a classificação cronológica da World Health Organization para a escolha de meus sujeitos.

Todavia, não se pode pensar a adolescência enquanto emergência de condições sociais concretas, sem refletir acerca das relações de gênero estabelecidas pelos/as adolescentes em seus contextos sociais. Assim, falar de adolescência ou sobre adolescentes é também dizer sobre as relações de gênero, pois como aponta Maria Luiza Heilborn (1996, p. 101), “os sujeitos (...) estão marcados por condições sociais distintas, entrelaçando estas, determinações de classe, gênero, etnia, faixa etária, afiliação religiosa, capital cultural e educacional” Desse modo, a compreensão e o aprendizado a respeito das relações de gênero, precisam ser pensados quando há o interesse

³ Fonte: www.who.int/reproductive-health/adolescent/index.html acessado em 18/11/03.

⁴ Fonte: www.eca.org.br/eca.htm acessado em 26/11/03.

pelo estudo da adolescência, sendo que o conceito de gênero se origina na noção de cultura (HEILBORN, 1996).

Lúcia Afonso ressalta essas considerações:

Cada geração de adolescentes encontra, em sua relação com a sociedade, desafios e impasses criados na produção da vida social. Seus projetos são elaborados dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente que precisam articular com outros projetos, para complementar-se e transformar-se. Ao fazê-lo, estão envolvidos em seu processo de construção de identidade psicossocial, na qual está incluída, como dimensão essencial, a identidade de gênero⁵, como socialmente construída, relacional e integrada aos processos de mudança social. (AFONSO, 2001, p.220)

Joan Scott (1990) diz que “O gênero é um elemento constitutivo de relações fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significação às relações de poder” (p.14).

O conceito de gênero propõe um afastamento de análises que repousam sobre uma idéia reduzida de papéis/funções de mulher e de homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito ampla que considera que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e masculino, ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou resignificação. (MEYER, 2003, p. 18)

Lena Lavinas (1997) ao refletir sobre o processo de individuação vivido desde a adolescência e que constitui os/as jovens como cidadãos/ãs, acrescenta que o gênero determina “o grau maior ou menor de sua autonomia,

⁵ Louro (1997) esclarece que a identidade de gênero é fruto da forma como as pessoas se identificam com o que social e historicamente se designa como masculino e feminino.

da sua possibilidade de escolha, do seu acesso à universalidade, então a diferença sexual não pode ser escamoteada”. (LAVINAS, 1997, p.40)

Esta pesquisa de Lavinias (ib) vem reafirmar a importância do olhar de gênero e a necessidade da compreensão dessas relações de gênero nos estudos sobre adolescência, ressaltando a importância do investimento na autonomia dos jovens, principalmente em tempos de AIDS. Isto porque a adolescência acaba sendo citada como uma fase bastante vulnerável⁶ ao longo da história da epidemia de AIDS em nosso país.

A epidemia de AIDS⁷ no Brasil teve início no começo da década de 80, ano em que foi notificado o primeiro caso da doença. Na primeira metade desta mesma década, a epidemia de AIDS esteve ligada aos grupos de homens que fazem sexo com homens, de hemofílicos e hemotransfundidos. Posteriormente, a categoria “usuários de drogas injetáveis” passou a ser referida. Ainda na segunda metade da década de 80, a epidemia começou a afetar um número maior de heterossexuais, com um aumento entre as mulheres e, concomitantemente, houve uma expansão geográfica da epidemia, que saiu do eixo Rio-São Paulo e de outras grandes regiões metropolitanas, dirigindo-se para cidades de médio porte, inicialmente nos Estados da Região Sul e Sudeste, avançando para os Estados da Região Nordeste e Centro-Oeste. Já a década de 90 foi marcada por duas características, uma forte heterossexualização da epidemia, que a partir de 1994 passou a ser a forma de infecção mais recorrente, com acentuado número de casos de AIDS entre mulheres; e a pauperização da AIDS, com crescentes números de casos entre as camadas mais pobres da população.

O Ministério da Saúde (2002), ao pensar sobre o crescimento da epidemia de AIDS entre a população heterossexual, argumenta que esse crescimento parece ser um reflexo do comportamento sociosexual dos brasileiros, argumento este calcado na concepção de que a maior parte da

⁶ Segundo Seffner (1999, p. 403) “o conceito mais recente de vulnerabilidade representa uma tentativa de relação com a AIDS que permite integrar fatores de ordem individual (mais ligados à subjetividade e à auto-estima), e social (mais ligados à disponibilidade de recursos, de informações e estrutura de atendimento em cada local)”. Este autor salienta que este enfoque desenvolve a necessidade de se pensar que a situação da AIDS se apresenta de forma diferenciada para cada um, solicitando um quadro de análise complexo e que exige um olhar para a realidade brasileira com toda a sua diversidade.

⁷ MINISTÉRIO DA SAÚDE, Brasília, dezembro de 2002.

população do Brasil seria heterossexual. Quanto ao aumento da epidemia de AIDS entre as mulheres, o argumento apresentado é o de que parece envolver, além de uma maior vulnerabilidade biológica da mulher ao HIV, a desigualdade na distribuição da população entre os gêneros, com um número maior de mulheres. E aqui certamente poderiam ser explicitadas as afirmações de Paiva (2000) a respeito da “construção histórica e cultural dos gêneros, ou seja, a forma diferenciada e hierarquizada em que cada sociedade define o que é ser homem ou ser mulher que influencia diretamente na maneira como se irá lidar com a sexualidade”(p.23).

Para Maria das Graças Rua (2001), a expansão da epidemia de AIDS no Brasil, pode ser caracterizada por três fases: a) primeira fase, ou fase inicial, em que se focalizavam os infectados pelo HIV, e o enfoque conceitual no campo das ações de saúde, referendava o “conceito de grupo de risco”, que se restringia aos homossexuais; b) segunda fase, que foi orientada para as formas de exposição ao vírus HIV, marcando um momento em que se percebeu o aumento no número de heterossexuais infectados via uso de drogas injetáveis. O conceito adotado, nessa fase, foi o de “comportamento de risco”, sendo o enfoque das ações de prevenção às DST/AIDS dirigidas aos comportamentos. Parece que ainda nessa fase os homossexuais, as prostitutas, enfim os chamados sujeitos de comportamentos promíscuos poderiam estar sendo apontados; c) terceira fase, considerada pela autora como a fase atual, onde a ênfase se refere à suscetibilidade dos indivíduos ao vírus. Esta fase marca um momento em que o aumento da infecção se dá significativamente entre os heterossexuais, com crescimento acentuado entre a população feminina e aumento de casos em transmissão vertical. Percebe-se ainda, nesta terceira fase, a baixa escolaridade da população infectada, com a faixa etária mais atingida nas idades entre 20 e 29 anos. A classificação utilizada nessa fase é a de “vulnerabilidade”.

Rua (2001), ao referendar as três fases da epidemia em nosso país, possibilita a compreensão de que os dados fornecidos pelos Boletins Epidemiológicos, bem como as campanhas veiculadas pelos serviços de saúde pública, podem utilizar conceitos que venham a legitimar preconceitos, prestando um desserviço às ações de prevenção. A autora salienta que

atualmente vivemos um momento onde se busca compreender a epidemia da AIDS enquanto suscetibilidade ao vírus. E a faixa etária apresentada como a mais atingida, como foi colocado anteriormente, é a da juventude.

Segundo o Ministério da Saúde (2002) a juventude brasileira é composta por indivíduos de 10 a 24 anos de idade e representa 51 milhões de pessoas, aproximadamente um terço da população do país, sendo essa faixa etária considerada como aquela fase de maior exposição aos riscos e agravos em relação à saúde. O que vem confirmar as afirmações de Rua, quanto à vulnerabilidade do jovem à epidemia de AIDS.

Ainda pensando a juventude brasileira, cabe destacar que dados do IBGE utilizados pelo Ministério da Saúde mostram que, em 1970, a população jovem do país abrangia um total de 18,3 milhões de jovens na faixa etária entre 15 e 24 anos de idade. Em 2000, essa faixa etária já representava mais de 32 milhões de sujeitos.

Certamente, em razão dessa numerosa população de jovens no Brasil é que o Ministério da Saúde vem ressaltando que, no âmbito da saúde sexual e reprodutiva, é importante a análise das ocorrências de DST/AIDS nessa população específica que hoje vem sendo considerada a mais vulnerável à epidemia de AIDS.

A Coordenação Nacional de DST/AIDS⁸ reafirma a importância de estudos sobre a população jovem, pois na faixa etária de 15 a 19 anos de idade, entre 1980 e 1990, a taxa de incidência de AIDS foi de 0,6%, passando para 2,0% no período de 1991 a 2000; na faixa etária de 20 a 24 anos de idade, a incidência foi de 2,4% de 1980 a 1990, passando para 12,4% no período de 1991 a 2000. Entre 1980 e 2001, o número de casos de AIDS diagnosticados na faixa etária de 10 a 24 anos de idade, representou 13,4% dos casos diagnosticados no país. Destes, 32,4% por compartilhar agulhas e seringas para uso de drogas injetáveis e 44,7%, por meio de relações sexuais.

No Brasil⁹ entre garotas, no período de 1980 a 2004, foram notificados 2.771 casos de AIDS, na faixa etária de 13 a 19 anos; 11.821 casos de AIDS foram registrados, neste mesmo período, na faixa-etária de 20 a 24 anos. Entre

⁸ Site: www.aids.gov acessado em 29/10/03.

⁹ Dados obtidos através do site: www.aids.gov TABNET – AIDS acessado em 10/05/ 2005.

os garotos, no período de 1980 a 2004, foram registrados 4.073 casos de AIDS, nas idades entre 13 a 19 anos; e 19.819 casos de AIDS, no mesmo período, na faixa-etária de 20 a 24 anos.

Em Santa Catarina, entre garotas, no período de 1980 a 2004, foram notificados 170 casos de AIDS, na faixa-etária de 13 a 19 anos; foram notificados 616 casos de AIDS, neste mesmo período, na faixa-etária de 20 a 24 anos. Entre garotos, no período de 1980 a 2004, foram registrados 158 casos de AIDS, na faixa-etária de 13 a 19 anos; neste mesmo período foram registrados 840 casos de AIDS, na faixa-etária entre 20 a 24 anos.

Em Florianópolis, entre garotas, no período de 1980 a 2004, foram notificados 33 casos de AIDS, na faixa-etária de 13 a 19 anos; 111 casos notificados, na faixa-etária de 20 a 24 anos. Entre garotos, no período entre 1980 a 2004, foram registrados 37 casos de AIDS, na faixa-etária de 13 a 19 anos; foram notificados 189 casos de AIDS, nas idades entre 20 a 24 anos.

Mesmo que não se possa identificar, a partir destes dados, quais as idades em que esses/as jovens de 20 a 24 anos contraíram o vírus, pode-se presumir que muitos deles/as contraíram o HIV ainda na adolescência, alguns anos antes.

TABELA 1

Dados de Casos de AIDS por faixa etária e sexo¹⁰, entre 1980 - 2004, no Brasil, Santa Catarina e Florianópolis

Período	Sexo	Faixa etária	Casos de AIDS	
1980 - 2004	Feminino	13 a 19	2.771	Brasil
1980 - 2004	Feminino	20 a 24	11.821	Brasil
1980 - 2004	Masculino	13 a 19	4.073	Brasil
1980 - 2004	Masculino	20 a 24	19.819	Brasil
1980 - 2004	Feminino	13 a 19	180	Santa Catarina
1980 - 2004	Feminino	20 a 24	616	Santa Catarina
1980 - 2004	Masculino	13 a 19	158	Santa Catarina
1980 - 2004	Masculino	20 a 24	840	Santa Catarina
1980 - 2004	Feminino	13 a 19	33	Florianópolis
1980 - 2004	Feminino	20 a 24	111	Florianópolis
1980 - 2004	Masculino	13 a 19	37	Florianópolis
1980 - 2004	Masculino	20 a 24	189	Florianópolis

Fonte: TABNET-AIDS e Mendes, 2005

Aproximadamente 80% das transmissões do HIV no mundo, segundo informações do Ministério da Saúde, decorrem do sexo desprotegido, e os/as adolescentes são apontados como mais propensos a dispensar o preservativo¹¹.

¹⁰ Conserve a terminologia utilizada pela TABNET-AIDS, do Ministério da Saúde.

¹¹ Reforço que, de acordo com inúmeros/as pesquisadores/as do tema também os/as adultos dispensam o preservativo em suas relações sexuais, deixando claro que não encontramos esse tipo de atitude apenas entre os/as jovens.

Dessa forma, procurar conciliar o entendimento de múltiplas adolescências, marcadas pelas relações de gênero, e pela vulnerabilidade¹² dos/as adolescentes frente à AIDS acaba sendo o grande desafio de todos os/as pesquisadores/as, na intenção de propor ações que venham auxiliar na construção de 'sujeitos sexuais'¹³. Pois, como coloca Vera Paiva:

devemos lembrar que as mudanças na conduta sexual que permitem às pessoas se defenderem do HIV serão influenciadas pela história pessoal de cada indivíduo, num tempo que varia de pessoa para pessoa, (...) Mas a história dessa epidemia mostra que para sustentarmos essas mudanças em todos os momentos da vida sexual dependemos de uma verdadeira revolução cultural, coletiva, semelhante àquela que arrancou de algumas sociedades de tradição judaico-cristã as mudanças (instáveis ainda) no rumo de uma relação mais igualitária entre homens e mulheres e novas definições para os gêneros. Ou seja, será fruto de um trabalho de longa duração com as diversas comunidades e subculturas sexuais e, depois disso, certamente será mais fácil para as próximas gerações serem socializadas com outros variados, múltiplos e reiventados *scripts sexuais* (PAIVA, 2000 p.40)

Saúde Sexual e Políticas Públicas

Pensar a adolescência, com suas implicações de gênero e a presença da AIDS, é também atentar para as questões ligadas à saúde sexual e às concomitantes ações desenvolvidas para essa população, através das políticas públicas.

Cabe aqui resgatar primeiramente a definição de saúde segundo a OMS – “saúde é o completo bem estar físico, mental e social, e não meramente a

¹² Entendida aqui como a relação que possibilita integrar os fatores subjetivos e sociais, ligados a realidade onde cada grupo de adolescentes está inserido, como expõe Seffner (1999), anteriormente citado.

¹³ Expressão utilizada pela pesquisadora Vera Paiva em seus trabalhos educativos de prevenção a AIDS junto aos jovens e que significa a capacidade de cada pessoa ser agente regulador de sua vida sexual.

ausência de doença ou enfermidade” (CANNON e BOTTINI, 1998, p.397), para seguir no entendimento da saúde sexual.

Segundo Frances Perrow (2003) os direitos à saúde sexual reprodutiva não surgem mundialmente de forma automática e nem acompanham naturalmente o desenvolvimento social e econômico dos países. Pois mesmo os países em que os serviços de saúde reprodutiva estão disponíveis, não implantaram tais serviços de forma aleatória, mas sim a partir de ações pioneiras em planejamento familiar. Desde os anos 20 até os dias atuais se luta por recursos para serem investidos em saúde reprodutiva.

Perrow (ib)¹⁴ acrescenta que a ONU (Organização Mundial das Nações Unidas) vem contribuindo, nas últimas cinco décadas para mudanças sociais e econômicas ligadas às questões de saúde sexual. Afirma que o mais significativo documento da ONU é o “Programa de Ação” resultante da Conferência Internacional Sobre População e Desenvolvimento, realizada no Cairo em 1994.

Antônio Silveira Ribeiro dos Santos, diz que a

...Conferência do Cairo reconheceu como fundamental um conjunto de direitos sexuais e reprodutivos como: direito à saúde reprodutiva e sexual; autodeterminação reprodutiva; igualdade e equidade para homens e mulheres e segurança sexual e reprodutiva. (SANTOS, 1997, p.01)

Assim, o termo saúde sexual está diretamente relacionado ao entendimento de direitos, o que nos leva a pensar que, se existem direitos à saúde como um todo, não poderão deixar de existir direitos à saúde sexual, lembrando que a dimensão sexual é parte de cada sujeito no mundo.

Nesta pesquisa, pensar a saúde sexual é refletir acerca do direito que os/as adolescentes possuem de receberem as informações necessárias ao cuidado com a saúde sexual.

¹⁴ Autor do Texto “O Caminho Para A Saúde reprodutiva Global _ Saúde e Direitos Reprodutivos na Agenda Internacional, 1963 -2003 - http://www.apf.pt/pdf/brochura_reprodução_pdf. acessado em 23/02/05

Certamente as ações e os movimentos ligados à perspectiva de direitos e desenvolvimento populacional, muito tem auxiliado na conquista de espaços e através de ações afirmativas, tem contribuído para apontar caminhos na busca de maior qualidade de vida para todo/a cidadão/ã, não apenas em nosso país.

No ano de 1999, no XV Congresso Mundial de Sexologia, na China, foi construída e aprovada a 'Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos Universais', documento que versa sobre "os direitos básicos de liberdade, igualdade na diversidade, saúde sexual e educação sexual do ser humano" (MELO e POCOSI, 2002, p:44). Nesse documento, o item 11 explicita o direito à saúde sexual, afirmando que direitos sexuais são direitos humanos fundamentais e universais.

A partir dessa compreensão, reafirmo a necessidade de pensar no acesso de jovens ao cuidado com a saúde sexual e para isso direciono meu olhar para as políticas públicas que de certa forma, surgem também para dar respaldo a ações afirmativas.

Para Marília Pontes Sposito e Paulo Carrano (2003), no artigo intitulado "Juventude e políticas públicas no Brasil",

a idéia de políticas públicas está associada a um conjunto de ações articuladas com recursos próprios (financeiros e humanos), envolve uma dimensão temporal (duração) e alguma capacidade de impacto. Ela não se reduz à implantação de serviços, pois envolve a dimensão de projetos de natureza ético-política e compreende níveis diversos de relações entre Estado e a sociedade civil organizada na sua constituição. Situa-se, também, no campo de conflitos entre atores que disputam na esfera pública orientações e os recursos destinados à sua implantação. É preciso não confundir políticas públicas com políticas governamentais. Órgãos legislativos e judiciários também são responsáveis por desenhar políticas públicas. De toda forma um traço definidor característico é a presença do aparelho público estatal na definição de políticas, no acompanhamento e na avaliação, assegurando seu caráter público, mesmo que em sua realização ocorram algumas parcerias. (SPOSITO y CARRANO, 2003 p. 01-02)

Carvalho (2002), esclarece que existem concepções diferenciadas a respeito da formulação de políticas públicas e afirma:

Política pública é o conjunto de políticas econômicas, sociais e ambientais implementadas pelo governo (seja em âmbito federal, estadual ou municipal), em conjunto ou não com a sociedade civil, para atender demandas de grupos sociais.

(CARVALHO, 2002, p. 19)

Assim, as políticas públicas de certa maneira vêm ao encontro da solução de problemas sociais e possuem ligação direta com os setores públicos. Compreendê-las é olhar para a importância da participação de adolescentes e jovens em sua elaboração, para que essas políticas possam atendê-los/as em suas linguagens e necessidades.

Dentro das políticas públicas dirigidas aos jovens, tem sido pensada a questão do envolvimento dos destinatários das ações de saúde pública (saúde sexual), através do que se convencionou chamar de Protagonismo Juvenil.

Alguns autores apresentam o Protagonismo Juvenil como uma proposta de política pública, que preconiza que as crianças e os jovens sejam chamados a agir de forma participativa nas reflexões sobre as ações dirigidas a eles pelo Estado. Os defensores deste protagonismo utilizam-se dos argumentos presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), para fundamentarem suas propostas de ações.

Conforme Maria Leonora Lemos Rabello¹⁵:

Protagonismo Juvenil é a atuação de adolescentes e jovens, através de uma participação construtiva. Envolvendo-se com as questões – da própria adolescência/juventude –, assim como com as questões sociais do mundo, da comunidade. (RABELLO, 2003, p. 01)

¹⁵ Rabello, M.D.L. O que é protagonismo juvenil, disponível em http://www.violenciasexual.org.br/textos/pdf/protagonismo_juvenil_eleonora_rabellopdf acessado em 23/11/03.

Esta autora também cita o professor Antonio Carlos Gomes da Costa que salienta:

Reconhecer o adolescente e o jovem, não como problema, mas como parte da solução é meio caminho andado (...) por isso é necessário e urgente abrir espaços e facilitar processos que permitam a participação efetiva de crianças, adolescentes e jovens na construção do modelo e da dinâmica social da sua comunidade. (COSTA in RABELLO, 2003, p.01)

Já Sposito e Carrano (2003), apresentando uma idéia diferenciada a respeito do que vem sendo chamado de Protagonismo Juvenil, afirmam que é um conceito bastante utilizado em documentos de órgãos do governo federal e organizações não-governamentais, direcionados a programas e projetos para juventude. E fazem uma crítica ao uso deste conceito, alegando que é utilizado na maioria das vezes como uma expressão simplificada do entendimento de realidades sociais e culturais complexas, e também utilizado como “código de acesso para financiamentos públicos orientados por uma frágil conceituação de proteção social e cidadania participativa” (p.22).

A referência ao Protagonismo Juvenil, é, em geral, feita por diferentes autores para ressaltar a importância da participação, não apenas dos jovens, objetos desse estudo, como das crianças, na formulação de ações que possam fortalecer seu reconhecimento no cenário social.

Lucia Rabello de Castro (2001), na apresentação do livro que organizou, intitulado “Crianças e jovens na construção da cultura”, alerta sobre o quanto em nossa sociedade deixamos de ouvir estes sujeitos (crianças e jovens), ignorando e desconsiderando o que pensam, valorizando quase sempre o pensar dos adultos sobre eles. Mas, ao invés de se referir a protagonismo, a autora usa o conceito de participação social, para enfatizar a necessidade de inclusão das manifestações, das falas dos próprios sujeitos com os quais trabalha. Acredito que a terminologia usada por esta autora está mais de acordo com as concepções que utilizo nesta investigação.

Concebidos como sujeitos sociais, constituídos a partir das interações e relações estabelecidas nos contextos e realidades em que vivem, fica

ressaltada a importância de privilegiar, nas interações com crianças e jovens, ações que venham abrir espaços para que estes se construam como sujeitos autônomos, principalmente diante de sua sexualidade. E para isso se faz necessário referendar o papel da educação sexual para o exercício dessa autonomia.

Sexualidade e Educação Sexual

Em uma pesquisa sobre adolescência e DSTs/AIDS, não se poderia deixar de refletir sobre a questão da sexualidade.

Os inúmeros dizeres acerca da sexualidade adolescente, geralmente estão associados ao entendimento de 'puberdade' com toda sua carga de explosão hormonal, caracterizando o momento em que socialmente se passa a pensar a adolescência e os/as adolescentes como possuidores de uma sexualidade.

Alguns/as educadores/as sexuais costumam enfatizar em suas colocações, o fato de que, se na infância pode-se fazer de conta que as crianças não possuem sexualidade, na adolescência, com as transformações corporais, não dá para fingir que não se está diante de corpos sexuados. E daí surgem alguns impasses, fruto do modo como se lida com a sexualidade dos/as adolescentes em nossa sociedade. Pois, desse 'fazer de conta' que não há uma sexualidade na infância, passa-se, na adolescência, à exigência de que possuam informações e conhecimentos necessários a uma vida sexual sem riscos. Os adultos de um modo geral fazem a apologia da prevenção, sem que haja uma caminhada de entendimento acerca da maneira como significamos os corpos, o sexo e a sexualidade na cultura, e ainda, sem que esses cuidados sejam construídos desde a infância.

E ao mencionar a questão da construção de significados, a compreensão que temos a respeito da sexualidade, assim como da própria adolescência, como já foi anteriormente mencionado, possui uma história.

A história da sexualidade em nossa cultura ocidental, judaico-cristã, revela que o modo como se lida com a sexualidade e com as diferenças sexuais é dinâmico, implicando em contínuas transformações. Tudo isso, para explicitar que a sexualidade é uma dimensão humana sedimentada por significações ao longo da história de homens e mulheres, repleta de valores morais determinantes de comportamentos, ‘usos e costumes sociais’, direcionados às condutas pessoais e grupais, por fim imbricada com questões de caráter social (NUNES, 1998).

Para uma compreensão mais profunda da sexualidade humana é preciso definir a sua constituição significativa. A sexualidade humana não está sujeita ao determinismo animal, restrita ao mundo natural. É uma esfera que passa além disso; ela contém a intencionalidade, no sentido de consciência e experiência de sentido, no sujeito humano. É, portanto, dimensão existencial, original e criativa em sua expressão e vivência. E essa dimensão é dinâmica, dialética processual. Não se pode reduzir a sexualidade a um substrato único, imitável, eterno. A sexualidade, isto é, as qualidades, as formas e significações da atividade sexual são históricas, processuais e mutáveis. Isto significa que a sexualidade está sempre aberta a novas significações, novas experiências de sentido. (NUNES, 1998, p. 17-18)

Michel Foucault, enquanto um autor crítico da modernidade, elaborou suas teses a respeito da sexualidade procurando entender o processo histórico de construção dos discursos sobre ela. Em sua obra “História da Sexualidade 1: a vontade de saber” (FOUCAULT, 1997) reflete sobre como em nossa cultura fomos aprendendo a significar a sexualidade a partir da idéia de repressão sexual, idéia esta da qual ele discorda, pois em sua análise arqueológica questiona a hipótese repressiva e acrescenta que vivemos sobre a égide de um “dispositivo de sexualidade”. Este dispositivo, afirma o autor, é um dispositivo de poder presente no que denominou “ciência sexual”, desenvolvida nas sociedades ocidentais e que, muito mais do que reprimir, incita-nos a falar sobre o sexo.

Foucault possibilita a apreensão da sexualidade enquanto construção discursiva, desconstruindo as noções de sexualidade naturalizada. Como ressalta Louro (1998, p. 86) trata-se de um dispositivo de poder “a sexualidade, não há como negar é mais do que uma questão pessoal e privada, ela se constitui num campo político, discutido e disputado”. A partir dessas colocações de Louro, pode-se ressaltar aqui a questão das relações de gênero, retomando outras falas desta autora que explicitam que é nas relações de poder que ocorrem as normatizações da conduta entre meninos e meninas, a produção de ‘saberes’ sobre a sexualidade e os corpos, as táticas e as tecnologias que garantem o ‘governo’ e o ‘auto-governo’ dos sujeitos (LOURO, 1997).

Louro (1997) imbuída das colocações de Foucault, argumenta que a escola ocupa um papel primordial na produção das diferenças, pois delimita espaços, segrega, normatiza, classifica e, nesse processo, informa o lugar das pessoas, de meninos e de meninas, de grandes e pequenos, da direção, professores e funcionários, etc. Dessa forma a autora está a salientar que “é indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz”, visto que “a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’ ” (LOURO, 1997, p. 81).

Com a compreensão de que a sexualidade faz parte de todo e qualquer sujeito no mundo, e de que não é possível se ‘despir’ dessa dimensão, é preciso que se pense no papel da educação sexual, como possibilidade de rever ditos, saberes e discursos, e também construir novas significações. Lembrando que “não há uma época para iniciar a ‘educação sexual’ (NUNES, 1997, p. 19)), desde que nascemos como seres sexuados e dessa forma toda e qualquer educação envolve a sexualidade.

“A educação, (...), é um fenômeno social, com todas as suas determinações, sendo também campo da ação humana. (...) toda sociedade ou qualquer grupo social são sempre agências educadoras num permanente processo educacional. Isso porque educação não se

reduz à escolarização ou à instrução, já que se entende que educar é construir redes de significações culturais e comportamentos padronizados, de acordo com os códigos sociais vigentes. A educação sexual, com todos os seus componentes explícitos e implícitos, formais e não formais, não escapa a essa dimensão sociopolítica e cultural. (...) é evidente que a educação sexual também sempre acontece plenamente em todos os grupos sociais, em todas as épocas, em todas as culturas, e se expressa em diferentes paradigmas que se refletem em todos os segmentos e organizações sociais, dentre elas a escola”. (MELO e POCÓVI, 2002, p. 29)

Novamente surge a escola como espaço de educação formal também acerca da sexualidade, como lugar propício a uma crítica sobre os significados e aprendizados socialmente construídos sobre essa temática. Onde pode-se referendar que:

“Educação sexual é pois abrir possibilidades, dar informações sobre os aspectos fisiológicos sobre a sexualidade, mas principalmente informar sobre as suas interpretações culturais e significativas, permitindo uma tomada lúcida de consciência. É dar condições para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal”. (VASCONCELLOS, 1971, p. 111)

Nunes (1997) propõe a construção intencional de uma educação sexual sob uma visão pedagógica e aponta a necessidade de um novo paradigma de educação sexual, pautado em noções de autonomia, ética e uma nova estética do prazer. O autor deixa claro que esta não deixará de ser uma construção discursiva, porém, deverá buscar um novo entendimento da sexualidade, resgatando toda sua dimensão prazerosa, lúdica e política.

Refletir sobre a forma como a sexualidade é significada na cultura, bem como a possibilidade de uma educação sexual que aponte para noções de autonomia, é de fundamental importância para as análises das respostas dos/as adolescentes aos questionários e de suas falas nos grupos focais, nesta pesquisa.

CAPÍTULO 2 - CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DA PESQUISA

Lago (1996), quando analisa a transformação dos espaços em que habitam e por onde circulam os sujeitos de sua pesquisa, na Ilha de Santa Catarina, parte de uma descrição das antigas freguesias, apoiada em relatos de viajantes e na obra de Virgílio Várzea (1984), para tentar etnografar, conforme especifica, o próprio processo de urbanização da cidade e das praias, relacionado também à questão do turismo. Nesta análise, a autora se detém na descrição das freguesias que foram incorporadas pelo espaço urbano, muitas delas como zonas periféricas da cidade habitadas pelas populações de baixa renda, outras como bairros habitados pelas camadas médias e a população de mais alto poder aquisitivo. Alguns destes bairros foram sendo recuperados das camadas populares, conforme aconteceu com o Morro da Cruz, exemplificando a citação de Milton Santos (1979)¹⁶, utilizada pela autora, de que o espaço geográfico apresenta um mapa de diferenciação de classes, inscrito na utilização do solo urbano. Assim, alguns bairros são habitados por populações de mais baixa renda, outros pelas camadas médias ou pelas elites da cidade. Muitos deles são divididos entre as classes, apresentando espaços com moradias populares e ou favelas, próximos a locais mais bem servidos por aparelhos e infra-estrutura/urbanas, habitados por populações de média ou alta renda.

A Costeira do Pirajubaé é habitada, em geral por camadas populares, com menor número de residências de famílias de camadas médias. Embora isto possa mudar brevemente, em função da implantação da Avenida Beira Mar Sul, que tornou o bairro bastante acessível e próximo ao centro da cidade, concorrendo para a valorização dos terrenos e apontando para uma próxima recuperação do local às classes populares, por população de renda mais alta.

O Estreito foi tradicionalmente um bairro com forte expressão de estabelecimentos comerciais, com terrenos não tão valorizados como os do centro de Florianópolis, na Ilha. Embora tenha abrigado esta população de camadas médias ligada ao comércio continental, nas últimas décadas teve uma forte expansão dos bairros habitados pelas camadas populares e também

¹⁶ Citado por Lago, 1996.

de favelas urbanas. Ao lado desta ocupação tem havido, especialmente nos últimos 10 anos, uma forte expansão imobiliária e verticalização das residências, acompanhando o que acontece com toda cidade. Assim, no Estreito encontramos uma população diversificada, em relação à questão da divisão de classes sociais.

A Agronômica, bairro da cidade próximo ao centro e bem servido por estabelecimentos urbanos, apesar de abrigar alguns dos chamados bolsões de pobreza¹⁷, é habitado num movimento gradativo de transformação urbana, pelas camadas médias e pela população de alto poder aquisitivo, em função inclusive de sua proximidade com a Avenida Beira Mar Norte, onde se localizam os metros quadrados mais valorizados da capital de Santa Catarina. A Agronômica, assim, também retrata topologicamente a desigualdade social, mais é um dos bairros em processo de ocupação pela população de maior poder aquisitivo, em função também de ali ter sido localizada a residência dos governantes do Estado e, mais recentemente, vários órgãos dos poderes estaduais e federais, além de estabelecimentos comerciais importantes e do Centro Integrado de Cultura, com teatro, cinema, salas de exposições, oficinas, etc. É também via de acesso para universidades (a Federal, a Estadual, privadas) e para as praias do norte da Ilha, com seus equipamentos turísticos.

Esta descrição que se apóia na obra de Lago (1996), considera um processo que mal começava quando sua pesquisa, realizada entre 1989-91, foi publicada. Esse processo, diz respeito ao crescente poder de atração de Florianópolis, como cidade insular com bons índices de qualidade de vida em relação as grandes metrópoles brasileiras, que tem recebido como migrantes, também uma população de alta renda, que aqui permanece além dos meses de temporada, mudando as feições do município. Aquela cidade que vivia do comércio, das atividades administrativas, estabelecimentos financeiros e setor de serviços – sem expressiva atividade industrial, com dinamismo atrelado a implantação de órgãos federais (UFSC, ELETROSUL, etc), descrita por Lago (1986) é hoje um centro com expressiva circulação monetária, como atestam

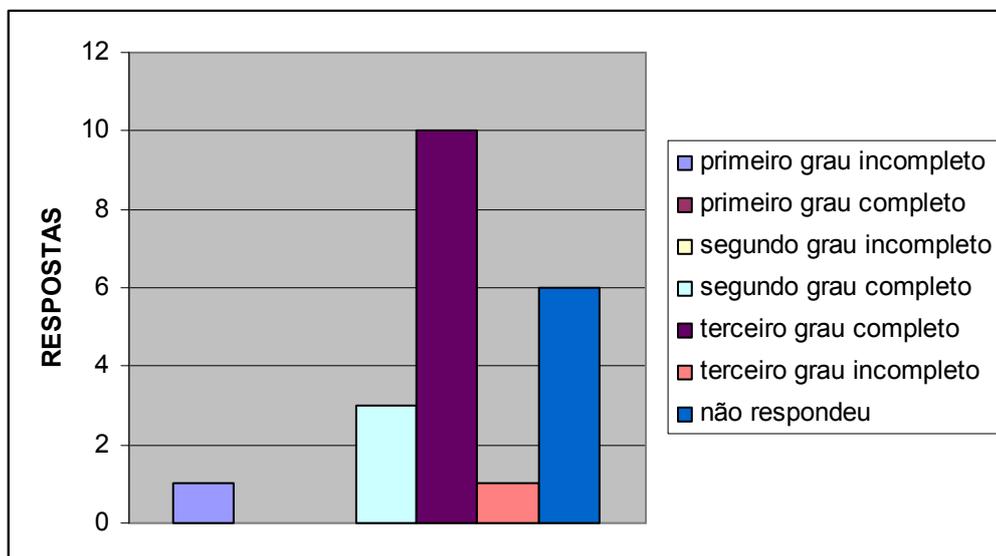
¹⁷ A condição original de periferia urbana do bairro, pode ser avaliada pela localização ali de estabelecimentos como a Penitenciária Estadual (hoje deslocando-se para outro município da Região Metropolitana) e do chamado Abrigo de Menores, uma espécie de asilo para meninos órfãos ou aqueles cujas famílias não os podiam manter, hoje desativado na medida em que aumentam os estabelecimentos que “abrigam” menores infratores, meninos e meninas.

recentes investimentos empresariais de grande porte (Diário Catarinense, 01/05/05, reportagem de Viviane Araújo – Florianópolis coleciona grandes obras).

Esta caracterização sucinta de Florianópolis e dos bairros que abrigam as escolas cujos alunos/as foram os sujeitos da presente pesquisa, procurou diferenciar a estes e às escolas, em termos de posições que ocupam nas hierarquias sociais, instituídas pelas desigualdades de renda e acesso aos bens materiais e simbólicos. Assim, os/as alunos/as que participaram da pesquisa na escola municipal da Costeira do Pirajubaé, fazem parte da população de baixa renda – camadas populares; os/as rapazes e garotas da escola estadual do Estreito pertencem às camadas médias e camadas populares; os/as alunos/as pesquisados na escola privada da Agrônômica, são de camadas médias.

Alguns índices¹⁸, como escolaridade dos pais e responsabilidade sobre a renda familiar corroboram estas colocações.

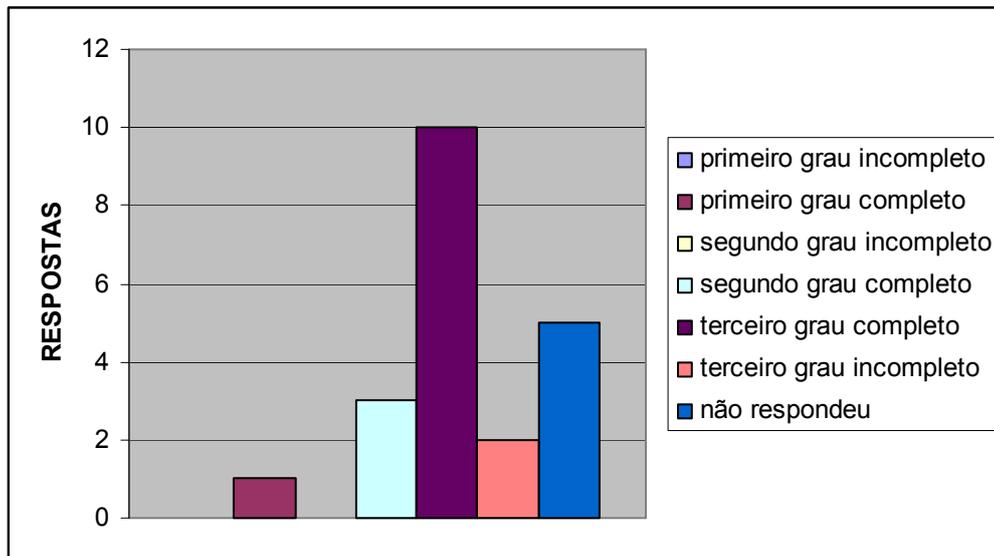
QUADRO I – Nível de Escolaridade dos Pais - Escola Particular



Fonte: Mendes, 2004

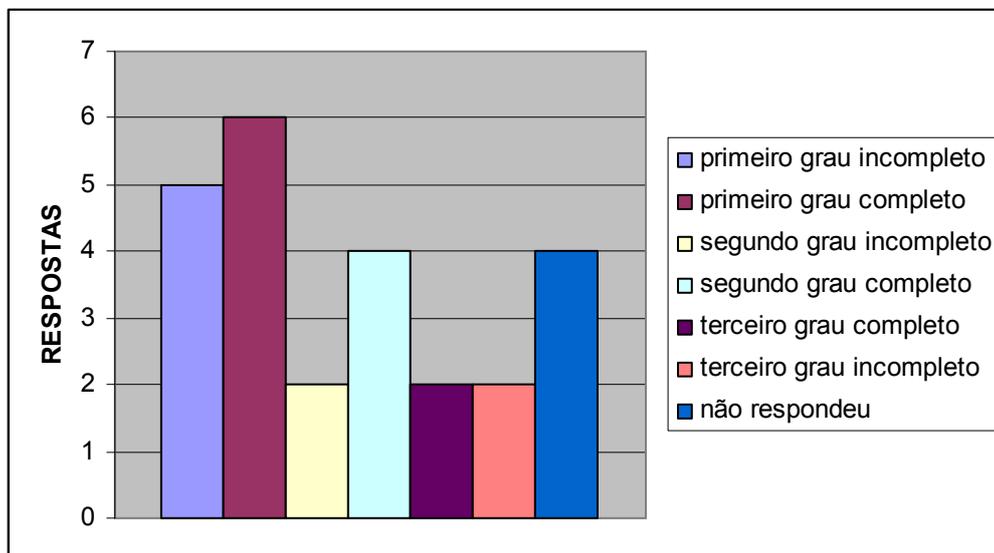
¹⁸ Quadros elaborados a partir das respostas dadas ao questionário, ver questionário em anexo.

QUADRO II – Nível de Escolaridade das Mães - Escola Particular



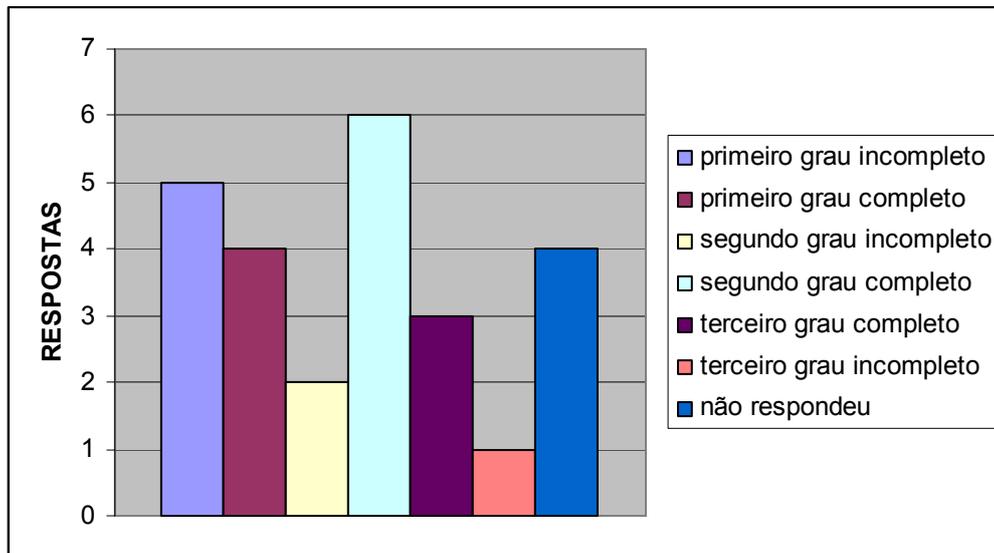
Fonte: Mendes, 2004

QUADRO III – Nível de Escolaridade dos Pais - Escola Estadual



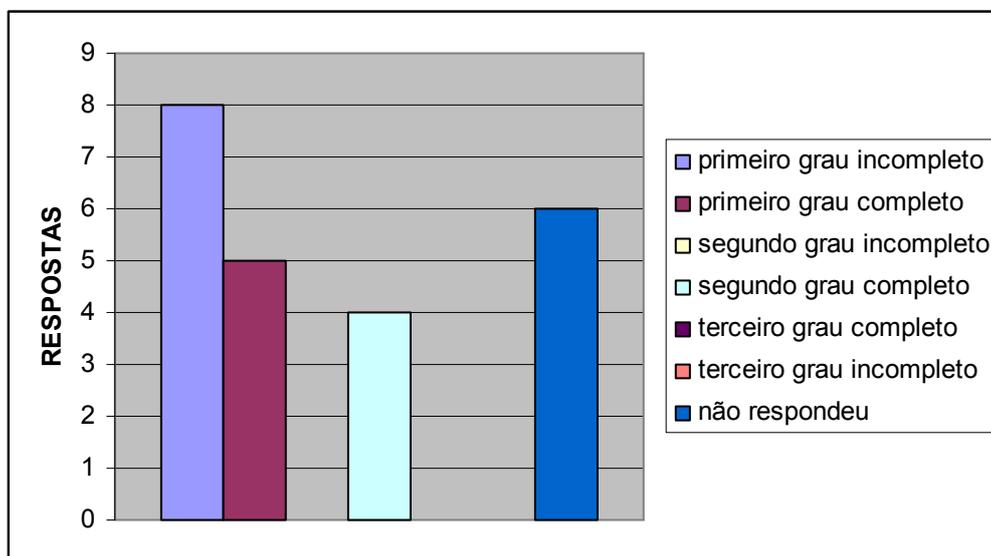
Fonte: Mendes, 2004

QUADRO IV – Nível de Escolaridade das Mães - Escola Estadual



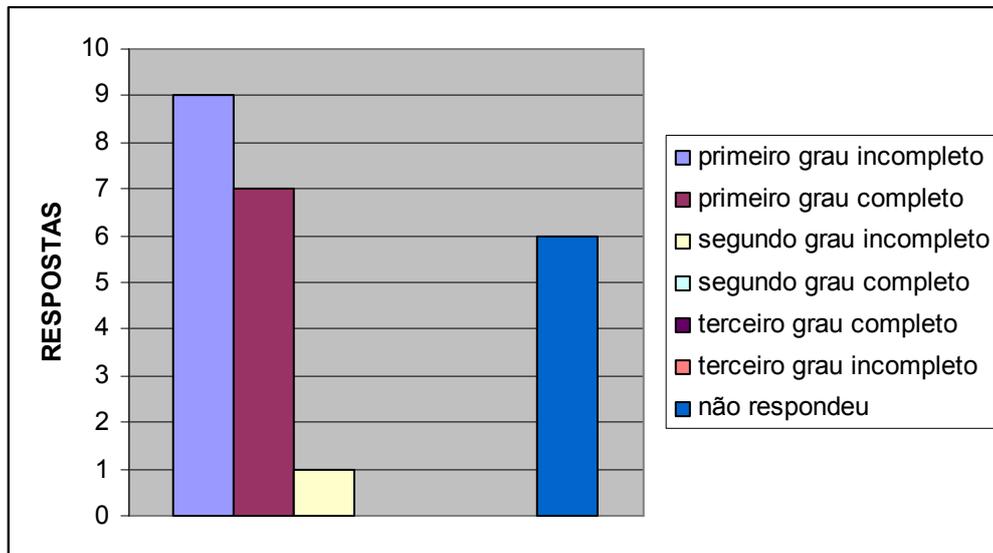
Fonte: Mendes, 2004

QUADRO V – Nível de Escolaridade dos Pais - Escola Municipal



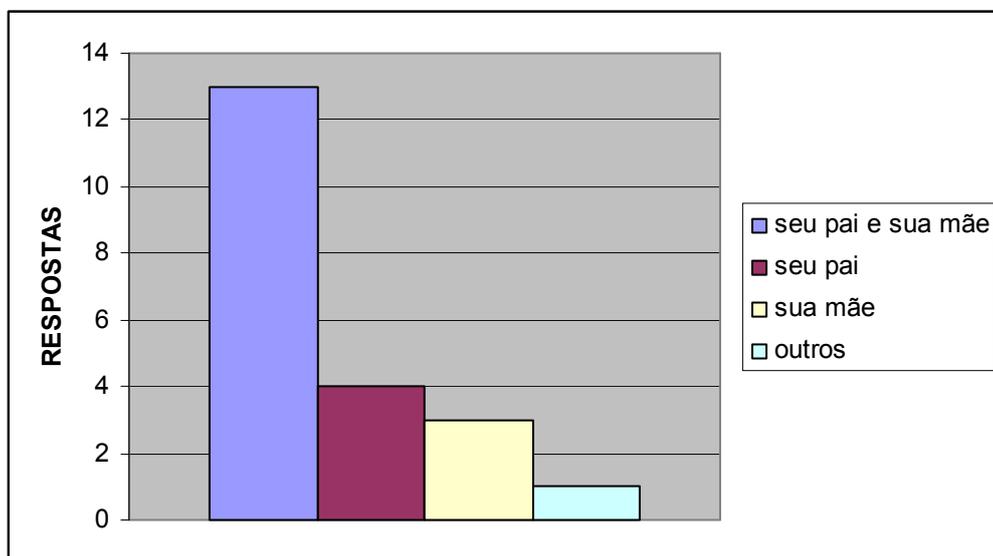
Fonte: Mendes, 2004

QUADRO VI - Nível de Escolaridade das Mães - Escola Municipal



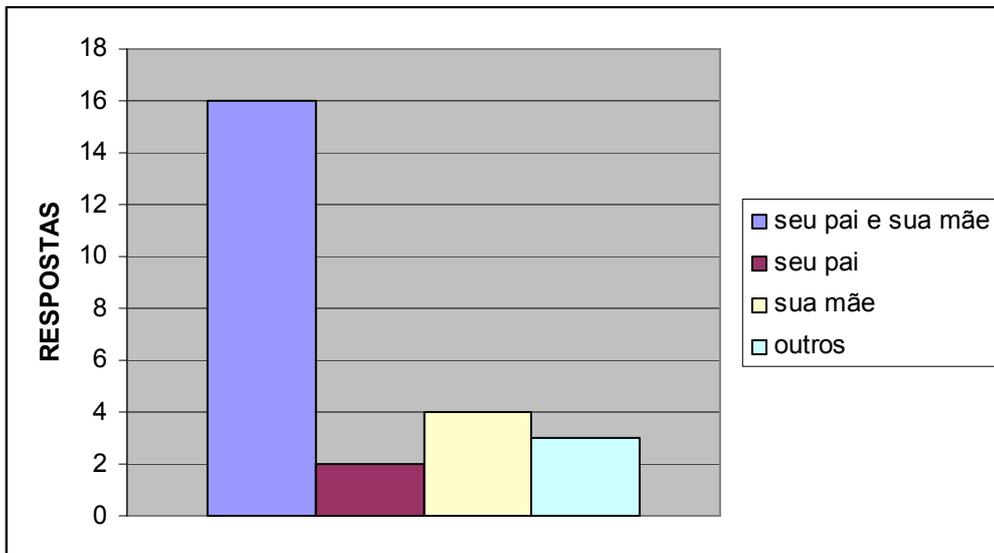
Fonte: Mendes, 2004

QUADRO VII – Responsável pela Renda Familiar Escola Particular



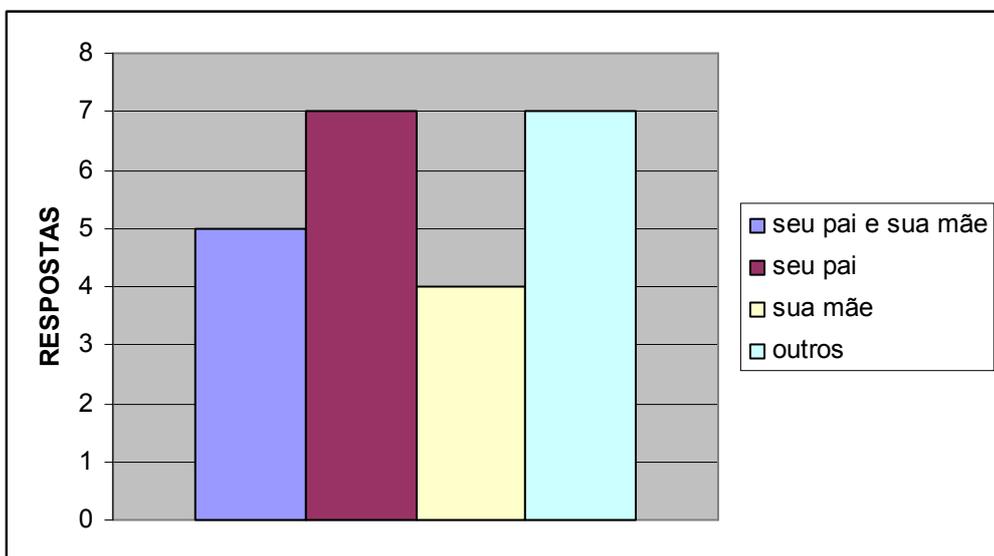
Fonte: Mendes, 2004

QUADRO VIII – Responsável pela Renda Familiar Escola Estadual



Fonte: Mendes, 2004

QUADRO IX – Responsável pela Renda Familiar Escola Municipal



Fonte: Mendes, 2004

CAPÍTULO 3 – REFLETINDO SOBRE A METODOLOGIA ADOTADA

Realizei uma pesquisa qualitativa, buscando ancorar meus procedimentos na compreensão dos/as adolescentes como sujeitos ativos, constituídos social e historicamente na cultura em suas formas de pensar, sentir e agir.

Como expõe Fernando González Rey (1997) o processo de investigação qualitativa é um processo dinâmico e contínuo, que não se esgota em suas formas de expressão e envolve os próprios sujeitos que se relacionam neste processo, gerando uma situação de comunicação que pode apresentar em seu curso elementos relevantes para a construção do conhecimento a qualquer momento da investigação.

Assim, a escolha de metodologia qualitativa, apresentou-se-me como a mais indicada para investigar, junto aos/as adolescentes¹⁹ do Ensino Fundamental de três escolas do município de Florianópolis, **qual o entendimento que possuem sobre adolescência, gênero e AIDS**, procurando, dessa forma, ouvir os significados atribuídos por eles/as a esses temas.

Para a investigação, decidi aplicar um questionário com perguntas abertas e fechadas, seguido da realização de um grupo focal de discussão. A elaboração do questionário deu-se a partir da utilização de instrumento já usado em pesquisa com jovens em Florianópolis (LAGO, SILVA, SANTOS, 1996) ao qual acrescentei questões relacionadas às temáticas centrais deste estudo, atendendo a sugestões da banca de qualificação do projeto de pesquisa. As questões discursivas presentes no questionário, foram utilizadas no roteiro de discussão dos grupos focais.

Roberto Jarry Richardson (1999) salienta que os questionários cumprem pelo menos duas funções em um trabalho de pesquisa: além de possibilitarem a descrição a respeito das temáticas abordadas, permitem também a obtenção

¹⁹ Foram escolhidos adolescentes do Ensino Fundamental, levando em consideração a designação de adolescência adotada pela World Health Organization, que compreende as idades de 10 a 19 anos.

de informações sobre aspectos importantes de um determinado grupo social. Para ele

uma descrição adequada das características de um grupo não apenas beneficia a análise a ser feita por um pesquisador, mas também pode ajudar outros especialistas, tais como planejadores, administradores e outros. (RICHARDSON, 1999 P. 189)

A opção pela realização do grupo de discussão focal sucedendo a aplicação do questionário, deu-se pelo fato da literatura apontar o grupo focal como um instrumento importante em pesquisas com adolescentes. Além de permitir a discussão de temáticas específicas (nessa pesquisa, adolescência, relações de gênero e AIDS), propicia a manifestação mais espontânea de idéias e entendimentos dos/as jovens sobre diversas questões, nos diálogos que estabelecem com o grupo.

Segundo Maria de Nazareth Agra Hassen:

“A técnica do grupo focal permite a identificação e o levantamento de opiniões que refletem o grupo em um tempo relativamente curto, otimizado pela reunião de muitos participantes e pelo confronto das idéias que se estabelece, assim como pela concordância em torno de uma mesma opinião, o que permite conhecer o que o grupo pensa”. (HASSEN, 2002, p.161)

Caminhos trilhados na investigação

A pesquisa foi realizada em três escolas do município de Florianópolis: uma escola estadual; uma escola municipal - Núcleo EJA (Educação de Jovens e Adultos); e uma escola particular. Procurei trabalhar com adolescentes de classes sociais diferenciadas e para que a investigação pudesse abranger contextos diversos, elegi três escolas de diferentes redes de ensino. A escola particular atende às camadas médias da população num bairro da cidade (Agrônômica). A escola estadual atende camadas médias e camadas populares de um bairro antigo e populoso da capital, situado no continente

(Estreito). O Núcleo EJA, na escola municipal de ensino, funciona em um bairro periférico da cidade (Costeira do Pirajubaé) e atende a camadas populares, mais especificamente aos jovens que abandonaram a escola em determinado momento de sua trajetória, ou não conseguiram completar seus estudos nas escolas seriadas de ensino fundamental e médio.

Fizeram parte desta pesquisa, os alunos e alunas de uma turma de 5ª série e uma turma de 7ª série de cada uma das escolas, esclarecendo que os jovens e as jovens do Núcleo EJA, não são distribuídos por série. Os alunos e alunas responderam a um questionário com perguntas abertas e fechadas, sobre as temáticas: adolescência, gênero e AIDS, assim como responderam a questões que envolviam informações sobre seus contextos familiares/sociais.

O Contato com as Escolas

Em uma conversa com a diretora da Escola Particular, apresentei a pesquisa e solicitei a autorização para realização da mesma em turmas de 5ª série e de 7ª série. A diretora esclareceu que no período matutino só havia uma turma de cada série na escola e, após a leitura do questionário que seria aplicado aos alunos e alunas, manifestou-se favorável à realização do trabalho de investigação na 5ª e 7ª séries. Deste modo, foram acertados os dias em que a pesquisa poderia ser realizada, bem como o dia em que deixaria na escola o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”²⁰ para que os pais tomassem conhecimento da pesquisa e autorizassem a participação de seu filho e/ou filha.

Com a Escola Estadual, o contato se deu através da professora de Biologia que mediou minha relação com a direção do estabelecimento, estando comigo no momento de apresentação dos objetivos da pesquisa. Ficou combinado com a diretora, que a professora de Biologia concederia o início de suas aulas para que eu pudesse entrar em contato com os alunos e alunas das turmas em que seriam aplicados os questionários. Assim, dirigi-me às turmas

²⁰ Documento exigido pelos comitês acadêmico de “Ética na Pesquisa”. Conferir em anexo.

para explicitação dos objetivos da pesquisa e entrega do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, para que os alunos e alunas solicitassem aos seus pais e mães, a autorização para participarem da investigação. Posteriormente, haveria um segundo contato.

No espaço da Escola Municipal - Núcleo EJA, a entrada se deu através de uma das coordenadoras que, sendo também uma estudiosa e pesquisadora na área da sexualidade humana, colocou-se à disposição para colaborar, solicitando a participação dos alunos e alunas na investigação. Foi a própria coordenadora quem levou para a Escola os Termos de Consentimento e, ao explicitar os objetivos da pesquisa a ser realizada, distribuiu-os no Núcleo EJA. Quando os/as alunos/as trouxeram as autorizações, a coordenadora marcou comigo o dia da aplicação dos questionários na escola. Alguns solicitaram aos pais, e outros foram respondidos pelos jovens maiores de idade.

A Aplicação do Questionário

O primeiro grupo a ser investigado foi a turma de **5ª série da Escola Particular**. Como o encontro já havia sido marcado anteriormente, cheguei na escola para aplicação do questionário com este grupo da 5ª série e os alunos e alunas já estavam à minha espera; alguns deles/as já entravam falando que estavam trazendo as autorizações. Nesta manhã, a diretora já tinha consigo algumas autorizações e acompanhou uma aluna desta turma, que foi recolhendo com os colegas as demais, devidamente assinadas. Quando estávamos nos encaminhando para a sala, esta aluna informou que um dos estudantes estava chamando sua mãe em casa, pois havia esquecido de solicitar a sua assinatura. Chamou minha atenção o desejo deste garoto em participar da pesquisa.

Acompanhei diretamente a aplicação do questionário com este grupo e, além de explicar os objetivos da pesquisa, pude dialogar e esclarecer dúvidas sobre o instrumento, ao longo de duas aulas, no período da manhã.

Participaram da aplicação do questionário oito garotas e cinco garotos, totalizando 13 participantes na 5ª série. Como esta turma é constituída por 19

alunos/as, seis deles escolheram não participar. Alguns destes dirigiram-se à sala de jogos do colégio, outros chegaram atrasados e não se dispuseram a responder ao questionário. Entre os seis a maioria era de rapazes.

O segundo grupo a participar da investigação, foi o de alunos e alunas da **7ª série da Escola Particular**.

Esta turma é pequena, com apenas sete alunos e duas alunas, e participaram da aplicação do questionário sete garotos e uma garota, totalizando oito participantes.

Também acompanhei a aplicação do questionário com este grupo e esclareci as dúvidas que surgiram, permanecendo com eles/as durante o tempo de duas aulas. Porém, com este grupo o horário disponibilizado pela diretora da escola foi insuficiente e foi necessário tomar o horário de aula da professora de Geografia que entrou na sala e acompanhou os alunos que respondiam às últimas perguntas do questionário. Os estudantes desta 7ª série mostraram - se bastante participativos e interessados em colaborar com a pesquisa.

O número de sujeitos participantes na EMI foi reduzido, em relação as demais escolas, isso se deu pelo fato desta escola ser pequena e possuir apenas uma turma de cada série com poucos alunos e alunas.

Com relação aos alunos e alunas da **Escola Estadual**, combinei que após a entrega do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, entregaria o questionário para a turma da **5ª série**. No dia marcado para a entrega do instrumento, muitos alunos e alunas haviam esquecido suas autorizações assinadas em casa, o que resultou em uma nova combinação. Com auxílio da professora de Biologia, os alunos deveriam trazer suas autorizações ao longo das aulas desta disciplina e a professora, em posse delas, entregaria o questionário que seria respondido em casa por cada um. Nesta turma de 5ª série, percebi que o fato de não ter acompanhado a aplicação do questionário junto aos alunos e alunas, de certa forma, influenciou no número de participantes, pois de 34 estudantes, apenas dez participaram da pesquisa, sendo seis garotos e quatro garotas.

Com a turma de **7ª série desta Escola Estadual**, foi utilizado o mesmo procedimento e o questionário foi entregue aos alunos/as pela professora de

Biologia, sendo que o número de participantes foi maior. De 33 alunos/as da turma, 15 participaram da pesquisa, sendo 11 garotas e quatro garotos.

O contato com os alunos e alunas de **5ª e 7ª série da Escola Estadual** se deu de forma tranqüila, e eles/as, de um modo geral, manifestaram interesse em participar, perguntando sobre os objetivos da pesquisa e o conteúdo do questionário. Posso dizer que, talvez, não tenha funcionado bem deixar os estudantes levarem o questionário para ser respondido em casa, já que não me foi proporcionado um horário para a aplicação do instrumento na escola. Muitos não responderam ao questionário e, como já foi esclarecido menos da metade dos estudantes respondeu ao instrumento. De 33 alunos/as da 7ª série, 15 responderam e, na 5ª série, de 34 estudantes, apenas 10 participaram da pesquisa.

O último grupo a responder o questionário foi o da **Escola Municipal - Núcleo EJA**.

A Educação de Jovens e Adultos funciona a partir de projetos de pesquisa elaborados pelos alunos/as com os professores, considerando os temas de interesse dos estudantes, sendo os conteúdos de ensino trabalhados na execução destes projetos, sem uma divisão das turmas por classe ou seriação.

Segundo José Manoel Cruz Pereira Nunes (2004)²¹ a Educação de Jovens e Adultos – EJA da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, utiliza em sua proposta de trabalho a pesquisa como princípio educativo. Este autor esclarece que, embora o local em que funciona a EJA seja o mesmo de uma escola básica municipal, os objetivos são diferentes dos que encontramos em uma escola de ensino fundamental convencional para crianças. Para ele, as pessoas que estudam na EJA possuem características de vida diferentes, a maioria trabalha, tem família, muita responsabilidade, muitos não puderam estudar na escola convencional na época da infância e da adolescência e, ainda, alguns são fruto de uma história de repetências e frustrações na escola. O curso de EJA é planejado e organizado através de pesquisas em grupos de poucos alunos, estas pesquisas se originam a partir de questionamentos e do

²¹ Nunes, José M. C. P. (2004) Características da Mediação Pedagógica nas Práticas da Educação de Jovens e Adultos da Secretaria de Educação de Florianópolis em 2004. Documento da Divisão de Educação Continuada – S. M. E. de Florianópolis.

interesse dos estudantes, nada é definido antecipadamente, mas sim com os alunos/as. Inscrevem-se na EJA pessoas a partir de 15 anos.

Na noite marcada pela coordenadora do EJA, fui até a Escola para aplicação do questionário e também para fazer uma explanação em um dos grupos que estava discutindo sobre sexualidade, em seu projeto pedagógico.

O fato de ter sido convidada a trabalhar em um dos grupos com o tema sexualidade, fez com que a coordenadora acompanhasse a aplicação inicial do questionário com alunos e alunas de 15 a 20 anos, que respondiam ao instrumento em outro local. Deste modo, cheguei na sala onde os/as jovens estavam respondendo ao questionário no momento final da aplicação, quando alguns garotos já o haviam devolvido para a coordenadora. Pude perceber, nos garotos que ainda respondiam às questões, um interesse em compartilhar as respostas, sendo que as garotas que também estavam envolvidas com o instrumento de pesquisa, posicionaram-se na sala mais distantes dos/as demais colegas, passando a impressão de não quererem dividir suas respostas.

Ficou claro para mim que, mesmo não ficando com os garotos e as garotas no momento da aplicação do questionário, o fato de possibilitar que o instrumento fosse respondido no horário de aula dos alunos/as, sem que tivessem que levar para casa o instrumento fez diferença no número de participantes. Assim, participaram da investigação 12 garotas e 11 garotos, no total 23 jovens.

Foram chamados para participar da pesquisa, deixando as salas onde se encontravam em atividades discentes, todos os jovens na faixa etária de 15 a 20 anos. Duas jovens, de 21 e 22 anos, fizeram questão de responder ao questionário. Na formulação dos quadros não estou utilizando as respostas das moças com idade acima de 20 anos. No entanto, essas jovens quiseram participar do grupo de discussão focal e considere importante a participação das mesmas, pelo fato de terem experienciado uma gravidez não planejada na adolescência.

Considerando as três escolas, participaram dessa etapa da pesquisa, respondendo ao questionário, 69 estudantes, sendo 33 garotos e 36 garotas.

Tabela 2
**Total de Alunos/as que Responderam ao Questionário, nas três
 Escolas**

Escolas	Séries	Garotos	Garotas	Total por Série/Gênero	Total de jovens por Escolas
Escola Particular	5 ^a	05	08	13	
	7 ^a	07	01	08	21
Escola Estadual	5 ^a	06	04	10	
	7 ^a	11	04	15	25
Escola Municipal	EJA	11	12	23	23
TOTAL GERAL					69

Fonte: Mendes, 2004

A Realização dos Grupos Focais

Após um mergulho inicial nas informações obtidas a partir da aplicação dos questionários, passei a refletir sobre a realização do grupo de discussão focal. A princípio, intencionava realizar este procedimento apenas em uma das escolas estudadas. Porém, diante da riqueza das colocações dos/as adolescentes e jovens nos questionários e da diversidade de seus contextos sociais e de idade, pensei que, ao privilegiar um dos grupos, poderia estar perdendo a chance de dar voz a esta diversidade. Deste modo, decidi realizar grupos focais de discussão nas três escolas.

Para a realização do grupo focal, precisei de alguém responsável pela filmagem da discussão e dessa forma, na realização de todos os grupos estive acompanhada da pessoa que filmou as discussões.

Assim, dirigi-me novamente ao Núcleo EJA, em uma noite previamente combinada com a coordenadora. Chegando à escola, desta vez pude esclarecer os objetivos do grupo de discussão focal com as professoras e fiquei aguardando em uma sala a chegada dos jovens que haviam participado da aplicação do questionário e que se dispuseram novamente a participar da pesquisa.

Coloquei-me a organizar as carteiras da sala em círculo e, na medida em que os alunos e alunas chegavam, já se posicionavam para a discussão dos temas. Em razão da filmagem, quatro jovens não quiseram participar, pois não recordavam que o grupo focal seria filmado e se recusaram a entrar na sala, alegando estarem encabulados.

Com a explicação do objetivo do grupo de discussão focal aos participantes, os esclarecimentos acerca da utilização das imagens e a apresentação de todos/as com especificação de suas idades, iniciei o debate seguindo o roteiro de questões previamente formuladas.²²

Participaram desta discussão sete garotas sendo uma com 23 anos, uma com 16 anos, duas com 17 anos, uma com 18 anos, uma com 19 e outra com 22 anos. Também participaram seis garotos, dois com 16 anos, três com 17 anos e dois com 18 anos.

O grupo interagiu de forma dinâmica na discussão dos temas apontados. De um modo geral, os participantes não se inibiram, deixando claros os seus posicionamentos e opiniões.

Os/as jovens do Núcleo EJA, ao final das discussões, solicitaram um retorno sobre seus posicionamentos frente às questões investigadas, fato que resultou em mais um contato com esses/as estudantes, para assistirem ao vídeo produzido.

O encontro de *feedback* transcorreu de forma inusitada, pois o vídeo da escola não funcionou adequadamente, ficando difícil o entendimento das falas.

²² Este foi um procedimento adotado em todos os grupos. Conferir o roteiro dos grupos focais em anexo.

Porém, serviu como mais uma possibilidade de dialogar com os/s jovens, na medida em que pude pontuar (com as garotas que ficaram, apesar das dificuldades técnicas), algumas falas e posicionamentos deste grupo como, por exemplo, o fato da maioria deles/as delegarem, em suas colocações, o cuidado com a prevenção da gravidez para as garotas.

Com a Escola Particular, marquei com a diretora, através do telefone, a manhã em que realizaria o grupo de discussão focal junto à 7ª série²³. No dia agendado fui até a escola acompanhada pelo responsável pela filmagem e a turma já me aguardava na sala de aula.

Estavam presentes sete garotos, sendo dois de 14 anos e cinco de 13 anos, também duas garotas, uma com 14 anos e a outra com 13 anos. Neste dia estava faltando um garoto que havia participado da primeira etapa da pesquisa respondendo ao questionário, e esteve presente uma garota que não havia participado do primeiro momento da investigação. A ausência do garoto não foi justificada, mas a presença da garota com a autorização dos pais foi confirmada pela diretora da Escola.

A participação desse grupo nas discussões foi mais comedida, os/as jovens se mostraram um pouco inibidos diante das questões e as respostas foram curtas, sem muito debate. Os/as participantes desse grupo possuíam pouca idade e apresentavam experiências de vida diferentes das experiências vividas pelos/as jovens do EJA, de idades maiores.

Para aplicação do grupo de discussão com os/as alunos/as da Escola Estadual, combinei pessoalmente com os/as estudantes da 7ª série, o dia em que a filmagem seria realizada. Ficou decidido que os/as alunos/as viriam até a escola em um dia à tarde e também acordamos que neste mesmo dia faríamos um lanche.

Após esta ida até a escola, novamente encaminhei, através da professora de Biologia um Termo de Consentimento explicando o objetivo da filmagem e informando aos pais o local, o dia e a hora da mesma. Os alunos e

²³ Como não poderia pegar estudantes das 5ª e 7ª séries da Escola de Educação Básica Irineu Bornhausen, pelo número elevado de alunos/as e considerando o fato dos alunos/as da 5ª série terem, em média, 10, 11 anos, optei por realizar a técnica apenas com alunos/as de 7ª série, com idades entre 13, 14 anos, nas duas escolas seriadas.

alunas deveriam trazer o documento assinado pelo pai, mãe ou responsável, pois viriam participar do grupo focal fora do horário de aula.

No dia marcado, vieram seis participantes sendo dois garotos, um com 14 e outro com 13 anos, e três garotas de 13 anos, que chegaram com os consentimentos assinados. A professora de Biologia esteve presente na sala de aula, assistindo a realização do grupo focal.

A discussão das questões com este pequeno grupo, deu-se de forma bastante participativa e o debate foi acalorado, havendo divergências nas opiniões por parte dos garotos e garotas. Neste grupo, embora as idades fossem as mesmas dos/as alunos/as da Escola Particular, o grupo se diferenciou, pois não manifestou nenhum constrangimento na participação.

Quando encerramos a discussões nessa escola, lanchamos juntos e continuamos conversando sobre as questões relativas à prevenção e à saúde sexual, momento em que pude esclarecer com os garotos e garotas participantes o quanto os encontrei envolvidos e preocupados com as questões que estavam sendo discutidas. Houve um aluno que, sabendo que discutiríamos sobre AIDS, trouxe um material informativo que consultou, esclarecendo dúvidas dos/as colegas ao longo dos questionamentos.

Nessa segunda etapa da pesquisa, dos três grupos de discussão focal participaram ao todo 27 estudantes, sendo 12 moças e 15 rapazes.

Tabela 3

Total de Alunos/as que Participaram dos Grupos Focais

Escolas	Séries	Garotos	Garotas	Total
Escola Particular	7 ^a	07	02	09
Escola Estadual	7 ^a	02	03	05
Escola Municipal	EJA	06	07	13
TOTAL				27

Fonte: Mendes, 2004

CAPÍTULO 4 – TRABALHANDO COM OS SIGNIFICADOS PRESENTES NOS QUESTIONÁRIOS

O questionário, como já foi explicitado, constou de questões abertas e fechadas. Para a análise das informações obtidas através desse instrumento, elaborarei alguns quadros para uma melhor visualização das respostas. Porém, com relação a algumas questões de múltipla escolha e questões discursivas, cujas respostas foram muito diversificadas, dificultando a construção de quadros, procurei apenas sintetizar as informações²⁴.

Escola Particular 5ª série

Os estudantes da 5ª série da escola Marco Inicial, com idades entre 10, 11 anos, na sua maioria, moram com seu pai e sua mãe, na média possuem apenas um irmão ou irmã, seus pais e mães possuem escolaridade superior e a renda familiar é de responsabilidade de ambos. Todos eles/as não trabalham.

As profissões de seus pais são: promotor de eventos, médico veterinário, administrador de empresas e gerente de banco, comerciante, empresário, analista de sistemas, engenheiro mecânico, gerente de segurança, economista, diretor de escola e engenheiro, balconista de farmácia, engenheiro civil. E de suas mães: diretora de escola, farmacêutica e bioquímica, escritã judicial, três possuem a mesma profissão, funcionárias públicas, engenheira sanitária, administradora e dois alunos/as não indicaram a profissão de suas mães.

O lugar que as garotas mais gostam de ficar é em casa, algumas afirmaram gostar de viajar, ir ao cinema e ainda, ficar na casa das amigas, ou ir ao encontro de familiares que moram fora de Florianópolis. Os garotos também gostam de ficar em casa, mas apontaram a *lan house*, como um lugar de preferência.

Os/as melhores amigos/as das garotas e dos garotos encontram-se na escola, havendo quem indicasse amigos/as presentes no bairro.

²⁴ Esse foi um procedimento utilizado na leitura das informações nas três escolas pesquisadas.

Nessa turma os estudantes, em sua maioria, pertencem a um grupo de amigos formado pelos pais e mães com filhos/as matriculados nesta escola.

Com relação ao que fazem nas horas vagas, as garotas registraram que costumam ir ao cinema e navegar na Internet, indicando ainda a TV e os esportes, como alternativas de lazer. Os garotos costumam ir ao cinema, ouvir música e navegar na Internet, bem como sair com os amigos, ver TV e passear no *shopping*.²⁵

Diante da pergunta sobre o relacionamento com seu pai e sua mãe, de um modo geral, os/as estudantes têm um bom relacionamento com ambos, embora tenham apontado que há momentos em que o pai ou a mãe é muito exigente, ou que brigam em algumas situações, ou ainda que os percebem chatos às vezes, mas finalizando suas colocações com afirmações como: “eu os amo muito, são muito legais”. Quanto ao que menos gostam e ao que mais gostam em suas famílias, as respostas variaram entre gostarem da alegria e da harmonia, do carinho presente na família e não gostarem das brigas entre o pai e a mãe, e das brigas entre irmãos/ãs.

Quanto à religiosidade, garotos e garotas, na maior parte se designaram católicos, havendo um garoto que afirmou ser apenas cristão e um outro que alegou não possuir religião alguma. Embora a grande maioria tenha afirmado pertencer a religião católica, diante do questionamento acerca de praticar a religião, afirmaram que praticam mais ou menos.

As garotas se interessam por um garoto por ele ser bonito e companheiro, alternativas mais assinaladas. Já os garotos, interessam-se por uma garota por ela ser bonita, inteligente, alegre e companheira, sendo que foram unânimes nessa afirmação.

Ao mencionarem o que os/as levariam a ter uma relação sexual, estar apaixonado/a foi a colocação tanto dos garotos como das garotas, havendo uma aluna que justificou que o que a levaria a uma relação sexual seria o fato de estar casada²⁶.

²⁵ Nessas questões procurei trazer as alternativas mais assinaladas pelos/as estudantes. Procedimento utilizado em todas as séries pesquisadas das duas escolas e no EJA.

²⁶ Nenhum/a jovem já experienciou uma relação sexual nessa turma.

Frente ao questionamento sobre a virgindade, expressaram que para eles/as é algo natural, acrescentando às suas explicações as palavras “hora certa” e ainda, o medo de uma relação sexual.

Sobre a questão da gravidez não planejada, responderam que ela ocorre pela falta de diálogo com os pais, alguns também apontaram o fato da escola muitas vezes não trabalhar com educação sexual e pela falta de informação dos jovens.

Com relação à responsabilidade pela gravidez não planejada, grande parte respondeu ser tanto do garoto quanto da garota, apenas um garoto disse que é a garota quem deveria assumir essa tarefa.

A maioria dos/as alunos/as afirmou não conversar sobre sexo com ninguém. Porém, quando questionados/as sobre o diálogo sobre sexo com os pais e mães, responderam de forma diversa.

Diante da indagação sobre DSTs (doenças sexualmente transmissíveis), três garotos e seis garotas disseram não saber o que é DST e os/as demais disseram o que significa a sigla.

Sobre a AIDS, todos a compreendem como uma doença, apenas um garoto disse que a AIDS não é uma doença. Informaram terem ouvido falar dessa doença através de jornais, televisão, revistas, postos de saúde. Mesmo não apresentando indícios de que discutem muito sobre a temática da AIDS, os/as garotos/as possuem informações sobre as formas de infecção pelo vírus HIV.

Frente à afirmação de que as jovens mulheres vem sendo as mais atingidas pelo vírus da AIDS, as garotas afirmaram que isso se deve ao fato delas engravidarem, por isso contraem o HIV, argumentaram ainda que os homens é que atraem as mulheres ou as estupram. Os garotos explicaram que as mulheres correm mais riscos, pois são os homens que espelem os gametas e também apontaram que os homens forçam as mulheres a ter relações sexuais. De um modo geral todos/as mencionaram o não uso da camisinha como a principal razão para esses altos índices.

Quanto a se considerarem adolescentes, as opiniões variaram, alguns se consideram adolescentes, outros/as ainda não se consideram e há ainda aqueles/as que se consideram mais ou menos. Ao serem questionados acerca

do modo como a mídia pensa e apresenta os/as adolescentes, a maioria dos garotos disse concordar com a mídia, havendo garotos que discordaram, já as garotas foram unânimes na discordância, argumentando que os/as jovens são diferentes e que a mídia os iguala aos descrevê-los. As opiniões sobre como percebem os adolescentes hoje também foram muito variadas, alguns percebem os/as adolescentes como metidos/as, outros como rebeldes, e há os que os/as percebem como muito responsáveis e normais.

Frente ao questionamento sobre se existem diferenças entre ser um homem e ser uma mulher em nossa cultura, os garotos, em sua maioria responderam que não existem diferenças, sendo que um garoto afirmou que a diferença se faz presente apenas na biologia. As garotas se dividiram mais na resposta a esse questionamento, algumas afirmaram não existirem diferenças, argumentando que tanto os homens como as mulheres são seres humanos e importantes enquanto pessoas, outras disseram haver diferença, divergindo na justificativa para essa afirmação. Argumentaram assim, que a diferença é física e também reside no modo de ser, apontando que os homens são mais fortes que as mulheres, acham que podem tudo e as mulheres são medrosas.

Ser um garoto adolescente ou uma garota adolescente nos dias de hoje, para os estudantes significa correr mais perigo, aprender a dizer não, ser muito responsável, mais exigente e organizada do que os garotos. Para as estudantes, as opiniões estiveram centradas no que fazem os/as jovens de um modo geral na adolescência, como sair, ir a festas, namorar, experimentar bebidas alcoólicas etc.

Sobre saúde as garotas disseram que é algo que devemos ter e cuidar, que é importante e essencial à vida, especificaram ainda, que possuir saúde é ser uma pessoa que faz ginástica e tem uma alimentação saudável. Os garotos centraram suas respostas nos cuidados que devemos ter para possuir saúde, alegando também a importância de uma boa alimentação e de exercícios físicos.

Escola Particular 7ª série

Antes de apontar as respostas dadas por este grupo aos questionários, preciso esclarecer, como já foi colocado anteriormente, que esta turma é composta de apenas nove alunos, sendo sete garotos e duas garotas. No dia da aplicação do questionário apenas uma garota foi a aula. Desse modo os percentuais apresentados nos quadros não poderão ser considerados representativos de todo o grupo.

Com relação aos estudantes da 7ª série dessa escola, na sua maioria com 13 anos de idade, diferentemente dos alunos e alunas da 5ª série, três garotos moram apenas com suas mães, todos nesse grupo possuem um irmão ou irmã, somente um garoto possui três irmãos por parte de pai. A renda familiar é distribuída de diferente maneira nas famílias desses/as jovens. A escolaridade de seus pais e mães varia, sendo que as mães possuem na maior parte, terceiro grau completo. Nessa série, também, nenhum aluno/a trabalha.

As profissões de seus pais são: vendedor, bancário e engenheiro civil, funcionário público, pequeno empresário, administrador de empresas, dono de serigrafia e companhia de teatro, bibliotecário, analista de sistema. E, de suas mães: repórter, farmacêutica e bioquímica, professora, doceira, do lar, dona de restaurante, funcionária pública.

O lugar que os garotos mais gostam de ficar é em casa, mas com amigos, com a família e ainda na casa de amigos. A garota²⁷ não respondeu a esta questão.

Os melhores amigos, da garota, estão na escola e na turma do inglês. Os garotos afirmaram, em sua maioria, que seus melhores amigos são da escola e do bairro, havendo aqueles que apontaram apenas os amigos da escola e um garoto que também incluiu os amigos da religião.

Nessa turma uma garota e um garoto afirmaram pertencer a um grupo de amigos da escola, em que costumam sair e viajar aos fins de semana. Apenas um garoto disse não pertencer a nenhum grupo de amigos e os demais pertencem a grupos de amigos da Internet e da religião.

²⁷ Nessa turma apenas uma garota respondeu ao questionário, conforme já foi esclarecido.

Nas horas vagas, costumam navegar na Internet, item mais assinalado por todos, mas também assistem TV, vão ao cinema, ouvem música e praticam esportes.

Diante da pergunta sobre o relacionamento com seu pai e sua mãe, os/as jovens nessa série aprofundaram mais suas respostas acerca de como os/as percebem, apontando os defeitos e as qualidades. De um modo geral, o relacionamento é bom, tanto com o pai como com a mãe. Quanto ao que menos gostam e ao que mais gostam em suas famílias, responderam que gostam quando estão juntos, da união, da alegria, de compartilhar bons momentos e não gostam de brigas, de quando se comportam com muito orgulho, ou ficam ligados em coisas fúteis demais.

A religião Católica foi a religião mais citada pelos/as alunos/as, havendo nesse grupo um aluno que pertence a profissão de fé Testemunha de Jeová e um aluno que afirmou não possuir religião, mas acreditar em Deus. Com relação a praticar a religião, a maioria disse que não pratica.

Esses/a adolescentes se interessam por uma pessoa pelo fato dela ser bonita e inteligente, além de gostar das mesmas coisas, ser alegre e companheira.

Com relação à pergunta sobre o que os levaria a ter uma relação sexual, a maioria declarou que seria motivada por estar apaixonada, havendo quem afirmasse que a curiosidade também seria um fator que os levaria a uma relação sexual bem como, o fato de amigos já terem se iniciado sexualmente. A confiança foi apontada como algo importante na decisão de ter experiência sexual²⁸.

Frente ao questionamento sobre a virgindade, os alunos e a aluna disseram que é algo muito pessoal, afirmaram que só querem perdê-la com alguém especial, apontaram também que percebem nos dias atuais uma urgência dos/as jovens em deixarem de ser virgem e de modo geral encaram a perda da virgindade como natural.

Com relação à gravidez não planejada na adolescência, os jovens nesta turma afirmaram que os fatores que levam a esta gravidez se devem a falta de

²⁸ Nenhum/a jovem já experienciou uma relação sexual nessa turma.

informação e à ausência de diálogo com os pais. A garota também apontou a imaturidade dos jovens.

A responsabilidade por evitar uma gravidez para todos nesse grupo é do garoto e da garota, sendo que um garoto enfatizou que os pais são responsáveis na medida em que não dialogam sobre a temática da sexualidade com seus filhos e filhas.

Diante do questionamento sobre com quem conversam sobre sexo, as opiniões dos garotos e da garota desse grupo variaram, apenas um garoto não conversa com ninguém e quanto a conversarem com os pais e mães, a maioria disse conversar apenas sobre alguns assuntos.

As Doenças Sexualmente Transmissíveis são de conhecimento de todos os garotos e da garota dessa série e compreendem a AIDS como uma doença. As informações sobre a AIDS são obtidas através das mídias, da escola e um garoto afirmou que na rua também se aprende sobre essa doença.

Diante da afirmação sobre o índice da infecção pelo HIV estar aumentando nas mulheres jovens, os garotos e a garota dizem que muitas são estupradas, às vezes transam cedo demais e são facilmente influenciadas. Não centraram suas explicações na questão do não uso da camisinha.

Quanto a se considerarem adolescentes, todos os/as estudantes se consideram adolescentes. Para eles/as ser adolescente significa estar em uma etapa de desenvolvimento maravilhosa, estar vivendo um momento em que os gostos estão mudando, em que não se é mais criança, mas ainda não se é adulto, enfim, fazer parte de uma fase de transformações não apenas no corpo, mas na mente também.

Quando questionados se concordam com o modo como a mídia apresenta os adolescentes, disseram que não, esclarecendo que a mídia exagera, mostra muito os aspectos negativos da adolescência. Houve ainda um jovem que afirmou concordar mais ou menos com a mídia.

Os/as jovens percebem os/as adolescentes hoje como mais facilmente atingidos pelas drogas e pela violência, com novas idéias e um pouco precipitados (com relação a ter filhos/as). Também apontam que os/as compreendem em um momento em que os hormônios estão começando a agir, em que começam a se virar sozinhos, são mais fortes, inteligentes e maduros.

Houve um jovem que apontou a prostituição como algo que inicia na adolescência.

Diante dos questionamentos sobre se há diferenças entre ser um homem e ser uma mulher em nossa cultura, a maioria disse haver diferença, sendo que alguns garotos colocaram não haver essa diferença. Os/as que afirmaram haver diferença, argumentaram que há muito preconceito com relação as mulheres, elas ainda são discriminadas nos empregos. E àqueles que disseram não haver diferenças, alegaram que homens e mulheres hoje estão tendo as mesmas chances e ambos são chefes de família.

Com relação a ser uma garota adolescente ou um garoto adolescente, a garota esclareceu que a adolescente tem que tomar muito cuidado com os garotos para não ser influenciada ou ficar falada, houve um garoto que concordou com essa colocação apontando que é mais difícil ser garota pela questão da virgindade. Já um outro garoto disse que ambos devem tomar cuidados, pois qualquer um dos dois corre perigos hoje em dia, com uma diferença a mais em suas colocações, para ele o garoto é mais influenciado. Outro garoto, ainda, disse que as diferenças residem mais no corpo físico, pois ser uma garota ou um garoto é relativamente igual. Os/as estudantes apontaram também que nessa etapa é preciso começar a se preparar para a vida.

Sobre saúde os/as jovens apontam que é importante tê-la, é essencial para que possamos estar vivos, expressam ainda que ter saúde é estar de bem consigo mesmo e que precisamos tomar os cuidados necessários com a nossa saúde.

Escola Estadual 5ª Série

Os/as alunos/a da 5ª série da Escola Estadual, nas idades entre 10, 11 anos, em sua maioria, moram com o pai e com a mãe, havendo um garoto e uma garota que moram apenas com suas mães. Todos os garotos possuem irmãos ou irmãs e as garotas também, sendo que apenas uma garota não possui. A renda familiar, de um modo geral, está distribuída entre o pai e a

mãe, em alguns poucos jovens é apenas a mãe quem sustenta a casa ou apenas o pai. A escolaridade dos pais e das mães varia entre 1º grau incompleto e completo, 2º grau completo e 3º grau completo. Nenhum dos/as estudantes trabalham.

As profissões de seus pais são: garçom, vendedor, pedreiro e gari, mestre de obras, publicitário, *motoboy*, trabalha com comida, chefe de manutenção. E, de suas mães: auxiliar de enfermagem, modelista, funcionária pública, do lar, trabalha na biblioteca, babá, professora.

O lugar que os garotos e as garotas mais gostam de ficar é em casa.

Os melhores amigos dos/as alunos/as se encontram na escola e no bairro.

Quanto a pertencerem a grupos de amigos/as, as garotas afirmaram pertencer a grupos da catequese e da religião (carismáticos), enquanto os garotos reafirmaram que seus amigos se encontram nos grupos da escola e do bairro.

Nas horas vagas as garotas preferem dançar, ouvir música e praticar esportes, já os garotos preferem praticar esportes e assistir TV.

Diante da pergunta sobre o relacionamento com seu pai e sua mãe, tanto os garotos, como as garotas, afirmaram possuir uma boa relação com seu pai e sua mãe e apresentaram em suas respostas observações acerca dos defeitos e qualidades de ambos. Quanto ao que menos gostam e ao que mais gostam em suas famílias, eles/as afirmam que mais gostam da união, das coisas boas que acontecem na convivência e são contundentes com relação a não gostarem das brigas e da falta de união.

Com relação à religião, os/as estudantes disseram-se católicos praticantes, havendo apenas um garoto que afirmou ser da Igreja Batista, porém também praticante.

As moças costumam se interessar por um garoto pelo fato dele ser companheiro e alegre. Os rapazes se interessam quando as garotas são companheiras e inteligentes.

Os/as jovens afirmaram que o que os/as levariam a ter uma relação sexual seria o fato de estarem apaixonados/as²⁹.

Sobre a virgindade, as opiniões foram diferentes. Uma garota disse que há um lado bom e um lado ruim, sendo bom se guardar para quem se ama, e ruim ter curiosidade em perdê-la e não poder. Outra garota disse ser algo sério, e uma outra, ainda, afirmou que as mulheres devem mantê-la. Os garotos se limitaram ao conceito de virgindade, apontando que só é virgem aquele/a que ainda não vivenciou uma relação sexual.

Frente à gravidez não planejada na adolescência, os/as estudantes enfatizaram que isso acontece pela falta de conversa com os pais, e um garoto argumentou que “porque as amigas fazem e elas (as garotas) não querem ficar por baixo”.

Quanto à responsabilidade por evitar uma gravidez, todos responderam que é de ambos (do garoto e da garota), havendo uma estudante que disse que a responsabilidade é apenas da moça.

Com relação a conversarem sobre sexo com seus pais, as respostas variaram bastante entre aquele/a que costuma conversar abertamente, aqueles/as que conversam somente alguns assuntos e às vezes, e ainda, aqueles/as que nunca conversam.

Sobre o conhecimento acerca das DSTs, as garotas esclareceram que sabem o que é, e especificaram, em suas respostas, o conceito de DSTs. Já os garotos, quatro deles colocaram não saber o que significa DSTs, e um garoto apenas respondeu saber o que significa esta sigla. Em relação ao conhecimento sobre AIDS, todos/a conhecem essa doença.

Diante da afirmação sobre o índice da infecção pelo HIV estar aumentando nas mulheres jovens, as alunas apontaram que em sua opinião: as moças estão iniciando muito cedo a vida sexual; não estão se cuidando, estão aceitando transar sem camisinha; há a falta de instrução; o fato acharem que com elas não acontecerá e finalmente por confiarem demais nos parceiros. Os alunos centraram suas respostas na ausência dos cuidados preventivos, indicando o não uso da camisinha.

²⁹ Nenhum/a jovem já experienciou uma relação sexual nessa turma.

Nessa série apenas dois garotos se consideraram adolescentes, os/as demais acham que ainda não estão vivenciando a adolescência. Para eles/as ser adolescente significa ser mais velho, mais maduro, responsável, pois consideram a adolescência como uma etapa em que os jovens se libertam e tem mais controle sobre si mesmos, preocupam-se mais e estão saindo da infância, entrando na vida adulta. Afirmaram também, que essa etapa da vida é a mais complicada, cheia de decisões e indecisões e em contrapartida, que é a melhor etapa, porque na adolescência se namora e se pode ganhar o seu próprio dinheiro.

Questionados se concordam com a forma como a mídia apresenta o/a adolescente, a maioria dos/as jovens não concordam com a mídia, apenas uma garota e um garoto disseram que concordam. Os argumentos tanto dos que concordaram com a mídia, quanto dos/as que discordaram foram variados, giraram em torno do modo como eles/as percebem a adolescência, e também alegaram que a mídia não apresenta a realidade, mostra apenas ilusões.

Com relação à pergunta sobre como percebem o adolescente hoje, novamente os argumentos foram os mais variados: uma jovem disse: “um rebelde sem causa”; “o adolescente de hoje tem mais responsabilidade e conversa mais sobre sexo e AIDS”; “muitos adolescentes não se preocupam muito com suas vidas e acabam se metendo no mundo das drogas”; “querem tudo, mas não sabem nada sobre a vida e suas dificuldades”; “como uma segunda idade da vida”; “eles são donos de si, acham-se adultos, não escutam os pais, saem de casa, aí se metem nas drogas”; “pessoas mocinhas”; “hoje o adolescente fica mais maduro que no ano passado”; “educado” e houve um garoto que não respondeu.

Quanto à indagação se há diferenças entre ser um homem e ser uma mulher na sociedade em que vivemos, a maioria afirmou não haver, alegando que hoje as mulheres fazem coisas que não faziam no passado. Aqueles/as que disseram haver diferenças argumentaram: “hoje em nosso dia-a-dia os homens são os vagabundos, também dependendo de certas mulheres”; “pela força física, pelos atos e pelos preconceitos”; “a mulher se ela trabalhar mais duro que o homem, ela ganha menos e o homem ganha mais”; “porque a mulher é mais discriminada em pleno século XX”.

Quando questionados/as sobre o que pensam sobre ser um garoto e ser uma garota adolescente nos dias de hoje, diferentemente dos/as jovens da 5ª série da escola Marco Inicial, que pouco argumentaram sobre esse questionamento, os/as estudantes desse grupo apontaram: “os garotos de hoje são mais folgados do que as garotas”; “ser uma garota é pensar que pode estar livre para fazer o que quer, com exceções, e ser um garoto é ficar olhando as meninas jogar futebol”; “penso que as garotas de hoje não se interessam por algo interessante, se interessam em namorar e transar. E os garotos só se interessam pela beleza das mulheres e não pelo que elas têm por dentro”; “ser independente, sair e não falar nada para os pais, sair com o carro dos pais etc”; “às vezes não dá para sair sozinho tem que sair com os pais”; “legal”. Houve ainda um garoto que disse que não quer ser um adolescente e um outro que não respondeu.

Além do que os/as jovens da escola Marco Inicial já haviam colocado, sobre saúde, acerca da sua importância, os/as garotas desse grupo expuseram que: “saúde é ter o que comer, vestir etc (cuidar-se)”; “saúde é fundamental para vivermos até certa idade”. Esses/as estudantes trouxeram outros elementos para se pensar saúde, como as condições gerais de existência e ainda a questão da longevidade.

Escola Estadual 7ª Série

Os/as estudantes da turma de 7ª série da Escola Estadual, com idades na faixa de 13 a 15 anos, em sua maioria moram com o pai e a mãe, havendo quem more apenas com a mãe, com avós e com irmãs. Todos os garotos possuem pelo menos um irmão ou irmã, as garotas em um número maior, também possuem irmãos/ã, sendo que uma garota é filha única. A responsabilidade pela renda familiar, na maioria das famílias dos/as alunos/as é compartilhada pelo pai e pela mãe, onde encontra-se também sob a responsabilidade de um irmão mais velho, apenas da mãe, do pai e da avó ou ainda, de um avô. A escolaridade dos pais das garotas varia entre 1º grau completo e incompleto, 2º grau completo e incompleto e 3º grau incompleto, já

essa informação, com relação aos pais dos garotos, não foi possível saber ao certo, pois esses assinalaram mais de uma alternativa em suas respostas. Quanto à escolaridade das mães dos garotos e garotas encontram-se em 1º grau completo e incompleto, 2º grau completo e incompleto, 3º grau completo e incompleto. Percebe-se que o nível de escolaridade entre as mulheres/mães nesse grupo é mais elevado.

As profissões dos pais: digitador, dois motoristas aposentados, marceneiro, mecânico, profissional autônomo, três vendedores, policial militar, policial aposentado, dois auxiliares de almoxarifado, orçamentista. Das mães: três do lar, serviços gerais, aposentada, *marketing*, empregadas domésticas aposentada, professora, vendedora, trabalha na creche.

Os/as adolescentes desse grupo não trabalham.

Os lugares que mais gostam de ficar são em casa com a família, com os/as amigos da rua, ou ainda na casa do avô e da avó.

Os/as melhores amigos/as das garotas encontram-se na escola e no bairro e dos garotos apenas no bairro.

Quanto a pertencerem a algum grupo de amigos/as, as garotas, em maioria, disseram que não pertencem a nenhum grupo e apenas um garoto afirmou pertencer a um clube de amigos.

Nas horas vagas as moças preferem ver TV, namorar e ouvir música, e ainda, praticar esportes. Os rapazes compartilham com as garotas, a preferência por assistir TV, ouvir música e praticar esportes, porém acrescentaram em suas opções, sair com os amigos e navegar na Internet.

Quando indagados/as acerca do relacionamento com seu pai e sua mãe, de um modo geral, os/as jovens responderam que os/as acham legais, apontaram que em alguns momentos ou o pai ou a mãe são um pouco chatos. As garotas manifestaram, em sua maioria, dificuldade na relação com suas mães, havendo àquelas que encontram em suas mães suas melhores amigas. Quanto ao que mais gostam e ao que menos gostam em suas famílias, responderam que o que mais gostam é da alegria, do carinho, união, companheirismo, e menos gostam, das brigas e provocações, da desconfiança, das críticas e da impaciência.

Com relação a possuírem religião, nesse grupo, quase todos/as são católicos praticantes, sendo que duas garotas são de outra religião, uma é adventista e a outra evangélica.

As garotas disseram que se interessam por um garoto por ele ser alegre, companheiro, bonito e inteligente, já os garotos se interessam se a garota for inteligente e alegre, e também bonita. Nesse grupo, as garotas especificaram, completando suas respostas: “por ser simpático e pelo que ele é por dentro e não por fora”; “que me ame”; “que me ame de verdade e que seja fiel”; “de preferência sensível”; “um amor de pessoa e que respeite”; “amigo, simpático e que goste de mim”.

O que os levaria a ter uma relação sexual é o fato de estarem apaixonados, e um garoto acrescentou porque é bom. Estar apaixonada também foi o argumento que levaria as garotas a uma relação sexual, além de: “se eu estivesse pronta”; “ter a consciência de que está na hora certa, que eu tô preparada e com a pessoa certa na hora certa”; “eu achar que estou preparada”.

Na turma de 7ª série, nessa escola, diferente das turmas apresentadas até em tão, encontramos uma garota e um garoto que já vivenciaram uma relação sexual, com uma diferença, a garota indicou ter se prevenido usando camisinha em sua iniciação sexual e o garoto afirmou não ter usado nenhum método preventivo.

Com relação à virgindade, os garotos pouco falaram, os que se posicionaram, argumentaram que é algo natural e que é quando se está se preparando para uma primeira relação sexual. Já as garotas, variaram em suas respostas, algumas mantiveram os argumentos dos garotos, quanto a ser algo normal e natural, as demais apontaram que é algo sério, que as garotas devem cuidar, devem perdê-la na hora certa e com quem amam, e ainda, que hoje em dia é difícil encontrar garotas virgens.

Quando questionadas acerca dos motivos de uma gravidez não planejada na adolescência, a maioria das garotas alegou que isso se dá pela falta de conversa com o pai e a mãe, houveram aquelas que disseram: “porque pensam que estão prontas para isso”; “por irresponsabilidade”; porque querem ficar mesmo”; “por falta de maturidade de ambos (rapazes e moças)”. Os

garotos afirmaram que pela falta de informação, pela falta de conversa com os pais, porque a escola não ensina educação sexual e um garoto acrescentou: “porque não usam camisinha”.

Frente ao questionamento sobre de quem é a responsabilidade por uma gravidez não planejada, eles/as colocaram que é de ambos, havendo um rapaz que disse ser apenas da moça.

Diante da pergunta sobre se conversam sobre sexo com o pai e com a mãe, as respostas das garotas foram bem variadas algumas conversam abertamente com a mãe, outras conversam às vezes, e há ainda, aquelas que só conversam alguns assuntos. Dos garotos apenas um conversa sobre alguns assuntos, os demais não conversam.

Apenas duas garotas não souberam dizer o que são DST, as demais deram o conceito. Os garotos em sua maioria, não souberam dizer o que são DST e apenas um disse o conceito corretamente. Com relação a AIDS, de todos/as apenas uma garota disse não saber o que é, e quanto a ser uma doença, as respostas variaram entre sim, sim e não e não, sendo que percentualmente a maior parte disse sim.

Quanto ao índice de mulheres jovens infectadas pelo HIV estar aumentando, na opinião das garotas é porque: “na hora da transa elas não exigem a camisinha do companheiro”; “porque não se cuidam bem e só querem saber de curtição”; “porque não obrigam seu parceiro a usar camisinha”; “porque não se previnem”; “hoje eu vejo falar que as mais infectadas são as mulheres casadas, que através de seus parceiros contraem o vírus”; “acho que mais por falta de conversa com os pais, ou então, vão para cama com qualquer um”; “por falta de maturidade, custa colocar camisinha na hora da transa?!Custa se cuidar! Elas só pensam no prazer do momento e quero ver como vai ser depois”; “por falta de personalidade, por medo, falta de informação”; “porque os homens não querem usar camisinha”. Para os garotos: “porque não se cuidam,não usam camisinha, porque o índice vai contra elas”; “porque a irmã faz, daí a outra acha bonito e faz também”; “porque transam mais”; “por falta de camisinha”.

Nessa série, todos/as se consideram adolescentes e para eles/as a adolescência significa: “uma etapa boa da vida, namoro, diversão,

descobertas”; “período em que se é responsável”; “uma fase difícil em que surgem dúvidas, é horrível ser adolescente, experimentam sofrimento no amor” enfim, “um momento de amadurecimento”.

Quando questionados se concordam com o modo como a mídia apresenta os/as adolescentes, de uma maneira geral, eles/as não concordam, pois em suas opiniões a mídia exagera, mostra muito sobre violência, aponta aspectos ruins dos adolescentes, e de certa forma, não valoriza o jovem.

Percebem o/a adolescente atualmente como: “muito avançado”; “muito revoltado, muitos culpam os pais, dizem que eles não os amam, envolvem-se com drogas, muitas vezes até com o tráfico”; “com muita violência, envolvidos com drogas³⁰”; “dependendo da adolescência, muitos são curiosos e acabam se metendo em coisas erradas. E outros têm mais cabeça no que vão fazer”; “pelo modo como tratam os amigos”; “pelas atitudes”; “acho que os adolescentes de hoje tem que colocar mais a cabeça no lugar”; “todos os adolescentes são diferentes, eu sou madura, mas colegas que eu conheço que respondem aos pais”; “a maioria são Maria vai com as outras”; “sair, conhecer pessoas novas”; “uma cambada de imaturos”.

Os rapazes se dividiram diante da indagação sobre se há diferenças entre ser um homem e ser uma mulher em nossa cultura, metade disse que há, alegando que cada um tem seu estilo e a outra metade, apontou que os homens têm mais ‘preferências’. As moças foram unânimes ao afirmarem que existem diferenças, porém suas opiniões foram as mais variadas: “hoje ainda é muito comum o machismo”; “o pensamento de homens e mulheres é totalmente diferente”; “pois há muito mais vagas para homens do que para mulheres (no mercado de trabalho)”; “acho que sim pois o homem é mais forte que a mulher em tudo, tem mais capacidade de arrumar emprego que a mulher”; “quando um garoto fica com duas garotas em duas semanas, é considerado um pegador, um garanhão. Já a garota, é chamada de galinha e sem vergonha”; “ainda existe muito preconceito”; “o homem é muito machista,

³⁰ Esta Escola está situada em um bairro onde a violência se acentua, em função do tráfico de drogas. No dia em que fui solicitar a permissão para esta pesquisa, junto à diretora dessa escola, fui informada por ela dessa realidade e alertada de que certamente a violência iria surgir da fala dos/as adolescentes pesquisadas.

ele transa com a mulher e sai fora, a mulher é diferente”; “o homem querendo ou não ainda tem mais valor que a mulher”.

Com relação ao que pensam sobre ser uma garota adolescente e um garoto adolescente nos dias de hoje, elas disseram: “para as garotas é mais difícil, porque engravidam e tem que ser mãe”; “a garota é mais responsável do que o garoto e tem menos chance de se envolver com drogas, já o garoto é mais largadão, não se importa tanto com o que deve fazer”; “as garotas só querem namorar e os garotos só querem enganar as mulheres, só ficar e aproveitar a vida”; “a garota é sempre mais quieta, e o garoto é de ir na onda dos amigos”; “as garotas são sonhadoras e os garotos só querem saber de sexo”; “o garoto não quer nada com nada, já a garota sonha em casar na igreja, ter filhos e ter uma casa”. Eles afirmaram de um modo geral o que vem a ser a adolescência.

Sobre saúde além do que outros/as jovens já apontaram, sobre a importância de se ter saúde, esse grupo trouxe uma preocupação com a saúde enquanto um bem comum, alegando que a saúde em nosso país é tratada de forma diferente, dependendo da camada social. Desse modo, deixaram claro que para eles/as a saúde é uma coisa séria em que todos deveriam ter acesso, independentemente da situação econômica.

Escola Municipal – Núcleo de Educação de Jovens e Adultos

Os/as jovens do EJA, nas idades entre 15 a 20 anos, diferentemente dos/as demais jovens participantes, residem sete garotos e quatro garotas com o pai e a mãe, seis apenas com as mães (três rapazes e três moças), três moram com os maridos, sendo que um rapaz e uma moça não especificaram com quem moram. Apenas uma garota não possui irmã ou irmão, os/as demais possuem. A responsabilidade pela renda familiar se encontra nas mãos: do pai e da mãe, somente do pai ou da mãe, dos maridos, dos/as irmãos/ãs, deles mesmos. O grau de escolaridade dos pais e mães, daqueles que responderam a essa indagação, variam entre 1º grau completo e incompleto, 2º grau completo e incompleto.

As profissões dos pais são: subcoordenador de manutenção, cuidador do bairro, servente, funcionário da epagri, quatro pedreiros, dois aposentados, dois motoristas da prefeitura, latoeiro (falecido), dono de lanchonete, aposentado, dois motoristas, policial militar, açougueiro. A das mães: dez são do lar, merendeira, serviços gerais, cinco empregadas domésticas, duas estão aposentadas, aposentada da limpeza. Houve jovens que não responderam a essa indagação. Chamou minha atenção o número de mulheres que “não trabalham” formalmente.

Nesse grupo, três garotas e oito garotos trabalham, as profissões citadas foram: babá, faxineira de prédio, cuidadora da avó, montador de cadeira de bebê, lavador de carro, servente, lavador de vidros, porteiro, pedreiro.

Como a maioria dos/as jovens pesquisados até então, a casa também é para os/as jovens do EJA o lugar que mais gostam de ficar. Porém, citam a escola como um outro lugar em que gostam de estar, o trabalho, a casa da namorada e a rua (local onde residem).

As melhores amigas da maioria das moças se encontram na escola e no bairro onde moram, e os amigos dos rapazes no bairro.

Das garotas, oito pertencem a um grupo de amigos/as e quatro não pertencem. Dos garotos sete fazem parte de um grupo de amigos/as e quatro não pertencem a nenhum grupo.

Nas horas vagas, entre variadas escolhas, as alternativas mais cogitadas pelas jovens foram assistir TV, ouvir música, dançar, sair com amigos/as, ler livros, ir à praia, visitar parentes e praticar esportes, os rapazes preferem namorar, assistir TV, ouvir música, e sair com os amigos.

Diante do questionamento acerca do relacionamento com seu pai e sua mãe, os jovens deram as mais variadas respostas, um garoto afirmou se dar bem com sua mãe e não ter conhecido seu pai, pois este faleceu quando ele nasceu. Outro expôs que odeia seu pai, porém sua relação com a mãe é boa. Um outro disse ainda, não se dar bem com o padrasto, dando-se bem com a mãe. Os demais colocaram que de certa forma se dão bem com ambos. Algumas moças revelaram ter uma relação mais difícil com as mães, de um modo geral, todas têm uma boa relação com ambos, há ainda uma garota em

que o pai já faleceu e outra que escolheu não conhecer seu pai, sendo que a relação com as mães é muito boa.

Com relação ao que menos gostam e ao que mais gostam em suas famílias, todos/as gostam da alegria, do carinho, das festas, do respeito, de quando estão juntos, das conversas e da compreensão. Não gostam das brigas entre o pai e a mãe, ou das brigas em família, quando algum dos membros da família pega no pé deles/as, quando se metem em suas vidas, ou ainda, quando algum familiar está experimentando problemas, pois sofrem junto.

Quanto à religião, as garotas, seis delas são católicas, havendo duas evangélicas, uma da igreja universal e outra mórmon, apenas quatro dessas praticam religião, duas disseram praticar mais ou menos e outras duas não deixaram claro se praticam sua religião. Dos rapazes, quatro são evangélicos, seis são católicos, um não possui religião e um outro nada disse, desses jovens, seis praticam religião, três não praticam, dois nada disseram e um último afirmou praticar mais ou menos.

No EJA as estudantes se interessam por um garoto por ele ser companheiro, alegre, bonito e inteligente, além de observarem o jeito do rapaz, e verificarem se é fiel e responsável, amigável e sincero, amoroso e carinhoso. Os estudantes se interessam quando a garota é companheira, bonita, alegre, inteligente e gosta das mesmas coisas que eles.

Estar apaixonada seria o motivo que levaria as garotas a uma relação sexual, bem como estarem preparadas e ser a hora certa. Os motivos apresentados pelos rapazes não foi diferente, para eles estar apaixonado os levaria a uma relação sexual, assim como gostarem da garota e a estarem amando.

Nesse grupo cinco garotas e sete garotos já tiveram uma relação sexual, e sete garotas e três garotos ainda não. Dos garotos que já viveram uma relação sexual, seis se preveniram e um não tomou nenhum cuidado, e das garotas apenas três se preveniram e duas não.

Com relação à virgindade, os rapazes alegaram que é algo normal, que as pessoas perdem com o tempo, devem cuidar para perderem com quem gostam, “a pessoa certa na hora certa”. As moças trouxeram opiniões

diferenciadas como: “virgindade é um ato de responsabilidade, porque se tu não cuidar não levar a sério, tu pode cometer atos e depois arcar com as responsabilidades que muitos adolescentes não querem arcar”; “algo pessoal”; “virgindade é minha vida, não pretendo tirá-la tão cedo”; “é um assunto que gera polêmica. E eu acho que se seguissemos os mais velhos não teríamos tantas doenças e garotas adolescentes engravidando”; “eu penso que isso é de cada pessoa, quero me casar virgem”; “quando eu perdi a minha virgindade não pensei em nada. No momento a gente teve prazer um pelo outro. Até que me casei com o primeiro homem que perdi a virgindade”; “eu acho que é uma falta de respeito aos pais”. De um modo geral, as respostas transcritas anteriormente, indicam o entendimento do grupo de garotas, pois houve aquelas que manifestaram opiniões semelhantes.

Para os/as jovens do EJA, a falta de diálogo com o pai e a mãe é um dos motivos da gravidez não planejada na adolescência. Eles/as também concordaram que a responsabilidade pela gravidez é tanto do rapaz, quanto da moça.

Quando indagados/as se conversam sobre sexo com seu pai e sua mãe, cinco garotas e quatro garotos disseram que nunca conversam, três garotas e dois garotos às vezes, duas garotas e três garotos conversam alguns assuntos e houve aqueles/as que não responderam.

Diante da pergunta sobre DSTs, as garotas em sua maioria souberam o que é, mencionaram o conceito, porém, duas garotas deram uma explicação errada para DSTs e outras duas disseram não saber. Os garotos também em um número maior afirmaram saber o que é DSTs, havendo três rapazes que não responderam, um que afirmou não saber, um outro que disse que é a AIDS e um que colocou que é doença. Já com relação a AIDS, todas as garotas apontaram saber o que é a AIDS e que é uma doença, dos garotos a maioria também disse saber o que é e que é uma doença.

Com relação ao aumento de infecção pelo HIV em mulheres jovens, os/as jovens enfocaram em suas opiniões o não uso do preservativo, o fato das mulheres não exigirem o preservativo dos parceiros, a falta de conhecimento da pessoa com quem essas mulheres estão tendo relação sexual e também apontaram a falta de confiança e o excesso dela. Apenas dois jovens

trouxeram opiniões diferentes das anteriormente apontadas, um disse que as mulheres não têm cabeça e um outro argumentou que as mulheres são as mais prejudicadas em função do seu órgão sexual.

Os/as jovens do EJA em um número significativo se consideram adolescentes, porém, aqueles/as que não se consideram adolescentes, assim o fazem pelo fato de já haverem constituído família, terem tido filhos/as.

Questionados sobre se concordam com o que diz a mídia a respeito dos/as adolescentes, muitos/as disseram que não, argumentando que a mídia exagera, não dá um voto positivo ao adolescente e uma garota apontou a mídia televisiva como responsável por influenciar os/as adolescentes a permanecerem imaturos e inseguros. Algumas garotas disseram concordar com a mídia, mas não expuseram a razão pela qual concordam.

Diante da questão sobre como percebem o adolescente hoje, as colocações foram as mais variadas, para muitos/as os/as adolescentes são rebeldes, só pensam em drogas e fazer sexo sem camisinha, no geral são muito violentos, havendo jovens bacanas. Para outros/as, as jovens estão muito malucas e a adolescência está diferente do que era antigamente. Também para alguns/as não se tem mais adolescência, porque as garotas já engravidam aos 14 anos. Outros colocaram ainda que os adolescentes sentem-se inseguros, são irresponsáveis. E houve aquele/a que afirmou que hoje os/as adolescentes estão mais espertos com relação a sexualidade e expõem mais suas idéias.

Quanto ao questionamento acerca da existência de diferenças entre ser um homem e ser uma mulher em nossa sociedade, os rapazes disseram não haver diferenças, apenas um disse que “ser homem é melhor”. Já as garotas em maioria disseram haver diferenças, também houve aquela que disse que as mulheres são melhores que os homens, porém os argumentos das que confirmaram as diferenças estiveram centrados nas desigualdades percebidas socialmente como: diferenças nos salários, os homens ganham mais (segundo as jovens), e nos julgamentos morais (as mulheres são faladas); os homens acabam tendo mais direitos, pois ainda existem preconceitos e machismo. Algo que é importante salientar nos argumentos das garotas, são afirmações como: “em muitos lugares há um certo preconceito em relação a mulher ser mais

frágil e incapaz de fazer muitas coisas que um homem faz” e “os homens querem dar uns de machista. Só querem mulher trancada em casa. As mulheres já pensam diferente são donas de casa, trabalham fora e cuidam dos filhos”.

Sobre o que pensam quanto a ser um garoto e ser uma garota adolescente nos dias atuais, apenas um garoto disse que “ser um garoto adolescente é uma responsabilidade maior”, o restante dos garotos deram explicações a respeito de ser adolescente. As garotas disseram: “uma garota adolescente relaciona-se com um garoto e qualquer coisa que aconteça tudo fica para a garota, o garoto sai limpo. Muitas vezes nem pensa no que fez (o garoto)”; “ser uma garota é bom, mas queria sentir na pele como é ser um garoto”; “os garotos estão vivendo mais e as gurias não, porque não se previnem das doenças e da gravidez”; “é muito diferente porque ambos tem pensamentos diferentes a respeito da vida”; para mim (ser uma garota adolescente) é legal, pois minha adolescência é maravilhosa. Hoje os jovens estão mais independentes, colocando suas opiniões em dia, sem vergonha da sociedade e por isso, cada dia que passa nós aprendemos mais”; “eu penso que ser uma garota adolescente é se aprofundar nos estudos e depois pensar em namorar e fazer outras coisas mais. Eles (os garotos) já querem partir para o ataque, só no ficar para eles é algo mais”; “é bom, mas saber aproveitar, saber escolher as pessoas certas que você possa andar e ficar porque tem muitas outras (pessoas) que só dão influências erradas”.

Os garotos afirmaram que a saúde é algo importante, que as pessoas devem cuidar dela e valorizá-la, houve um jovem que apontou que, de um modo geral, os jovens não tem muita preocupação com sua saúde. Para duas garotas saúde é: “um ato de vivência, porque se tu não tem saúde tua vida vai se acabando aos poucos”; “a saúde está mais ou menos, mas poderia melhorar”, e as demais garotas argumentaram sobre a importância da saúde.

CAPÍTULO 5 - TRABALHANDO COM OS SIGNIFICADOS PRESENTES NOS GRUPOS FOCAIS

Conforme já explicitado, a aplicação dos grupos de discussão focal deu-se nas três escolas, mais especificamente na 7ª série das escolas com seriação e no Núcleo EJA. Em todos os grupos segui o roteiro para a discussão com perguntas centradas nas temáticas: adolescência, gênero e AIDS. A seguir, estarei descrevendo as falas e opiniões dos/as jovens nos grupos de discussão.

Escola Particular 7ª Série

Neste grupo participaram das discussões oito alunos/as, dos quais, seis eram do sexo masculino e duas do sexo feminino, com idade entre 13 e 14 anos. Dentre os garotos, quatro possuem 13 anos e dois 14 anos. As duas garotas possuem, uma 13 anos e, a outra, 14 anos.

O primeiro questionamento feito a este grupo foi se os/as alunos/as se consideravam adolescentes, no que prontamente um garoto respondeu: “claro”. Outro garoto manifestou-se no sentido de que achava que nem todo mundo no grupo se sentia adolescente para tudo, e sua opinião foi reforçada por um colega que apontou: “para algumas coisas eu me considero adolescente, para outras não”; ainda com relação a se considerarem adolescentes, uma das garotas falou: “somos adolescentes somente para o que nos interessa”. Os demais garotos do grupo, que foram por mim convidados a expressarem suas idéias, responderam que “acham” que são adolescentes e a outra garota que esteve presente no grupo não se manifestou.

A segunda questão dirigida ao grupo indagava sobre o que significa para eles/as ser adolescente. Para tal indagação, obtive as seguintes respostas: um garoto salientou significar responsabilidade; outro entende que ser adolescente tem correlação com “curiosidade”; houve um garoto que colocou que ser

adolescente é “namorar”, e, um outro garoto, que já havia se posicionado, acrescentou que ser adolescente também está ligado ao “amadurecimento”.³¹

Questionei-os acerca de como percebem os/as adolescentes nos dias de hoje. Um dos garotos colocou que o adolescente está mais atualizado (com mais acesso às informações e exemplificou o uso do computador). Outro garoto apontou que a adolescência está chegando “cada vez mais cedo nos dias de hoje” e uma garota afirmou que, de fato, no seu entendimento, os adolescentes “hoje sabem muito mais do que os adolescentes de uns anos atrás (têm mais informação sobre sexo, sobre drogas)”. Os demais participantes quando convidados a se posicionarem, colocaram que concordavam com o que os colegas e a colega haviam expressado.

Chamados/as a refletir sobre o modo como a mídia se dirige aos/às adolescentes, um jovem disse que a mídia “generaliza muito”; um outro garoto expressou que em sua opinião a mídia é “um pouco preconceituosa” e a garota colocou que “na mídia eles acham que são todos iguais”.

Foi dirigida outra pergunta questionando esses estudantes se na opinião deles/a/s existem diferenças entre ser um homem e ser uma mulher em nossa cultura. “Já prefiro ser um homem”, foi a primeira resposta dada por um garoto a esta pergunta, provocando riso geral. Diante disso, acrescentei se percebiam diferenças entre ser um garoto adolescente e uma garota adolescente, e o garoto que havia dito que prefere ser adolescente acrescentou que “ser um garoto é muito melhor, principalmente porque os pais soltam mais e prendem as garotas”. Diante desta colocação, uma garota afirmou que “a diferença está no preconceito com relação a homens e mulheres/garotos e garotas”. “As pessoas comparam muito com como eram vistos homens e mulheres antigamente”, diz um garoto. E um outro garoto acrescentou, pensando nas comparações: “hoje em dia não é mais como antigamente, quando as mulheres só queriam ficar em casa lavando louça”. Questionei se ele concordava que as

³¹ No grupo de discussão focal, enquanto mediadora, ia lançando os questionamentos e procurando convidar todos/as a apontarem suas idéias e opiniões, porém, na medida em que fui transcrevendo as colocações, pude perceber que com todo o empenho em fazê-los/as participar, alguns jovens se manifestaram muito pouco. O que poderá ser confirmado nas descrições que seguem.

mulheres queriam ficar só em casa lavando louça e ele disse: “depende, se for a minha vez de lavar louça, acho que sim, que devem ficar em casa”.

Assim, nas falas subseqüentes, a discussão foi seguindo, agora refletindo sobre as diferenças em ser um adolescente ou uma adolescente. “Acho que os pais se preocupam mais com as meninas” (garoto); “os pais se preocupam mais com meninas, porque sabem como são os garotos” (garoto); “isso é uma questão de defesa” (garoto). Frente a estas falas questionei se as garotas não sabem se defender, no que obtive os seguintes registros: “sei lá, isso é talvez porque o homem é mais forte” (garoto); “é mais grosso” (garota), e essa mesma garota salientou: “força não é tudo”. Perguntei às garotas se elas concordavam que as mulheres precisam ser mais protegidas. As mesmas colocaram que não e, então, indaguei-os também sobre o porquê de os pais protegerem mais as garotas. Um garoto respondeu que “os pais têm medo que elas fiquem grávidas”, e eu acrescentei: “mas se elas ficarem grávidas elas ficarão grávidas sozinhas?” “Obviamente que não”, respondeu um garoto, “depende”, disse um outro, e uma garota que até o momento não havia falado salientou: “o garoto pode fugir, dizer que não é dele” e a outra garota esclareceu: “é que é ela quem é obrigada a ficar com o filho, pois é nela que está a criança, o garoto não, ele pode ir embora”.

No que tange ao questionamento acerca do que pensam sobre a virgindade, colocaram: “tem gente que quer perder logo pra se achar melhor que os outros” (garoto). Questionei³² se achavam a virgindade algo importante, e um garoto disse: “importante não, é normal, só vai chegar a tua hora de perder”; e uma garota salientou: “só não pode ser com qualquer um”. Para um dos garotos a “virgindade é uma coisa pessoal”, e um outro colocou que virgindade “vai da cabeça de cada um”. Perguntei ao grupo se as pessoas costumam discutir sobre virgindade, e um jovem respondeu: “acho que os pais têm medo ou vergonha de falar isso com os filhos”. Novamente indaguei se os filhos costumam conversar sobre virgindade com os pais. Dois garotos falaram ao mesmo tempo: um disse “também não” e o outro falou “eu converso”. Uma

³² As discussões no grupo focal devem seguir sem interferência do mediador, porém este grupo em que poucos jovens participavam, passava por seus momentos de silêncio e diante do silêncio, eu fazia uso de suas colocações para lançar uma nova pergunta, ainda sobre o questionamento que estava sendo feito naquele momento.

garota confirmou que também costuma conversar com os pais, porém esse mesmo garoto que afirmou conversar colocou: “não, eu chego e falo assim, mas não vai adiantar muito ficar falando sobre isso, eu falo uma vez se eu tiver dúvida”.

A partir da afirmação de que cada vez mais adolescentes ficam grávidas, perguntei o que eles/as achavam que está acontecendo. Uma garota falou: “elas não estão se cuidando, estão perdendo a virgindade mais cedo”; um garoto argumentou: “elas estão muito irresponsáveis”; outro, assim se manifestou: “às vezes não é porque elas querem, mas elas podem estar sendo forçadas a isso”. Diante dessa última afirmação, recordei que esse grupo havia mencionado mais de uma vez a questão das garotas serem forçadas a terem relação sexual, usando o termo estupro e aproveitei, para esclarecer o que eles/as pensavam sobre isso, se haviam ouvido falar de algo ou de algum caso de estupro ou violência sexual e se é comum as pessoas perderem a virgindade em casos de estupro. A princípio, ficaram em silêncio, mas, logo após, uma garota disse que a perda da virgindade por estupro é algo que tem acontecido. Um garoto colocou que aqui em Florianópolis não tem tantos casos como no Rio de Janeiro e São Paulo. Também questionei se as adolescentes estão engravidando por falta de informação. Um garoto prontamente respondeu que “por falta de informação não”; uma garota apontou que “falta força de vontade” e um garoto também disse: “não é nem falta de vontade é de responsabilidade também, pois se tem um monte de informação pode usar também”. Indaguei sobre o que achavam que acontece com relação a esse elevado número de gravidez não planejada na adolescência? “Falta de dinheiro” (garoto), uma garota disse: “não sei, sei lá, na hora eles (garoto e garota) só estão preocupados com que eles estão vivendo e nem pensam muito”; “só pensam no momento” (garoto). Uma garota e um garoto contra-argumentaram com relação ao fato de que um dos motivos do número elevado de gravidez não planejada na adolescência ser falta de dinheiro, explicaram que os postos de saúde distribuem camisinhas e anticoncepcionais gratuitamente. Um garoto disse ainda que as garotas podem estar engravidando pelo fato de estarem se “prostituindo” e diante dessa colocação os/as demais participantes não se manifestaram.

Sobre saúde, um garoto disse: “é normal”; outro, “é se alimentar bem”, “saúde é psicológica também” (garoto); “cada vez mais adolescentes que não praticam esportes, ficam gordos” (garoto); “esse negócio de separação dos pais, que geralmente ocorre na adolescência, prejudica a saúde” (garota).

Indagados acerca do que pensavam sobre a AIDS, as falas foram: “cada vez mais gente tem mais AIDS e cada vez mais novos” (garoto); “isso acontece porque não usam camisinha” (garoto); “por descuido” (garota); “pelo uso de drogas” (garotos); “as pessoas vêem na TV todo mundo ter relação sexual e aí fazem” (garoto); “acham (ao verem na TV) que é tudo muito fácil, a TV vulgariza, como se tudo fosse muito fácil, pois não é só chegar e transar” (garota); “tem que pensar nas conseqüências” (garoto). Acrescentei as perguntas: O que vocês diriam para um/a jovem que quer ter uma relação sexual nos dias de hoje, e o que vocês pensam que é possível ser feito para diminuir os índices de infecção pelo HIV? Explicitaram: “Ah! Para esperar” (garoto); “para usar camisinha” (garoto); “ter mais responsabilidade” (garoto); “eu acho difícil que os índices diminuam, pois cada vez mais pessoas vão transar com mais pessoas, as pessoas precisam ver com quem elas estão tendo relação sexual” (garoto); “tem que conhecer” (garota) e este mesmo garoto afirmou: “saber se a pessoa não transa com todo mundo”. Ainda com relação à AIDS e ao questionamento sobre os índices, surgiram falas como: “a pessoa tem que ter uma noção do que ela quer, do que pode fazer e o que não fazer” (garoto); “não pode transar por transar, é preciso conhecer” (garota).

Nesse momento uma garota contou que o grupo assistiu ao filme *Cristiane F*, e que iriam assistir ainda ao filme *Kids*. Estavam estudando em Ciências DSTs/AIDS e manifestaram que para eles estava sendo importante discutir essa temática. Um jovem colocou que para ele o filme *Cristiane F* foi ‘nojento de assistir’.

Seguindo os questionamentos afirmei que apesar de todas as informações as pessoas ainda estão contraindo o HIV, e questionei a respeito do que pensavam sobre esse fato. Responderam: “isso é pelo uso de drogas” (garoto); “a AIDS pode ser genética” (garoto), um outro garoto esclareceu: “somente se a criança contrair o HIV da mãe”; “falta de responsabilidade na hora de transar” (garoto); “eles estão usando a mesma seringa” (garoto).

Enfatizei que as garotas entre 13 a 19 anos estão sendo apontadas como as mais atingidas e solicitei que falassem a respeito. Disseram: “tem a questão do estupro³³” (garoto); “os meninos têm mais liberdade e transam com mais gente e aí passam o HIV para as meninas” (garota); “tem que sempre andar com uma camisinha no bolso” (garoto); “a garota tem que negociar o uso da camisinha” (garota); “o que acontece na verdade é que quando vem vontade eles/as (garotos/as) esquecem da camisinha” (garoto); “o homem tem o organismo mais forte?” (garoto); “hoje tem mais meninas saindo à noite do que antigamente, aumenta o risco” (garoto). Perguntei o que eles/as diriam para as garotas com relação ao aumento de infecção nesta faixa etária e apontaram: “uso da camisinha”, “ter responsabilidade” (garoto). Este explicou também que ser responsável é usar as informações a seu benefício, pois é difícil a pessoa não ter informação sobre a AIDS; “pensar no futuro” (garota); “ao pensar no futuro, é que se tiver um filho também terá conseqüências” (garoto). Uma outra garota salientou que ser responsável “é ver com quem se sai” e essa colocação vem como um cuidado para que as jovens não se infectem pelo HIV.

Escola Estadual 7ª Série

Nesta escola, cinco estudantes participaram da discussão das temáticas, três garotas, sendo todas com 13 anos, e dois garotos, um com 13 anos e, o outro com 14.

Questionei, inicialmente, se os/as alunos/as se consideravam adolescentes. “Eu me considero pré-adolescente, caminhando para adolescência”, respondeu uma garota. Um garoto disse, “eu me considero criança” . Outras falas surgiram...”ai eu me considero adolescente, até porque a mulher se desenvolve mais cedo do que os garotos, eles são meio-atrasados, tanto no desenvolvimento físico como mental”(garota). Houve um garoto que concordou com a fala desta garota afirmando: “eu também me considero adolescente”.

³³ Mais uma vez este grupo menciona o estupro.

Posteriormente, indaguei o que pensavam sobre ser um/a adolescente, e as respostas foram: “quando se é adolescente você já tem uma noção do que é certo e do que é errado, diferente da criança que não sabe o que está fazendo, ou se sabe não leva a culpa” (garota); “ser adolescente é pensar duas vezes antes de fazer as coisas” (garoto); “ser adolescente é ter mais responsabilidade no que faz, tem que assumir, e nisso a criança tem mais liberdade” (garoto); “eu acho que a gente não faz coisas erradas só quando a gente é criança, adolescente faz coisas erradas mesmo sabendo que é errado, eu faço muitas coisas erradas, mesmo sabendo que aquilo não vai dar certo” (garota). O grupo passa a explicar o que são coisas que consideram erradas: “coisas ‘erradas de adolescentes’ são, por exemplo, ‘gravidez precoce’ (garota); “drogas, violência, tomar remédios” (garoto). Depois, retomaram suas definições acerca do/a adolescente: “eu acho que as adolescentes hoje estão muito mal- informadas, sobre, por exemplo, a pílula do dia seguinte, que tomam mais de uma vez, em pouco tempo e faz mal” (garota). Outra garota diz: “às vezes estão mal-informados porque querem”. Replica, então, uma outra garota: “estão mal-informados sim, pois não sabem como deve ser usada a pílula”; “eu acho que a informação tem que vir de dentro de casa, não adianta você ter informação só na rua, tem que ter diálogo em casa” (garota); “Ah! Eu faço tudo errado, eu sou bem informada, sou adolescente, mas faço tudo errado” (garota); “eu acho que hoje está tudo se desenvolvendo rápido demais, os adolescentes estão usufruindo muito mais do sexo, e não só do sexo, as meninas menores de nove anos estão beijando e ficando hoje em dia, na idade delas eu brincava de boneca” (garota); “é mesmo, com oito/nove anos as garotas já querem namorar, ficar e beijar na boca, que antigamente só se fazia mais tarde” (garoto)³⁴.

Como no grupo foi trazida a questão do ficar, perguntei a eles/as o que de fato pensam sobre ‘ficar’. “Ah! Eu acho que ficar é bom demais” (garota); “eu acho que ficar pra fazer competição, não acho bom, acho uma palhaçada e falta de consideração até com a pessoa que tu ficasses”; “quando tu fica com

³⁴ Este grupo apresentou ao longo das discussões uma característica de se antecipar ao roteiro, e sem conhecerem os questionamentos que viriam eles/as já começavam a discutir o assunto, diferentemente dos/as alunos/as da 7ª série da Escola Particular. Como deu para perceber, ao final das explicações sobre ser um/a adolescente já começaram a falar acerca do que pensam sobre os adolescentes nos dias atuais.

cinco, seis, eles ganham a fama de garanhão, mas tu fica com a fama de galinha, porque tu vai lá e fica como aquela menina que todo mundo passa a mão, aí tu fica com um cara e se ele é um cara legal, que vai trabalhar e pode te dar um bom futuro, ele não vai te querer porque já vai saber o teu currículo, que vai estar um pouco sujo (garota). Frente a estas colocações, uma outra garota acrescenta: “corrimão de escada”.

Sobre o modo como a mídia apresenta os/as adolescentes, manifestaram: “muitas coisas eles (a mídia) não põem o adolescente como é na realidade do Brasil” (garota); “os adolescentes nessas novelas não mostram a realidade, só têm a malhação que mostra um pouco a escola, os alunos dos colégios, só que esses são um pouco *playboy*” (garoto);” eles só mostram a realidade de colégios particulares, queria ver eles mostrarem um colégio público que é bem diferente, não é o caso do Irineu (seu colégio), que de manhã e à tarde não estão tão mal, o Otília (um colégio no município de São José) ninguém queria estudar nele” (garota); “acho que é muita ficção pra pouca realidade” (garota); “na TV eles viajam” (garoto); “os garotos da TV são playboy que andam em grupos” (garoto); “a TV mostra os jovens todos estudando, isso não é verdade, todo mundo ligado no livro” (garota). Diante dessa fala uma garota disse: “eu não estudo” e outra afirmou: “eu não estudo muito, mas tiro notas boas” e, por fim, um garoto disse: “na real estudar não é só botar a cara nos livros e ficar direto, é prestar atenção na aula, aprender, ler, ver jornal, procurar entender e pensar tudo que está à tua volta, procurar ir aprendendo sobre a vida”.

Pedi aos/as participantes a sua opinião acerca de se existem diferenças entre homens e mulheres em nossa cultura. Os argumentos: “algumas vezes sim, nos empregos, hoje em dia nem é tanto” (garota); “existem muitas diferenças, a mulher não tinha direito a ir no estádio de futebol” (garoto); “o direito de exercer o voto, as mulheres antigamente não votavam, e a questão das mulheres muçulmanas, que não podem entrar nas sinagogas” (garota); “as mulheres não trabalhavam” (garota); “o homem poder pegar todas e ser garanhão e a mulher será galinha, uma diferença que já foi falada aqui” (garota); “o homem sempre é o melhor e a mulher fica na pior” (garoto); “o homem fica no auge, a mulher fica na pior” (garota); “hoje já não tem muita

diferença, antigamente a mulher ficava em casa o dia todo, hoje o homem dependendo do que a mulher estuda e sabe é ela que manda no homem, ele fica trancado em casa fazendo as tarefas dela e ela sai pra trabalhar” (garoto). Com relação a essa fala, assim manifestou-se uma garota: “eu acho que não existem tarefas apenas para homens ou apenas para mulheres, isso foi algo que ao longo do tempo isso foi tomando essas características pelas regras que tinham antigamente”; “hoje em dia é comum tu ver a mulher na rua socialmente trabalhando, sustentando o marido enquanto ele fica em casa cuidando dos filhos, olha como isso mudou” (garoto); “metade das mulheres hoje em dia estão trabalhando em empregos que antes eram considerados só de homens” (garoto). Uma garota após esta fala salientou: “a minha irmã é frentista, e antigamente também tinha essa coisa de a mulher trabalhando como frentista era considerada lésbica e o homem trabalhando em um salão de beleza homossexual”; “ não têm serviços de homem e da mulher, meu tio e minha tia, os dois trabalham fora e os dois fazem o serviço de casa, e meu pai lava roupa, lava louça”. Uma garota com relação a esta colocação afirmou: “é, mas lá em casa tanto o meu pai, quanto a minha mãe trabalham, só que é só a minha mãe quem faz as tarefas de casa”, e um garoto acrescentou: “nossa, se a minha mãe chegar em casa e o meu pai não fez as tarefas, ele, cruze, ele está frito, ele é pau mandado, e ele apanha”.

Quando questionei sobre se existem diferenças entre ser um adolescente ou uma adolescente, os/as estudantes colocaram: “sim porque quando tu perde a virgindade, e tu é homem, os pais só dizem sim, e pra cuidar pra não engravidar a garota, agora quando é a filha, tem todo aquele sermão” (garota). E, uma outra garota salientou: “a casa cai, né!”; “Meu irmão, por exemplo, ele tinha várias namoradas antes de casar, cada dia ele aparecia com uma namorada diferente lá em casa, a minha irmã quando começou a namorar nem queria contar para os meus pais” (garota). A partir dessa colocação um garoto argumentou: “os garotos têm mais liberdade que as garotas para namorar, não sofrem tanta pressão quanto as meninas, as meninas têm de se cuidar pra não engravidar, pra não ficar falada”; “o homem tanto faz perder a virgindade, mas se a mulher perde é um horror” (garoto); “antigamente ser virgem era lindo maravilhoso, hoje em dia já não é mais esse

tabu todo, tanto faz tu ser virgem como tu não ser, não tem mais aquele preconceito todo” (garota). Diante desta colocação, uma garota retruca: “tem sim, ainda tem preconceito”. Neste momento as garotas passaram a dialogar a respeito de suas mães. Uma delas expressou que pode dialogar com sua mãe quando fica com um garoto, e, em contrapartida, outra jovem afirmou que não é possível conversar com sua mãe, pois esta briga, quando o assunto é garotos. Finalizando estes posicionamentos e retomando o assunto que os/as adolescentes haviam colocado em pauta, ‘virgindade’, um dos participantes (garoto) falou: “não ser mais virgem não é só ir lá ter uma relação sexual e pronto, ser virgem é na mente o que a pessoa pensa, perder a virgindade no sentido físico é uma coisa, mas é diferente no sentido moral, não ser mais criança, não ser virgem é não ter uma experiência amorosa...”

Mais uma vez o grupo se adiantou ao roteiro para discussão, e após apontar isso aos/as participantes, solicitei que esclarecessem o que pensam sobre a questão da virgindade, no que colhi as seguintes manifestações: “por exemplo, eu ainda sou virgem e acho que a hora que tiver que acontecer vai acontecer e eu não penso assim que vai ser com qualquer pessoa, e vai pra cama por só uma noite. Tirar a virgindade é uma coisa boa e cada um tem a sua forma” (garota); “uma menina com 18 anos ainda virgem, ficou pra titia” (garota); “na hora que chegar a hora, vai perder a virgindade, mas eu acho assim, essa hora não pode ser, assim, tá namorando só a um mês, nem conhece e já vai aceitar transar, tem que se guardar um pouco mais, acho que com 14 anos é muito cedo” (garota); “a virgindade é pessoal não importa, o que importa é o que a pessoa é, se não for virgem a pessoa só vai ser alguém que tem uma experiência a mais” (garoto).

Acerca do que achavam do número de gravidez não planejada na adolescência estar aumentando, colocaram que: “falta preservação, por parte das garotas” (garota); “muito sexo” (garoto); “agem pelo impulso” (garota); “têm pressa de perder a virgindade” (garoto); “pensam assim, as minhas amigas já perderam eu vou perder também” (garota). A partir desta fala uma garota posiciona-se: “são Maria vai com as outras”, e, uma outra, contra-argumentou: “mas pode ser assim, algum guri que elas gostam e que pressiona tanto até que elas cedem”, outra, ainda afirmou: “o garoto pode dizer assim: só fico

contigo se tu transares comigo”. O grupo prosseguiu: “isso (da gravidez) é até uma falta de consideração dos pais que fazem isso com as próprias filhas, têm pais que estupram as filhas, as filhas ficam grávidas” (garoto); “às vezes tem garotas que pensam, eu vou engravidar dele pra prender ele” (garota), e essa mesma garota acrescentou, “isso era mais comum antigamente”; uma outra apontou: “foi-se o tempo que os caras não iam embora por causa de filho, hoje em dia eles não querem nem saber, vão embora mesmo”, e continua: “minha prima está grávida, ela só tem 15 anos, engravidou porque dá pra todo mundo mesmo sem se cuidar”; “eu também tenho uma prima grávida, ela casou, o marido dela tem 30 anos, acho que ela pensa que vai brincar de casinha, acho que elas pensam que é só o que é bonitinho, não pensam que vão ter que alimentar, que vão perder a liberdade, que vão ter que sustentar...”(garota); “na novela a personagem da Daiane está vivendo isso, ela agora está vendo o que é ter filhos, ela quer sair e não pode” (garoto), uma garota salienta: “eu acho que a novela é errada, tu achas que uma menina de favela ia ter ajuda de uma ricaça como a Maria do Carmo (outra personagem da novela), e vai dar emprego pra mãe da adolescente, é ficção. Tu achas que se eu engravidar uma pessoa rica vai me ajudar”; “olha, morando em periferia, a adolescente não vai nem querer ficar com a criança, ela vai querer dar” (garoto). Frente a esta fala as garotas discordaram e alegaram que nem todas as garotas abrem mão de criarem seus filhos; uma contou a história da sua irmã e a outra contou uma história sobre a sua vizinha, afirmando que nestas duas histórias as adolescentes ficaram com seus bebês. O grupo retomou as colocações pensando sobre as causas da ‘gravidez não planejada’ na adolescência e seguiram se posicionando: “algumas garotas engravidam por falta de instrução” (garota); “por falta de preservativo” (garoto). Com essa colocação as garotas dizem ao mesmo tempo: “não, isso não, pois no posto de saúde eles distribuem preservativos”; “só pensam em se divertir e não pensam em mais nada” (garota);” a minha amiga disse que uma amiga dela quando foi transar nem lembrou de nada” (garota); “muitas vezes as garotas não recebem informações porque os pais acham que isso não deve ser falado, por exemplo como na época da minha avó” (garoto); “ainda tem gente que não tem informação, porque em casa os pais não dão informação, os professores

deveriam dar, porque não custa e não é um bicho de sete cabeças” (garota). Uma garota contra-argumentou: “eu já acho que não falta informação, antigamente sim não tinha informação”; “não é só informação que os adolescentes precisam” (garota) e continua: “eles precisam de algo mais, na escola deveria ser trabalhada esta temática e não é com folheto, pois tem gente que não lê, teria que ter palestras, o jovem gosta de ouvir(garota); “ a escola às vezes faz isso, mas faz tempo que a gente não tem mais nenhuma palestra sobre isso”; “aqui na nossa escola já teve um trabalho sobre sexualidade” (garota).

A respeito da saúde, convidei-os/as a darem suas opiniões. Eis as suas declarações: “o governo devia cuidar mais da saúde” (garota); “o governo deveria cuidar do saneamento” (garoto); “o Brasil é um país muito grande para só uma pessoa administrar” (garota); “nos postos de saúde é uma vergonha o atendimento”; “as pessoas trabalham no hospital e colocam outras pra dentro que precisam menos” (garoto); “tu precisas e não tens atendimento, pois tem fila” (garota); “minha mãe trabalhou em postos de saúde e as pessoas esperam uma fila enorme para ser atendidas, pra conseguir uma ficha tem que ir de madrugada” (garoto). Assim, falaram do atendimento e do diagnóstico dos/as médicos/as no geral, as garotas alegaram que quando os/as médicos/as não sabem o que é (qual a doença), dizem que é uma virose. Um garoto retomou a questão inicial e esclareceu: “ter saúde é saber viver, mesmo com precariedade, ter saúde é ser saudável e ser feliz”.

Questionei o grupo sobre o que seria para eles/as a prevenção e apontaram: “é prevenir doenças (garoto); “precaução é prevenção” (garoto); “cuidado com sua saúde e do outro”. E com relação a esse cuidado uma garota pontuou: “tem pessoas que passam pra outras”; um garoto disse: “mas há aqueles que se cuidam pra não passar a AIDS adiante” (garoto). Desse modo: “ter saúde é saber se cuidar” (garota); “é prevenção, e prevenção, é a gente ter que pensar na gente” (garota); “eu me cuido e o outro se cuida também” (garoto); “prevenir é não ter vergonha de fazer exames, de procurar saber se você tem alguma coisa. Tem gente que não se ajuda e fica com a consciência pesada mas não confere se tem alguma coisa ou não e não fazem isso por ignorância” (garota). Após esta colocação, em que foi mencionado o exame da

próstata, um garoto salientou: “muitas vezes por machismo, é que os homens não fazem esse exame, e por machismo também não fazem vasectomia, por exemplo”.

Chamei-os/as a refletirem sobre a epidemia de AIDS, e alegaram: “A AIDS não mata, ela só tira a imunidade” (garotas); “muita gente diz assim, ninguém morre de AIDS” (garota); “hoje tem vacinas” (garota). Um garoto explica sobre a questão do vírus no organismo e no grupo seguem argumentando: “falaram que tem pessoas que são imunes à AIDS” (garota); “pega o vírus mas ele não vai se desenvolver” (garota). Ainda sobre a AIDS, mais especificamente falando sobre a infecção pelo HIV, declararam: “contraem a AIDS pois fazem sexo sem camisinha (garota); “por compartilhar agulha” (garota); “até de um corte no dedo, você pode pegar AIDS” (garota); “a garota pode acabar engravidando sem fazer pré-natal e passar para criança”(garota); “pegam também por fazer sexo errado”(garoto); “quando se contrai AIDS as pessoas discriminam, não têm informação” (garota); “acho que têm pessoas que têm AIDS e não querem ser ajudadas” (garoto). Um garoto tirou da pasta da escola um livrinho com explicações sobre AIDS e passou a esclarecer sobre as opiniões trazidas pelos/as colegas, mas a discussão seguiu, e as falas foram: “tem aquelas pessoas que acham que sentar perto pega AIDS (garota); “uma pessoa pode doar sangue e não estar em tempo de detectar o vírus e passar para outros” (garota); “contraem o HIV por falta de cuidado” (garota); “por fazer sexo sem camisinha” (garoto); “as pessoas têm informação suficiente para não contrair o HIV. acho que sim” (garoto); “tem gente que contrai o HIV e pensa que se a ciência está avançando ele não tem com que se preocupar “ (garota); “as pessoas são relaxadas, pois sabem que existe a doença e agem assim porque querem” (garotas) Após essa observação os garotos se manifestaram: “melhor prevenir do que remediar” e “seguro morreu de velho”.

Apresentei para os/as estudantes os dados do Ministério da Saúde sobre o aumento de infecção pelo HIV na faixa etária de 13 a 19 anos e indaguei-os/as sobre o que achavam que está acontecendo, quando explicaram: “isso está acontecendo por (as meninas) não lembrarem o homem de usar camisinha” (garoto); “elas só pensam na diversão e não pensam no

seu próprio cuidado” (garota); “as garotas acham que a vida é só curti” (garota); “por causa da prostituição” (garota); “tem garota que acha que se pedir para o rapaz usar camisinha ele não vai mais gostar dela” (garoto); “tem uma idéia que a camisinha tira o prazer” (garota); “não é só AIDS que pega em uma relação sexual sem camisinha; pega-se sífilis, gonorréia etc.” (garoto); “falam que as mulheres casadas estão sendo mais atingidas, porque os maridos pulam a cerca “ (garota); “não é só as mulheres a usarem camisinha, e terem que assumir isso, o homem também tem sua parte” (garotas); “as mulheres caem muito na conversa dos homens” (garoto); “as coisas erradas, sexo de maneira inadequada, vaginal é o certo, anal é o errado” (garoto). Diante das colocações deste garoto, as garotas salientaram que não existe sexo certo ou errado, existe o que dá prazer.

Escola Municipal – Núcleo de Educação de Jovens e Adultos

Nesse grupo de discussão focal, 11 estudantes participaram, sendo seis garotas³⁵, uma com 16 anos, duas com 17, uma com 19, uma com 22 e outra com 23, e cinco garotos, três com 17 anos e dois com 16.

A primeira indagação que fiz a este grupo foi sobre como percebem a adolescência hoje e se se consideravam adolescentes? Os/as jovens manifestaram suas opiniões: “bem, eu não me considero mais adolescente, porque hoje eu trabalho sustento uma casa, que é minha, e já passei dessa fase. Minha adolescência foi ótima, também acho que não aproveitei, pois engravidei cedo e casei cedo, mas pra mim não foi como eu queria que fosse” (garota); “ser um adolescente significa não ter muita responsabilidade” (garota); “não concordo que ser adolescente signifique não ter responsabilidade” (garoto);” a maioria não tem responsabilidade com nada, muito menos com o colégio” (garoto); “adolescente não tem preocupação” (garota); “acho que depois que a gente tem filho passa a ver as coisas diferentes” (garota); “é verdade, a gente amadurece, acho que as mulheres amadurecem mais cedo”

³⁵ Como já explicitar, participaram das discussões nesse grupo duas garotas com mais de 20 anos, pois considerei importante a participação das mesmas pelo fato de terem experienciado uma gravidez não planejada na adolescência, embora essas duas no grupo não fossem as únicas que já tiveram filhos.

(garota); “mesmo depois que a gente tem filho a gente ainda é um pouco adolescente, porque ainda dá vontade de sair, fazer as coisas que a gente fazia antes” (garota). Questionei, após essa afirmação: quem se sente adolescente neste grupo. Colocaram: “adolescência é uma fase boa, é época de fazer planos, se bem que a maioria dos adolescentes faz besteira” (garota); “é verdade, a maioria faz bobagem (garota); “eu discordo, eu acho que na adolescência, o adolescente ganha a liberdade” (garoto); “o que está sendo dito é que o adolescente não sabe aproveitar a sua liberdade” (garoto); “não são todos” (garoto); “a maioria não quer saber de nada, só quer saber de namorar e beijar na boca” (garota); “eu acho que há uma minoria que sabe curtir sua liberdade” (garoto); “eu me considero mais ou menos adolescente, é que tem coisas que eu faço e que eu gosto e tem coisas que eu não faço porque eu não devo” (garota); “isso é o que os adolescentes só pensam no momento” (garota); “o adolescente tem um espírito de aventura” (garoto); “tem adolescente que faz as coisas e se arrepende, e tem os que fazem e mesmo que seja errado nem ligam” (garota); “a maioria dos adolescentes fazem coisas erradas” (garota); “adolescentes fazem sexo na adolescência, eu engravidei com 13 anos” (garota); “não é só a questão da gravidez, tem a própria AIDS, elas só vão pensar depois” (garota); “eu me considero adolescente, eu acho que, às vezes, a gente faz as coisas agora e mais tarde é que vai sentir as conseqüências, por exemplo, o estudo, não estuda hoje e mais tarde quando precisar de um emprego é que vai ver” (garoto); “é impressionante mesmo pensando assim, ainda fazem um monte de coisa errada” (garota); “eu tiro por mim, porque mesmo sabendo que não é certo a gente ainda faz. Eu passei por isso, o meu pai dizia as coisas e eu não ouvia, a minha mãe cansou de falar que eu estava namorando cedo e se eu queria anticoncepcional, eu sabia que podia conversar e mesmo assim eu fui lá e engravidei com 13 anos. Hoje que eu paro para pensar” (garota); “adolescente gosta de aventura, sente vontade de fazer as coisas, como fumar um baseado” (garota); “beber, tomar aquele porre” (garota); “descobrimo as coisas” (garoto); “como o próprio sexo, descobrir o sexo” (garota); “às vezes o adolescente faz as coisas para ter coragem” (garota); “o adolescente se espelha muito em alguém, ele vai na onda” (garota); “eu concordo, a maioria das vezes o adolescente vai na onda e

acaba se dando mal” (garoto); “o jovem vai pela cabeça dos amigos” (garoto); “mas vai muito da cabeça de cada um” (garota), “mas a maioria não pensa” (garota); “eu nunca fumei nem cigarro” (garota); “mas se tu estiveres em uma roda de amigas que todas já transaram, tu vai querer transar também” (garota); “não, isso vai da cabeça de cada um” (garota); “eu andei com amigas que fumavam e eu não fumei” (garota); “droga, influências dos amigos” (garota); “cada um faz o que quer, não vai fazer porque o outro está fazendo” (garoto); “quem tem uma cabeça legal, não vai fazer besteira” (garota); “a gente ali embaixo, a gente anda em um monte de companheiro, ninguém bebia, aí fomos começando a ir às festas, um passando o copo pro outro, e todo mundo já bebe demais. Um puxa e o outro vai seguindo” (garoto); “o adolescente, tem mais coragem” (garoto).

Retomando a questão inicial, perguntei ao grupo o que seria um adolescente e a adolescência, assim alegaram: “a melhor fase da vida” (garota); “ter a sua liberdade” (garoto); “nem sempre é ter liberdade” (garoto); “é a melhor fase da vida, você pode curtir a vida, quando já é um jovem, tem que pôr a cabeça pra pensar, tem que casar, tem que sustentar a família” (garoto); “não ser trancado, não tem essa que não vai, vai e deu” (garoto); “ter a responsabilidade, saber aproveitar a vida” (garota); “não adianta pensar que é adolescente e fazer as coisas que não são legais” (garota).

Na seqüência das questões, o grupo foi chamado a se posicionar a respeito do modo como a mídia trata os/as adolescentes, tendo manifestado as seguintes opiniões: “eu não concordo com o que a mídia fala sobre o adolescente, porque na maioria das vezes eles falam que o adolescente é rebelde, ladrão, drogado” (garota); “eu acho que eles buscam mostrar a realidade” (garota); “eu acho que eles têm que buscar outros caminhos, pra mostrar coisas diferentes, para os que estão indo para a adolescência não entrarem nessa” (garota); “eles têm que mostrar solução, e eles só mostram os aspectos negativos” (garota); “mostrar favela, adolescente com arma na mão, não é exemplo pra nenhuma criança que vai chegar na adolescência” (garota); “é, mas a maioria das coisas que eles mostram sobre os adolescentes é isso” (garoto); “eles só mostram favela, porque eles não vão lá na classe média” (garota); “porque (os adolescentes de classe média) são piores ainda do que

os humildes, sabiam?” (garota); “é isso, é igual o aborto, pois as garotas que têm dinheiro vão em uma clínica e não aparece, mas uma pobre vai fazer o aborto e dá tudo errado, acaba aparecendo na mídia. Os ricos pagam pra não aparecer, o pobre não pode” (garota); “tem muito marginal, eles só mostram o lado ruim, não falam de coisas boas” (garoto); “eu acho que eles falam na mídia de coisas certas e erradas, tem vezes que eles falam que o adolescente é assaltante, ladrão, mas tem vezes que não são, que não fazem” (garoto); “às vezes tem aquele adolescente que rouba pra sobreviver e não pra fumar maconha, mas a mídia não mostra isso” (garoto); “principalmente se for negro” (garota); “tem muita discriminação” (garota); “eu morei dois anos em um morro da capital e via muito adolescente chegando de corsa lá em cima, de motinho, pra comprar droga, com arma na cintura, comprando pedra pra vender no seu bairro. Jovens que têm dinheiro, sobem o morro de tênis de marca, filhinhos de papai” (garota); “a diferença está nos níveis sociais, porque se eu fizer algo errado eu vou presa, mas se eu tiver dinheiro a coisa é diferente” (garota); “a maior audiência é mostrar favela, criança com fome” (garota); “a mídia mostra sobre os de classe média e alta que eles vão fazer vestibular, vão viajar pra fora do país” (garota); “eles não mostram que esses adolescentes muitas vezes estão gastando o dinheiro da universidade na maconha” (garota); “daí eles mostram o que há de positivo” (garota); “e têm aqueles pais que abandonam as suas famílias, pais da alta, e que as mulheres e as filhas ficam pobres, estão com o pé na lama” (garota).

Questionei-os/as sobre se existem diferenças entre ser um homem e ser uma mulher na sociedade em que vivemos. As observações: “nem tanto, já foi mais” (garota); “antigamente, a mulher era discriminada” (garoto); “hoje a mulher está passando por cima dos homens” (garota); “ela está conseguindo tomar seu espaço” (garota); “já estão até pilotando avião, dirigindo ônibus” (garota); “um homem não sabe administrar uma casa como uma mulher” (garota); “a mulher tem que trabalhar e o homem ficar em casa” (garoto); “eu acho que a mulher também tem que fazer a parte dela, não tem só que ficar em casa” (garoto); “direitos iguais para os dois, e hoje em dia já não existem mais tantas diferenças” (garota); “alguns tipos de emprego exigem só homens” (garota); “é difícil a mulher se meteu em tudo” (garota); “um exemplo, eu sou

casado, to trabalhando, mando a mulher trabalhar e ela não vai, eu me separo e aí ela vai. Porque não podia ir antes.” (garoto); “se o marido ganha um salário legal, pode até ficar em casa (a mulher) cuidando dos molequinhos, se não tem como, ela pode ajudar” (garoto); “existe diferença sim” (garoto); “e tem o machista que não deixa a mulher trabalhar, é o que mais tem” (garota); “sorte da mulher” (garota); “sorte não, coitada, não pode fazer nada” (garota); “nada melhor do que ter seu próprio dinheiro” (garota); “é, o adolescente já pede dinheiro pro pai e pra mãe, a mulher que não trabalha tem que pedir pro marido, isso é ruim” (garota); “tem homem que ainda vive na pré-história, a mulher em casa e ele na rua” (garoto); “no tempo da Amélia” (garota); “lá em casa é assim, meu pai é pedreiro, quando ele estava desempregado, minha mãe trabalha fixo e ele ficava fazendo as tarefas de casa” (garota); “tem homem que acha que se ele trabalha, tem que chegar em casa e estar tudo arrumadinho, pois se não tiver ele reclama” (garota); “homem é assim, se está sujo reclamam e se está limpo não ajudam a conservar” (garota).

Perguntei o que pensavam sobre a virgindade e responderam: “oh, é muito bom” (garoto); “é bom enquanto dura, mas é melhor quando perde” (garota); “hoje em dia é raro encontrar uma garota que quer casar virgem” (garota); “e se tu encontrases é caretice” (garota); “eu acho a coisa mais linda do mundo é casar virgem” (garota mãe); “ta difícil” (garoto); “olha tem homem virgem e mulher não” (garota); “bom é tirar a virgindade, pergunta uma garota aos rapazes”; “problema é achar a guria que é virgem” (garoto); “mas arrumar uma lacrada é difícil” (garoto); “lacrada é virgem ainda, explica” (garoto); “bem, e se tu encontrasses essa menina virgem, tu ias ficar com ela?” (garota); “difícilmente um rapaz fica com a menina depois de tirar a virgindade dela, porque só interessa ali naquela hora” (garota); “a mulher sempre fica sonhando com a sua primeira vez, sonha em ser com um cara bacana, legal e vocês só chegam sem cuidado” (garota); “a maioria dos caras hoje em dia só querem usar a mulher, transam e jogam fora” (garoto); “mas tem muita garota que não quer nada com nada hoje em dia” (garota); “eu não gosto dessa palavra, ‘transar’, eu não transo, eu faço amor, porque só vivo isso com quem eu gosto” (garota); “as mulheres não estão se dando valor” (garota); “eu vou falar a real. Hoje em dia tu fica com a guria, dois, três anos, já pensando, pra quebrar o

barraco. Já pensando, aturando até tirar a virgindade, depois que conseguiu, cansa e começa a se interessar por outra” (garoto); “ e quando não consegue tirar?”(garota); “ a gente vai perguntando né, se tu gosta de mim, até a garota ceder” (garoto); “vocês dizem que amam” (garota); “ e tem muita garota que diz que é virgem e não é” (garoto); “fica se fazendo, chega na hora ela está rasa” (garoto); “puxa, um ano, dois anos é muita coisa cara” (garoto); “tem um colega meu que ficou cinco anos com a guria e não conseguiu” (garoto); “fica sim” (garota); “ele era devagar” (garoto); “quando gosta o cara espera” (garota); “eu acho que hoje em dia virgindade não é mais importante” (garoto); “eu acho que se eu fosse virgem hoje, só transaria depois de casada” (garota).

Convidei-os/as a pensar sobre o que está acontecendo, que ainda existe um alto índice de gravidez não planejada na adolescência e assim se expressaram: “falta de consciência” (garota); “falta de responsabilidade” (garota); “não pensam antes” (garota); “eu acho que deveria ter um planejamento, colocar uma adolescente dois, três dias com uma criança pra ela saber o que é, ver o que é passar a noite em claro” (garota); “verem que não é a mesma coisa que brincar de boneca, devia ter uma escola que trabalhasse isso” (garota); “eu quis engravidar pra agüentar ele (o marido) perto de mim, porque meu pai era muito severo” (garota); “comigo foi totalmente diferente, eu tinha toda a liberdade do mundo, que hoje eu não tenho. Eu tinha tudo, casa, comida, liberdade pra sair e entrar na hora que eu quisesse. Tinha uma mãe, que muitos não têm, eu sabia de tudo e fazia tudo ao contrário. Com 14 anos fui morar com meu marido, fiquei com ele quatro anos, não foi bom, foi a pior fase da minha vida, eu perdi toda a minha adolescência. Tudo o que eu tinha de bom eu perdi, fui obrigada a assumir responsabilidades, com uma pessoa que eu nem conhecia direito, porque só estava com ele há dois meses. Eu meti a cara, na empolgação de sair de casa, fui uma adolescente com raiva da vida, e depois eu vi que era bem diferente, e eu tive que dar a volta por cima.” (garota); “não pensam no que estão fazendo” (garota); “e tem a falta de atenção, descuido” (garota).

Indaguei-os/as a respeito de quem é a responsabilidade por uma gravidez na adolescência: “dos dois” (garota); “dos dois” (garoto); “é, só que na hora do bem bom, ninguém pensa em nada. Só pensa depois quando vai pra

casa e aí começa a tensão.” (garoto); “e quando a garota engravida, como fica? (garota); “daí eles dizem que não é deles” (garota); “têm muitas mulheres que dizem que o filho é de um e é de outro” (garoto); “também existe isso” (garota); “a maioria engravida pra segurar o menino” (garoto); “hoje em dia não tem mais isso não, filho não segura homem” (garota); “porque os garotos não pensam que tem que se prevenir, se acham que a garota vai querer prendê-los, usem camisinha” (garota); “eu conheço um carinha que a garota estava grávida e ele mandou ela abortar” (garoto); “eu conheço um monte que faz isso, e o pior é que as gurias continuam com eles” (garota);

Lembrei aos/as jovens que no questionário havia perguntas sobre a saúde, sobre AIDS e solicitei que falassem um pouco sobre esses temas, e ainda, o que achavam que acontecia com as pessoas que contraem HIV, ou uma DST. Os/as estudantes começaram a argumentar sobre o que leva uma pessoa a contrair uma doença, salientando: “pó é burrice” (garoto); “as pessoas usam camisinha, mas fazem sexo oral e anal sem camisinha” (garota); “é burrice, pois tem a informação, mas fazem (transam sem camisinha)” (garota); “dentro do casamento isso também acontece, os homens traem, andam com as prostitutas na rua e trazem doenças pra elas, e elas acham que não” (garota); “a gente riu, quando a gonorréia foi mencionada, mas é uma doença terrível, tenho uma amiga que tem dois filhos e ficou dois meses internada por causa dessa doença” (garota); “saúde é prevenção” (garoto); “pensar em si própria” (garota); “se cuidar” (garota).

De certa forma, a discussão anterior fugiu um pouco do questionamento inicial, no que busquei retomá-la, e o grupo seguiu falando a respeito da AIDS: “AIDS é perigoso” (garota); “é uma doença muito falada e poucos têm consciência” (garota); “as pessoas não se preocupam muito com a AIDS, e não é falta de informação” (garoto); “acham que nunca vai acontecer com elas” (garota); “acontece muito assim, eu tenho a AIDS e não me importo se eu vou passar adiante” (garota); “difícilmente se pergunta para pessoa que vai ter relação se ela tem alguma coisa” (garota); “e se rola esse papo, vão mentir” (garota); “mas não rola perguntar isso, né?” (garoto); “para que isso (a AIDS) não aconteça, tem que usar camisinha e não fazer sexo oral ou anal” (garota); “pode até fazer o que quiser, em termos de sexo, mas é só usar camisinha

sempre” (garoto); “ as pessoas não usam camisinha porque não gostam de comer bala com papel” (garoto); “tem gente que tem vergonha de pedir para a pessoa usar camisinha” (garota); “às vezes não dá nem tempo de pedir pra usar camisinha” (garota); “dizem que atrapalha” (garota); “na hora do pega, ninguém fala nada não” (garota); “se o homem não gosta de usar camisinha, a mulher coloca” (garoto); “tem gente que tem vergonha de pedir camisinha no postinho e na farmácia, daí transa sem camisinha” (garoto); “no carnaval eu pedi a caixa no posto e distribuí para meus amigos, eles estava com vergonha” (garoto).

Sobre a AIDS, falaram também das razões que levam as pessoas a contraírem o HIV: “a pessoa pega o HIV por não pensar” (garota); “porque querem correr o risco” (garota); “porque confiam, acham que não acontece com eles” (garota). E, por fim, argumentaram um pouco a respeito das campanhas: “as campanhas não esclarecem muito, eu aprendi mais na escola, com as discussões, e acho que a escola deve abrir esse espaço pra comunidade não só para os alunos” (garota); “tem que colocar medo, mostrar a real” (garota).

Para finalizar a discussão dos temas, li para os rapazes e as moças a afirmação sobre o índice de infecção pelo HIV estar aumentando na faixa etária entre 13 a 19 anos, principalmente nas garotas, questionei-os/as sobre o que achavam que está acontecendo, no que afirmaram “as garotas acreditam no parceiro” (garota); “a pesquisa³⁶ que eu fiz agora, de seis meninas, um menino estava com HIV” (garota); “eu acho que as mulheres estão mais safadas do que os homens” (garota); “hoje em dia é elas que têm o controle” (garota); “é só passar de carro, e de fato elas se jogam” (garoto); “a preferência é por homem casado” (garota); “mas tem que ter carro” (garoto); “as mães estão soltando demais” (garota); “segurar é pior” (garoto); “mas as atitudes é que fazem pensar” (garota); “o meu pai era de trancar e isso não me impediu de engravidar com 13 anos” (garota³⁷); “com a minha filha eu vou junto com ela ver o que está fazendo” (garota); “eu acho ruim sair com a minha mãe, ela me

³⁶ Lembrando que nessa escola, não seriada, os/as estudantes trabalham os conteúdos a partir de projetos de pesquisa.

³⁷ A partir da fala desta garota, pode-se identificar a terceira jovem que foi mãe na adolescência nesse grupo.

tranca” (garoto); “hoje tem ainda a questão da violência, que os pais têm que estar ligados” (garota).

CAPÍTULO 6 - ENTRELACANDO OS SIGNIFICADOS PRESENTES NAS FALAS DOS/AS JOVENS NOS GRUPOS FOCALIS E NAS RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS

Neste capítulo, faço a análise de todas as informações obtidas ao longo dessa investigação, onde agrupo, a partir das temáticas pesquisadas (adolescência, gênero e AIDS), as falas dos/as jovens nos grupos focais e as respostas que deram aos questionamentos e assim procuro dar voz a esses/as jovens. Também busco apontar pontos em que os/as estudantes se aproximaram em seus argumentos e pontos em que se distanciaram; nesse entrelaçar de falas, retomo as opiniões dos/as adolescentes e jovens, procurando rever os 'olhares' priorizados anteriormente e aspectos apontados por outros pesquisadores na intenção de, posteriormente, tecer algumas considerações sobre o material obtido na pesquisa.

Penso que a riqueza das falas e respostas dos/as adolescentes e jovens desta pesquisa se encontram na diversidade de experiências e ambientes sociais em que vivem, pois suas opiniões, já explicitadas, estiveram permeadas por estas vivências e circunstâncias.

De certa maneira, embora os/as adolescentes e jovens façam parte de realidades diferentes, nas colocações sobre o que os/as levariam a ter um relacionamento sexual, as respostas os/as aproximaram. Na 5ª série e na 7ª série da EMI, a maioria entende que o fato de estarem apaixonados/as seria a razão que os levariam a essa experiência. Na 5ª e 7ª séries da Escola Estadual e no EJA, não foi diferente, estar apaixonados/as também foi a resposta da maioria.

Elaine Reis Brandão (2004) explica que está se modificando a iniciação sexual masculina, na medida em que era comum somente para as garotas terem sua iniciação sexual condicionada ao vínculo afetivo. Essa autora aventa duas hipóteses para essa transformação dos garotos frente à sua iniciação sexual,

...no universo das camadas médias, embora persistam as hierarquias de gênero na socialização das gerações mais novas, representações concorrentes começam a ganhar espaço, ancoradas em premissas

de maior igualdade entre os sexos. (...) a mudança das regras sociais que instituem o namoro entre adolescentes na atualidade, acompanhado de maior tolerância parental e social ao exercício da sexualidade dissociado do casamento. Assim, o tradicional recurso a outras mulheres, que não as namoradas, para consumir a iniciação sexual, pode não ser um expediente único. Isso não quer dizer que não existam mais classificações morais que ordenem o julgamento entre rapazes e moças, acerca do comportamento sexual feminino. (BRANDÃO, 2004, p. 67)

Já nas reflexões acerca da virgindade os/as participantes divergiram mais em suas colocações. Na 5ª série da Escola Particular, os/as adolescentes apontaram que é algo natural, acrescentando a necessidade da 'hora certa', e na 7ª série da mesma escola, os/as estudantes responderam nos questionários o que expressaram no grupo de discussão focal, que a virgindade é algo pessoal, que querem perdê-la com alguém especial, e ainda, que os jovens de hoje querem logo perder a virgindade, fato indicado por um garoto. Na 5ª série da Escola Estadual, as garotas apresentaram opiniões diferentes nos questionários, uma trouxe a afirmação de que é ruim querer perdê-la (a virgindade) e não poder, outra ainda, que as mulheres devem mantê-la, já os garotos se limitaram a falar o que é ser virgem. Nos/as jovens da 7ª série da Escola Estadual, os rapazes pouco se manifestaram acerca da virgindade, as garotas é que se posicionaram mais, e se aproximaram em suas colocações das respostas escritas nos questionários pela 7ª série da Escola Particular e a 5ª série da Escola Estadual, salientando que as garotas devem se cuidar com relação à virgindade, que não querem perdê-la de qualquer maneira e que hoje em dia é difícil encontrar garotas virgens. Afonso (2002) avalia que nas opiniões dos/as jovens hoje há “contradições entre representações tradicionais e modernizantes bem como entre as representações e a experiência de gênero” (p.178).

No grupo focal, da 7ª série da Escola Estadual, os/as estudantes em suas falas explicitaram as diferenças percebidas entre os sexos, alegando: “os garotos têm mais liberdade que as garotas para namorar, não sofrem tanta pressão quanto as meninas, as meninas têm que se cuidar pra não engravidar,

pra não ficar falada” (garoto). Quanto à pressão sobre a vida sexual das garotas, Heilborn (2004) explica que as diferenças de gênero nas classes populares podem ser percebidas na maneira como a família lida com a sexualidade de seus filhos, como procede com relação à autonomia, liberdade e privacidade, salientando que “sobre a vida sexual dos adolescentes do sexo masculino recai um baixo controle”(p.30).

Retomando as colocações da 7ª série da Escola Estadual, seguiram salientando as diferenças percebidas por eles/as e apresentando idéias opostas: “o homem tanto faz perder a virgindade, mas se a mulher perde é um horror” (garoto); “Antigamente ser virgem era lindo maravilhoso, hoje em dia já não é mais esse tabu todo, tanto faz tu ser virgem, como tu não ser, não tem mais aquele preconceito todo” (garota).

No EJA, os garotos também expressaram que a virgindade para eles é algo natural, reforçando a questão da ‘hora certa e com a pessoa certa’, algumas garotas colocaram que querem casar virgem, que deixar de ser virgem é desrespeitar os pais, que a virgindade é algo pessoal e que se deve pensar muito antes de perdê-la e ter responsabilidade. No grupo focal, esses/as jovens manifestaram opiniões como: “é bom enquanto dura, mas é melhor quando perde” (garota); “hoje em dia é raro encontrar uma garota que quer casar virgem” (garota); “eu acho a coisa mais linda do mundo é casar virgem” (garota mãe); “mas arrumar uma lacrada é difícil” (garoto); “difícilmente um rapaz fica com a menina depois de tirar a virgindade dela, porque só interessa ali naquela hora” (garota). Novamente surge o que Afonso (2002) chamou de contradições entre ‘representações tradicionais e modernizantes’ e contradições entre ‘representações e experiências de gênero’.

De um modo geral, embora tenha encontrado posicionamentos diversos, pude perceber que a virgindade acaba sendo uma preocupação maior das garotas. No que Brandão (2004) esclarece que “a iniciação sexual e/ou amorosa franqueia aos adolescentes a possibilidade do aprendizado da dimensão relacional íntima, no tocante às diferenças de gênero, além de encarnar a conquista gradativa da autonomia pessoal” (p.65).

Diante de tantas falas de gênero, chamaram a atenção as colocações dos/as jovens do EJA, em que pude perceber a força das diferenças

construídas nas relações de gênero, pois senti por parte dos garotos certa desqualificação das garotas. No entanto, Flávia Rieth (2004) salienta que “na representação dos rapazes, o exercício da sexualidade com a parceira, figura como um ganho de aprendizagem técnica e afirmação de virilidade” (p.80), o que me permitiu pensar, também, que na cena das discussões no grupo focal essa representação não ficou de fora.

Ainda com relação às falas sobre a virgindade, encontrei em Michel Bozon (2004) elucidações acerca das normas de entrada na prática da sexualidade com parceiros, onde este afirma que na atualidade vive-se um processo de transição para novas normas de iniciação sexual, passando-se de uma ‘moral de reserva’ para ‘um ideal da primeira relação’. Ele diz:

A emergência de um “ideal de primeira relação” (...) que traduz uma interiorização e uma psicologização das expectativas sociais – é típica desse quadro de recomposição das normas que afeta a primeira relação sexual. A idéia de que há sempre remorsos e conseqüências graves caso ela não se passe dentro de um relacionamento amoroso escolhido está presente nos relatos escritos sobre primeiras relações sexuais recolhidos por autores – sobretudo nos relatos de mulheres, mas não apenas neles. Uma primeira relação sexual conforme o ideal contribuiria para confirmar a capacidade do indivíduo para travar um relacionamento. Considera-se que a primeira relação sexual fracassou quando ela se desenvolve em um contexto que a impede de ser um ato criador de vínculo. Reencontramos aqui uma versão transformada de uma norma mais antiga, segundo a qual a primeira relação sexual deve se dar com o grande amor ou o cônjuge. Apesar dessa norma também aparecer entre os homens, seu poder parece ser menos estruturante entre eles: no caso de uma relação sexual precipitada com um parceiro eventual, as mulheres exprimem maiores remorsos, na medida em que, sem dúvida, os homens sempre podem se declarar satisfeitos por ter adquirido uma experiência individual qualquer, boa ou ruim, em matéria de sexualidade” (BONZON, 2004, p.127-128)

Como causa da gravidez não planejada na adolescência, os/as adolescentes da 5ª série da Escola Particular alegaram que isso se deve à ausência de diálogo com os pais; na 7ª série também da Escola Particular,

responderam que uma das causas é a falta de informação; no grupo focal esses/as alunos/as disseram: “elas (garotas) não estão se cuidando, estão perdendo a virgindade mais cedo” (garota); “elas estão muito irresponsáveis” (garoto); “às vezes não é porque elas querem, mas elas podem estar sendo forçadas a isso” (garoto); “por falta de informação não” (garoto); “não sei, sei lá, na hora eles (garoto e garota) só estão preocupados com que eles estão vivendo e nem pensam muito” (garota). Brandão (2004) explica que existe um descompasso entre entrada na sexualidade e controle da contracepção, pois considera que o domínio da contracepção na adolescência possui um caráter processual e salienta que:

Não se trata de tomá-los como um percurso linear, dotado de racionalidade, que se manifesta de modo incondicional. Há descontinuidades que estão submetidas a circunstâncias específicas. Assim, os jovens parecem estar mais atentos e vigilantes às primeiras relações sexuais, pela expectativa que geram, do que à continuidade dos intercursos sexuais. Se os contatos sexuais se dão no âmbito de um relacionamento amoroso ou mediante relações ocasionais, a adoção de medidas contraceptivas ou de proteção às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) vai também variar. Os jovens tendem a ser menos vigilantes quando estão inseridos em relacionamentos mais duradouros. (...) contrário da falta de “responsabilidade”, o não-uso do método pode representar, na verdade, uma certa negociação entre os parceiros sobre o significado da relação denotando “compromisso” e “prova de afeto”. (BRANDÃO, 2004, p.77-78)

Na 5ª série da Escola Estadual, expressaram que isso acontece pela ausência de diálogo com os pais; na 7ª série desta escola, as garotas argumentaram que a gravidez ocorre pela falta de diálogo com os pais e os garotos indicaram a falta de informação. No grupo focal explicitaram: “falta de preservação, por parte das garotas” (garota); “agem pelo impulso” (garota); “têm pressa de perder a virgindade” (garoto); “mas pode ser assim, algum guri que elas gostam e que pressiona tanto até que elas cedem” (garota); “o garoto pode dizer assim: só fico contigo se tu transares comigo” (garota); “às vezes

tem garotas que pensam, eu vou engravidar dele pra prender ele” (garota). Retorno às ponderações de Lavinias (1997) que reforça a necessidade do olhar de gênero nas pesquisas com adolescentes e conclui que a maior ou menor autonomia dos/as adolescentes diante das possibilidades de escolha com relação à vida sexual, estarão marcadas pelas diferenças sexuais, onde não há como não olhar para esse fato.

No EJA, os/as jovens apresentaram nos questionários a ausência de diálogo com os pais como o principal motivo que leva a uma gravidez não planejada na adolescência; no grupo focal afirmaram: “falta de responsabilidade” (garota); “não pensam antes” (garota); “eu acho que deveria ter um planejamento, colocar uma adolescente dois, três dias com uma criança pra ela saber o que é, ver o que é passar a noite em claro” (garota); “eu quis engravidar pra agüentar ele (o marido) perto de mim, porque meu pai era muito severo” (garota); “comigo foi totalmente diferente, eu tinha toda a liberdade do mundo, que hoje eu não tenho. Eu tinha tudo, casa, comida, liberdade pra sair e entrar na hora que eu quisesse. Tinha uma mãe, que muitos não têm, eu sabia de tudo e fazia tudo ao contrário. Com 14 anos fui morar com meu marido, fiquei com ele quatro anos, não foi bom, foi a pior fase da minha vida, eu perdi toda a minha adolescência. Tudo o que eu tinha de bom eu perdi, fui obrigada a assumir responsabilidades, com uma pessoa que eu nem conhecia direito, porque só estava com ele há dois meses. Eu meti a cara, na empolgação de sair de casa, fui uma adolescente com raiva da vida, e depois eu vi que era bem diferente, e eu tive que dar a volta por cima” (garota); “é, só que na hora do bem bom, ninguém pensa em nada. Só pensa depois quando vai pra casa e aí começa a tensão.” (garoto). Santos (1996) reflete que “é perigoso associar “gravidez não planejada” com “gravidez não desejada”. Ela diz: “se há um cuidado em reconhecer os desejos dos adolescentes, sem dúvida há que se compreender que os acontecimentos que lhes ocorrem não se desvinculam dos seus desejos, mesmos os que não tenham muita consciência”. (p.96)

Os/as adolescentes, em sua maioria, apresentaram as mesmas respostas nos questionários com relação às causas de uma gravidez não planejada na adolescência, afirmando a ausência de diálogo com os pais como

um dos principais motivos, havendo uma diferenciação em alguns grupos, nas respostas dos garotos que indicaram a falta de informação como a razão para os índices de gravidez não planejada. E com relação à ausência de diálogo com os pais, Brandão (2004) coloca que “as conversas em família sobre sexo revelam-se ainda pouco explícitas” (p.80).

Ao me deparar com os depoimentos das garotas que já são mães, a sugestão de possibilitarem as adolescentes uma espécie de laboratório para mães, a falta de informação, e a insistência do garoto para que a garota permita uma relação sexual foram questões ressaltadas por elas. Recordei-me das colocações de Melo e Pocovi (2002), Vasconcelos (1971) e Nunes (1997) acerca da educação sexual, uma educação que está sempre acontecendo, que abre possibilidades ao entendimento das significações construídas culturalmente em relação à sexualidade e permite, ainda, atitudes conscientes e caminhos para autonomia dos/as jovens.

Também percebi que esteve implícito nas falas dos grupos focais sobre as causas da gravidez não planejada na adolescência, a responsabilidade em evitar a gravidez como tarefa da garota, por mais que tenham surgido observações sobre garotos e garotas que não pensam na hora da transa, e no EJA terem aventado o cuidado como responsabilidade de garotos e garotas. Isto, apesar da maioria das respostas nos questionários afirmarem que a responsabilidade por uma gravidez é de ambos os gêneros. Devo registrar que talvez, na forma como os/as indaguei, eu tenha centrado essa pergunta nas garotas, mas fica para reflexão a constatação de que ainda há uma tendência em centrar nas garotas essa responsabilidade. Maria Inês Detsi de Andrade Santos (1996) relata que “apesar de os adolescentes afirmarem com unanimidade que tanto o homem como a mulher devem preocupar-se em evitar a gravidez, sabe-se, que esta tem sido uma preocupação apenas da mulher” (p.95).

Diante das percepções apresentadas pelos/as adolescentes e jovens, sobre iniciação sexual, virgindade e as causas da gravidez não planejada, considero importante ponderar sobre o que apresenta Heilborn (1996), quando diz:

O sexo, enquanto objeto de análise tal como qualquer outra dimensão da vida social, deve ser construído analiticamente tomando-se as referências que o contexto autorizar. É necessário neutralizar a crença da sexualidade existindo em si como um domínio da existência autonomizado; ela se integra a estratégias matrimoniais e de integração em uma rede social. O sexo é um canal de comunicação, um meio de troca articulado numa visão de mundo, onde estão igualmente presentes concepções sobre o amor romântico, intimidade, corpo e os sentimentos a ele relacionados como gosto e desgosto, também estes culturalmente fabricados.

O questionário abordou de forma mais direta o diálogo dos/as jovens sobre sexo com seus pais e mães; na 5ª série a alternativa mais assinalada foi a de que nunca conversam, já na 7ª série da Escola Particular todos/as conversam apenas alguns assuntos e no grupo focal um jovem dessa turma trouxe a questão da dificuldade dos pais de falarem sobre sexo com os filhos, e a constatação de que eles/as também sentem vergonha de falar sobre este assunto com o pai ou a mãe. Na 5ª série da Escola Estadual, as respostas variaram bastante, houve aqueles/as que colocaram que conversam abertamente, aqueles/as que falam apenas de alguns assuntos e os/as que nunca falam nada e na 7ª série dessa mesma escola, as garotas deram respostas variadas, algumas conversam abertamente com a mãe, outras, às vezes, há aquelas que só conversam alguns assuntos e, dos garotos, apenas um conversa sobre alguns assuntos, os demais não conversam. No EJA, cinco garotas e quatro garotos disseram que nunca conversam, três garotas e dois garotos, às vezes: duas garotas e três garotos conversam alguns assuntos e houve quem não respondesse.

As dificuldades de se falar sobre sexo nas famílias refletem todas as significações sobre sexo presentes em nossa sociedade, todo o aprendizado sobre pecado, medo e culpa, expressão de uma “sexualidade ocidental” (Áries e Bejin, 1986). Revelam a importância de se conhecer o contexto de produção de significados sobre a sexualidade, compreender esses significados em nós enquanto seres sexuados que somos e assim podermos olhar para nossas contradições. Para que se possam, dessa forma, criar espaços a novos diálogos, priorizando na relação com crianças e jovens a autonomia e a ética,

resgatando toda dimensão prazerosa, lúdica e política da sexualidade (NUNES, 1997)

Diante da indagação sobre DSTs nos questionários, três garotos e seis garotas da 5ª série da Escola Particular escreveram que não sabiam o que significava DST e os/as demais sabiam o que significa a sigla. Esse desconhecimento dos/as adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis, faz-nos avaliar, mais uma vez, o quanto não lidamos com uma educação sexual intencional, que compreende que somos seres sexuados no mundo e que toda educação é uma educação sexual (Melo e Pocovi, 2002; Nunes, 1997). DSTs são de conhecimento de todos os garotos e da garota da 7ª série da EMI, cabe ressaltar que no currículo desta série, nas escolas brasileiras, há um trabalho sobre essa temática na disciplina de Biologia, mais especificamente sobre reprodução humana. O conhecimento explicitado acerca das DSTs, na 5ª série da Escola Particular, revelou que as garotas sabem o que é. Dos garotos, quatro deles colocaram não saber o que significa, e apenas um garoto respondeu saber o que significa esta sigla. Na 7ª apenas duas garotas não souberam dizer o que são DSTs, as demais deram o conceito. Os garotos, em sua maioria, não souberam dizer o que significa essa sigla e apenas um disse o conceito corretamente. Esses/as jovens contrariam seu currículo, pois certamente, na série em que estão trabalharam essa temática, daí pode-se formular indagações a respeito do papel das informações, que podem ficar distantes dos/as jovens. Diante da pergunta sobre DSTs no EJA, as garotas em sua maioria souberam o que é, mencionaram o conceito, porém, duas garotas deram uma explicação errada para DSTs e outras duas disseram não saber. Os garotos também em um número maior afirmaram saber o que é DSTs, havendo três rapazes que não responderam, um que afirmou não saber, um outro que disse que é a AIDS e um que colocou que é doença. Com essas afirmações pode-se até repensar a questão da falta de informação, citada em alguns momentos dessa pesquisa por parte dos/as estudantes.

Sobre a AIDS, todos/as alunos/as 5ª série da Escola Particular a compreendem como uma doença, apenas um garoto disse que a AIDS não é uma doença. Informaram terem ouvido falar dessa doença através de jornais,

televisão, revistas, postos de saúde. Os garotos e a garota da 7ª série Escola Particular compreendem a AIDS como uma doença, e as informações que têm sobre a AIDS são obtidas através das mídias, da escola e um garoto afirmou que na rua também se aprende sobre essa doença. Em relação ao conhecimento sobre AIDS, todos/a da 5ª série da Escola Estadual conhecem essa doença. Com relação à AIDS, na turma da 7ª série da Escola Estadual apenas uma garota disse não saber o que é, e quanto a ser uma doença, as respostas variaram entre sim, sim e não e não, sendo que percentualmente a maior parte disse sim. No EJA as garotas apontaram saber o que é a AIDS e que é uma doença, dos garotos a maioria também disse saber o que é e que é uma doença.

Frente às colocações da maioria dos/as alunos/as de conhecerem a AIDS e de considerá-la uma doença, Maria Andréia Loyola (1994) registrou que há diferença entre saber que a AIDS é uma doença e conhecê-la de fato. Encontrei nessa autora a possibilidade de relativizar as afirmações desses/as jovens e não ficar apenas com a idéia de que sabem tudo sobre essa doença somente a partir da afirmação feita no questionário. E há que se pensar também que “não há nenhuma correlação entre nível de conhecimento sobre a AIDS e suas formas de transmissão e o uso da camisinha”, como diz Paiva (2004, p.217) mencionando os jovens de sua pesquisa.

Com essa relativização, retomo o início desse estudo, quando me deparei com o índice de infecção pelo HIV aumentando na faixa etária entre 13 a 19 anos, fato que me fez indagar sobre o que acontece com nossos jovens hoje, quando na pesquisa, verifico que todos sabem o que significa a AIDS. Encontro no olhar de outros/as pesquisadores/as o convite para ir além das informações e na realidade, confirmo a importância de uma tomada de consciência acerca do papel da educação sexual, na busca de caminhos que possibilitem a promoção de autonomia responsável entre os/as jovens (NUNES, 1997; Vasconcelos, 1971).

Nos grupos focais os/as adolescentes e jovens puderem dizer um pouco mais a respeito do que compreendem da AIDS.

Para a 7ª série da Escola Particular: “cada vez mais gente tem mais AIDS e cada vez mais novos” (garoto); isso acontece “porque não usam

camisinha” (garoto); “por descuido” (garota); “pelo uso de drogas” (garotos); “as pessoas vêem na TV todo mundo ter relação sexual e aí fazem” (garoto); “acham (ao verem na TV) que é tudo muito fácil, a TV vulgariza, como se tudo fosse muito fácil, pois não é só chegar e transar” (garota); “tem que pensar nas conseqüências” (garoto); “A pessoa tem que ter uma noção do que ela quer, do que pode fazer e o que não fazer” (garoto); “não pode transar por transar, é preciso conhecer” (garota). Nessas colocações dos/as adolescentes sobre a AIDS, pude confirmar as considerações de Paiva (2000) quando reforça que:

...devemos lembrar que as mudanças na conduta sexual que permitem às pessoas se defenderem do HIV serão influenciadas pela história pessoal de cada indivíduo, num tempo que varia de pessoa para pessoa, (...) Mas a história dessa epidemia mostra que para sustentarmos essas mudanças em todos os momentos da vida sexual dependemos de uma verdadeira revolução cultural, coletiva, semelhante àquela que arrancou de algumas sociedades de tradição judaico-cristã as mudanças (instáveis ainda) no rumo de uma relação mais igualitária entre homens e mulheres e novas definições para os gêneros. Ou seja, será fruto de um trabalho de longa duração com as diversas comunidades e subculturas sexuais e, depois disso, certamente será mais fácil para as próximas gerações serem socializadas com outros variados, múltiplos e reiventados *scripts sexuais* (PAIVA, 2000 p.40)

Nas falas dessa 7ª série (EMI), estiveram presentes aspectos referentes ao conhecimento sobre a doença, trouxeram explicações de ordem moral, referendando comportamentos sexuais e a idéia de conhecimento do parceiro/a como estratégia de prevenção. Heilborn (1996) assinala que pode constatar em suas pesquisas que a prevenção diminui na medida em que o parceiro é considerado conhecido.

Na 7ª série da Escola Estadual, argumentaram: “A AIDS não mata, ela só tira a imunidade” (garotas); “muita gente diz assim, ninguém morre de AIDS” (garota); “hoje tem vacinas” (garota). Um garoto explica sobre a questão do vírus no organismo e, no grupo, seguem argumentando: “falaram que têm pessoas que são imunes à AIDS” (garota); “pega o vírus mas ele não vai se

desenvolver” (garota). Ainda sobre a AIDS, mais especificamente falando sobre a infecção pelo HIV, declararam: “contraem a AIDS pois fazem sexo sem camisinha” (garota); “por compartilhar agulha” (garota);” até de um corte no dedo, você pode pegar AIDS” (garota); “a garota pode acabar engravidando sem fazer pré-natal e passar para a criança”(garota); “pegam também por fazer sexo errado” (garoto); “quando se contrai AIDS as pessoas discriminam, não tem informação” (garota); “acho que têm pessoas que têm AIDS e não querem ser ajudadas” (garoto). Teve o garoto que tirou da pasta da escola o livrinho com explicações sobre AIDS tentando passar informações aos colegas, mas a discussão seguiu, com as falas: “tem aquelas pessoas que acham que sentar perto pega AIDS (garota); “uma pessoa pode doar sangue e não estar em tempo de detectar o vírus e passar para outros” (garota); “contraem o HIV por falta de cuidado” (garota); “por fazer sexo sem camisinha” (garoto); “as pessoas tem informação suficiente para não contrair o HIV, acho que sim” (garoto); “tem gente que contrai o HIV e pensa que se a ciência está avançando ele não tem com que se preocupar” (garota); “as pessoas são relaxadas, pois sabem que existe a doença e agem assim porque querem” (garotas) Após essa observação os garotos se manifestaram: “melhor prevenir do que remediar” e “seguro morreu de velho”.

Nessa turma de 7ª série da Escola Estadual, indicaram seus conhecimentos e suas dúvidas também com relação à AIDS, especificaram o avanço da ciência e a constatação de que a AIDS não necessariamente levará alguém à morte. Porém, não fugiram às contradições frente a uma epidemia também de ordem sexual, houve um garoto que fez uso da expressão ‘sexo errado’, o que mais adiante em suas falas ele explicou que é o sexo anal, no que Richard ParKer (1994) esclarece que “ em particular para os homens, mas também aparentemente para muitas mulheres – o erotismo anal continua associado à transgressão de tabus” (p.151). Mais uma vez nas opiniões dos/as jovens esteve presente a gramática cultural, o aprendizado acerca das significações sobre o sexo.

Quanto aos índices de HIV estarem aumentando na população jovem, principalmente nas garotas de 13 a 19 anos, nos questionários as respostas foram variadas: na 5ª série da Escola Particular, as garotas colocaram que isso

acontece por culpa dos homens, para os garotos esse alto índice também está ligado à biologia da mulher e, de um modo geral, centraram suas explicações na ausência do uso do preservativo. Na opinião das garotas da 7ª série da Escola Particular isso acontece porque as garotas não exigem o uso da camisinha, porque não se cuidam, não se previnem, por falta de maturidade e na opinião dos garotos, é porque os homens não querem usar camisinha, as mulheres transam mais, porque copiam o comportamento umas das outras e, enfim, porque não usam camisinha. Na 5ª série da Escola Estadual as alunas salientaram que as moças estão iniciando muito cedo a vida sexual e não estão se cuidando, estão aceitando transar sem camisinha, isso também acontece pela falta de instrução, pelo fato de acharem que com elas não acontecerá e por confiarem demais nos parceiros. Já os alunos centraram suas respostas na ausência dos cuidados preventivos, indicando o não uso da camisinha. Na 7ª série de Escola Estadual, na opinião das garotas, na hora da transa as jovens não exigem a camisinha do companheiro, não se cuidam bem e só querem saber de curtição, e não se previnem. Falaram ainda na falta de conversa com os pais, o fato de considerarem que as garotas vão para cama com qualquer um, enfatizando a falta de maturidade e de opinião. Para os garotos, isso acontece porque as garotas não se cuidam, não usam camisinha e porque agora elas transam mais. No EJA os/as jovens enfocaram em suas opiniões o não uso do preservativo, o fato das mulheres não exigirem o preservativo dos parceiros, a falta de conhecimento da pessoa com quem essas mulheres estão tendo relação sexual. Apontaram ainda a falta de confiança e o excesso dela, também colocaram que as mulheres não têm cabeça e que são as mais prejudicadas em função da anatomia de seu órgão genital, que as predispõem a contraírem a doença com mais facilidade do que os homens. Ressaltaram também, que as mulheres casadas não usam preservativos ou não obrigam seus maridos a usarem, confiando nestes.

Diante dessa questão, anteriormente citada, percebi que os/as jovens de certa maneira, deram explicações bem semelhantes e não escaparam ao que já pontuei com relação às questões de gênero, o foco na questão da responsabilidade que, como salienta Brandão (2004), há uma complexidade maior com relação à prevenção, não é apenas uma questão de

irresponsabilidade. Corroboraram também com o que Heilborn (1996) explica em relação ao conhecimento do/a parceira sexual e, com isso, o afrouxamento das medidas de prevenção. Ainda posso resgatar Louro (1998), quando se refere à sexualidade como “mais do que uma questão pessoal e privada, ela se constitui num campo político, discutido e disputado” e que é nas relações de poder que ocorrem as normatizações da conduta entre meninos e meninas, a produção de ‘saberes’ sobre a sexualidade e os corpos, as táticas e as tecnologias que garantem o ‘governo’ e o ‘auto-governo’ dos sujeitos (LOURO, 1997).

Sobre o índice de HIV aumentando em mulheres jovens, nos grupos focais, mais especificamente na 7ª série da Escola Particular, o foco das respostas esteve centrada no uso de drogas e indicaram também a falta de responsabilidade. Na Escola Estadual, na 7ª série, apontaram o fato das garotas não lembrarem os garotos de usarem camisinha, de só pensarem em curtição, de não pensarem nos cuidados, a prostituição, a vergonha na negociação da camisinha, novamente surgiu a questão da AIDS nas mulheres casadas e o posicionamento de que prevenção não é algo apenas das mulheres. No EJA salientaram a confiança como um fator de risco, a percepção de que as mulheres estão mais ‘safadas’ e o papel dos pais diante da sexualidade das garotas. Os julgamentos morais surgiram em muitas das falas dos/as jovens, e na 7ª série da Escola Estadual indicaram a percepção da dificuldade da negociação da camisinha, fruto das desigualdades entre os gêneros.

Em relação ao que pensam sobre saúde, as falas dos/as alunos/as se aproximaram quanto a considerarem a saúde algo essencial, ressaltando a importância dos cuidados com a saúde, que envolvem alimentação saudável, exercícios etc. Também surgiram pontos diferenciados nas argumentações dos grupos. Na Escola Particular o grupo enfatizou o cuidado com a saúde psicológica e houve quem associasse esse cuidado com situações como a separação dos pais e os dramas por eles/as vivenciados nesses casos. Já os/as adolescentes da Escola Estadual pontuaram a precariedade do sistema de saúde, as diferenças com relação ao atendimento de pessoas de camadas populares e de camadas médias. Justificaram seus argumentos com suas

experiências nos postos de saúde, no tempo de espera para uma consulta e por último alegaram a importância da informação em saúde, onde apresentaram fatos em que as pessoas ignoram certos cuidados e não fazem exames por preconceitos e medos. No EJA a discussão sobre saúde se deu atrelada à questão da AIDS. A partir dessas colocações sobre saúde, os/as adolescentes da 7ª série da Escola Estadual se mostraram mais envolvidos com o exercício de manifestar opiniões, de certa forma, revelaram-se mais informados a respeito da importância de sua participação para a transformação da realidade social em que vivem, de fato mais mobilizados e desejosos por mudanças.

Quanto a se considerarem adolescentes, alguns/as estudantes com menos idades não se consideraram adolescentes ainda, enquanto estudantes com idades consideradas pelo ECA como na adolescência se disseram não muito adolescentes, pois admitiram que só são adolescentes para o que lhes convêm. Já, os jovens do EJA, a maioria se designou na adolescência, só não se consideraram adolescentes as garotas que já foram mães.

As opiniões acerca da adolescência, sobre ser adolescente e a forma como a mídia apresenta os/as adolescentes variaram bastante, além das definições aliadas aos 'conceitos científicos' sobre a adolescência, muito presentes quando os/as estudantes definiam o que é ser um adolescente, o que significa essa etapa, também apontaram aspectos presentes na sua própria adolescência. Mais especificamente com relação à mídia, o fato da mídia fazer 'generalizações' apareceu nas falas nos grupos pesquisados, mas as opiniões apresentaram características diferentes nos grupos de discussão. Na 7ª série da Escola Particular os/as jovens assinalaram que a mídia trata os/as adolescentes como se fossem todos/as iguais, mas não debateram muito sobre o que pensam a respeito desse fato, na Escola Estadual, na discussão a respeito da mídia, apontaram exemplos do que consideraram que a mídia distorce na realidade, indicaram programas e fatos, justificando suas idéias. No EJA os/as jovens centraram o debate sobre a mídia, nas diferenças que percebem sobre o modo como a mídia apresenta os/as adolescentes das camadas populares. Para eles há preconceito e uma ênfase nos aspectos negativos dos/as jovens da favela, enquanto os adolescentes de camadas

médias são apresentados em aspectos positivos. Revelaram, assim, consciência das diferenças sociais como estruturantes de si próprios e da sociedade.

Percebi, ao longo das tentativas de aproximação das falas dos/as jovens, que não foi possível descolá-los das suas experiências, o que me faz pensar no modo como se constituem enquanto sujeitos, no modo como subjetivaram o que vem a ser a adolescência, e ainda no modo como se pensam. Pois, “o eu se constrói na relação com o outro, em um sistema de reflexos reversíveis, em que a palavra desempenha a função de contato social, ao mesmo tempo em que é constituinte do comportamento social e da consciência” (MOLON, 2003, p. 83). E, penso ainda nas colocações de César (1998), já explicitadas neste estudo, quanto ao entendimento da adolescência como período de ‘tempestade e tormenta’, na medida em que os/as adolescentes trazem em suas falas observações que caminham no sentido dessa compreensão de ‘crise’, ‘tumulto’, ‘fase difícil’ .

Frente ao questionamento sobre se existem diferenças entre ser um homem e ser uma mulher em nossa cultura, os garotos da 5ª série da Escola Particular, em sua maioria, responderam que não existem diferenças, apenas um garoto afirmou que a diferença se faz presente na biologia, enquanto as garotas se dividiram mais nessa questão, algumas afirmaram não existirem diferenças, argumentando que tanto os homens como as mulheres são seres humanos e importantes enquanto pessoas, outras disseram haver diferença, divergindo na justificativa para essa afirmação. Argumentaram, assim, que a diferença é física e também reside no modo de ser, apontando que os homens são mais fortes que as mulheres, acham que podem tudo e as mulheres são medrosas.

Para os/as adolescentes da 7ª série da Escola Particular, em sua maioria, há diferenças entre ser um homem e uma mulher, fizeram esta afirmação indicando a existência de preconceitos com relação às mulheres e houve aqueles que alegaram que essas diferenças não mais existem nos dias de hoje, na medida em que homens e mulheres estão tendo as mesmas chances, e ambos são chefes de família. Nessa turma as questões sobre relações de gênero estão mais relativizadas e os/as jovens apontam ainda a

mudança estrutural em nossa sociedade hoje, que modifica o olhar sobre os papéis definidos socialmente para homens e mulheres.

Na 5ª série da Escola Estadual, a maioria dos/as estudantes afirmou não haver diferenças entre homens e mulheres, assinalando que hoje as mulheres fazem coisas que não faziam no passado. Porém, houve aqueles/as que confirmaram a existência de diferenças argumentando: “hoje em nosso dia-a-dia os homens são os vagabundos, também dependendo de certas mulheres”; “pela força física, pelos atos e pelos preconceitos”; “a mulher se ela trabalhar mais duro que o homem, ela ganha menos e o homem ganha mais”; “porque a mulher é mais discriminada em pleno século XX”.

Os rapazes na 7ª série da Escola Estadual se dividiram diante dessa indagação sobre diferenças entre ser um homem e ser uma mulher em nossa cultura, metade disse que há diferença, alegando que cada um tem seu estilo e a outra metade apontou que os homens têm mais ‘preferências’. As moças foram unânimes ao afirmarem que existem diferenças, porém suas opiniões foram as mais variadas: “hoje ainda é muito comum o machismo”; “o pensamento de homens e mulheres é totalmente diferente”; “pois há muito mais vagas para homens do que para mulheres (no mercado de trabalho)”; “acho que sim pois o homem é mais forte que a mulher em tudo, tem mais capacidade de arrumar emprego que a mulher”; “quando um garoto fica com duas garotas em duas semanas, é considerado um pegador, um garanhão. Já, a garota, é chamada de galinha e sem-vergonha”; “ainda existe muito preconceito”; “o homem é muito machista, ele transa com a mulher e sai fora, a mulher é diferente”; “o homem querendo ou não ainda tem mais valor que a mulher”.

No EJA os rapazes disseram não haver diferenças entre homens e mulheres, apenas um disse que “ser homem é melhor”. Já, as garotas em sua maioria, disseram haver diferenças, também houve aquela que disse que as mulheres são melhores que os homens, porém os argumentos das que confirmaram as diferenças estiveram centrados nas desigualdades percebidas socialmente como: diferenças nos salários, os homens ganham mais (segundo as jovens), e nos julgamentos morais (as mulheres são faladas); os homens acabam tendo mais direitos, pois ainda existem preconceitos e machismo. Algo

que é importante salientar nos argumentos das garotas, são afirmações como: “em muitos lugares há certo preconceito em relação à mulher ser mais frágil e incapaz de fazer muitas coisas que um homem faz” e “os homens querem dar um de machista. Só querem mulher trancada em casa. As mulheres já pensam diferente, são donas de casa, trabalham fora e cuidam dos filhos”.

Nos grupos focais, as falas não se distanciaram muito das respostas dadas aos questionários: na 7ª série da Escola Particular, respostas como prefiro ser homem, pois ser um garoto é muito melhor, principalmente porque os pais soltam mais e prendem as garotas, as diferenças entre homens e mulheres estão nos preconceitos; na 7ª série da Escola Estadual, os/as estudantes colocaram que nos empregos existem diferenças, apontaram para o processo de conquista de direitos pelas mulheres e todas as desigualdades percebidas por eles/as nas relações entre homens e mulheres; no EJA expressaram que as diferenças hoje em dia são menores, acrescentaram que as mulheres têm conquistado uma outra posição, porém o olhar foi sexista, na lógica de que as mulheres estão superando os homens. Especificaram ainda sobre a importância de direitos iguais e, também, o machismo, as características da Amélia e as tarefas ‘ditas de mulheres’, com exemplos de situações por eles/as experienciadas.

Heilborn (1996) expressa que :

O gênero é um conceito que visa apontar para a não-continuidade entre sexo físico e o sexo social. O comportamento esperado de uma pessoa de um determinado sexo é produto das convenções sociais acerca do gênero em contexto social específico. E mais, essas idéias sobre o que se espera de homens e mulheres são produzidas relacionalmente, isto é, quando se fala em identidades socialmente construídas, o discurso sociológico/antropológico está enfatizando que a atribuição de papéis e identidades para ambos os sexos forma um sistema concatenado. (HEILBORN, 1996, p. 108)

Após as falas dos/as estudantes sobre as diferenças de gênero, busquei em Heilborn (idem) a explicitação sobre o quanto a forma como descreveram a existência de diferenças ou não, esteve ligada às suas vivências, aos contextos

sociais em que se constituem como sujeitos. Assim, falaram também do lugar que ocupam, das relações que estabelecem, da forma como se apropriaram e constroem suas identidades de homens e mulheres. Entendendo como elucida Maria Juracy Filgueiras Toneli (s/d):

A experiência e o conhecimento socialmente produzidos e acumulados ao longo da história, pelas gerações precedentes, são apropriados pelos sujeitos através das relações sociais que lhes fornecem os recursos sógnicos mediadores das ações humanas. A criança apropria-se, portanto, do saber socialmente produzido, através das ações partilhadas com outros significativos, incorporando as significações a elas atribuídas e modificando-as conforme sua vivência singular. Estas ações ocorrem em situações também social e historicamente determinadas (...) Em se considerando que criança e parceiros mais experientes não são “ilhas” e não estão à margem de toda a organização social mais ampla, que por sua vez é profundamente estratificada, as significações atribuídas às ações partilhadas são oriundas, então, de um complexo amálgama fruto de entrecruzamento de ordens diversas, como classes, gênero, etnias e assim por diante. (TONELI, s/d, p. 01-02)

Desse modo, compreendendo todas as imbricações presentes na forma como garotos e garotas percebem o que vem a ser homens e mulheres em nossa sociedade, reporto-me às reflexões de Louro (1998) quando referenda a escola como instituição social, também envolvida com a forma como se constroem e vivenciam sexualidades e relações de gênero.

Na percepção dos alunos da 5ª série da Escola Particular, ser um garoto adolescente ou uma garota adolescente nos dias de hoje, significa correr mais perigo, aprender a dizer não, ser muito responsável, mais exigente e organizada do que os garotos. Para as alunas, as opiniões estiveram centradas no que fazem os/as jovens de um modo geral na adolescência, como sair, ir a festas, namorar, experimentar bebidas alcoólicas etc.

Para a 7ª série da Escola Particular, a garota esclareceu que a adolescente tem que tomar muito cuidado com os garotos para não ser influenciada ou ficar falada, houve um garoto que concordou com essa

colocação apontando que é mais difícil ser garota pela questão da virgindade. Já um outro garoto disse que ambos devem tomar cuidados, pois qualquer um dos dois corre perigo hoje em dia, com uma diferença a mais em suas colocações, para ele o garoto é mais influenciado. Outro garoto, ainda, disse que as diferenças residem mais no físico, pois ser uma garota ou um garoto é relativamente igual. Os/as estudantes apontaram também que nessa etapa é preciso começar a se preparar para a vida. Nas discussões do grupo focal, trouxeram falas afirmando uma maior preocupação dos pais com a sexualidade das garotas, apontaram que os pais receiam uma gravidez na adolescência e temem que as garotas venham a assumir seus bebês sozinhas.

Na 5ª série Escola Estadual, apontaram as diferenças em ser um garoto ou uma garota adolescente: “os garotos de hoje são mais folgados do que as garotas”; “ser uma garota é pensar que pode estar livre para fazer o que quer, com exceções, e ser um garoto é ficar olhando as meninas jogar futebol”; “penso que as garotas de hoje não se interessam por algo interessante, se interessam em namorar e transar. E os garotos só se interessam pela beleza das mulheres e não pelo que elas têm por dentro”. Os meninos ressaltaram a importância de serem independentes, poderem dirigir o carro dos pais, e o problema de não poderem sair desacompanhados dos pais.

Com relação ao que pensam sobre ser uma garota adolescente e um garoto adolescente na 7ª série da Escola Estadual, elas disseram: “para as garotas é mais difícil, porque engravidam e tem que ser mãe”; “a garota é mais responsável do que o garoto e tem menos chance de se envolver com drogas, já o garoto é mais largadão, não se importa tanto com o que deve fazer”; “as garotas só querem namorar e os garotos só querem enganar as mulheres, só ficar e aproveitar a vida”; “a garota é sempre mais quieta, e o garoto é de ir na onda dos amigos”; “as garotas são sonhadoras e os garotos só querem saber de sexo”; “o garoto não quer nada com nada, já a garota sonha em casar na igreja, ter filhos e ter uma casa”. No grupo focal colocaram: “sim porque quando tu perde a virgindade, e tu é homem, os pais só dizem sim, e pra cuidar pra não engravidar a garota, agora quando é a filha, tem todo aquele sermão” (garota). E, uma outra garota salientou: “a casa cai, né!”; “os garotos têm mais liberdade que as garotas para namorar, não sofrem tanta pressão quanto as

meninas, as meninas têm de se cuidar pra não engravidar, pra não ficar falada”; “o homem tanto faz perder a virgindade, mas se a mulher perde é um horror” .

No EJA apenas um garoto disse que “ser um garoto adolescente é uma responsabilidade maior”, o restante dos garotos deram explicações a respeito de ser adolescente. As garotas disseram: “uma garota adolescente relaciona-se com um garoto e qualquer coisa que aconteça tudo fica para a garota, o garoto sai limpo. Muitas vezes nem pensa no que fez (o garoto)”; “ser uma garota é bom, mas queria sentir na pele como é ser um garoto”; “os garotos estão vivendo mais e as gurias não, porque não se previnem das doenças e da gravidez”; “é muito diferente porque ambos têm pensamentos diferentes a respeito da vida”; “para mim (ser uma garota adolescente) é legal, pois minha adolescência é maravilhosa. Hoje os jovens estão mais independentes, colocando suas opiniões em dia, sem vergonha da sociedade e por isso, cada dia que passa nós aprendemos mais”; “eu penso que ser uma garota adolescente é se aprofundar nos estudos e depois pensar em namorar e fazer outras coisas mais. Eles (os garotos) já querem partir para o ataque, só no ficar para eles é algo mais”; “é bom, mas saber aproveitar, saber escolher as pessoas certas que você possa andar e ficar porque têm muitas outras (pessoas) que só dão influências erradas”. No grupo focal esses/as estudantes não falaram especificamente se existem diferenças entre ser um garoto e uma garota na nossa cultura, esta questão e diluiu-se no questionamento acerca das diferenças entre ser um homem e uma mulher.

Algo muito presente nas idéias dos/as estudantes sobre as diferenças entre ser um garoto ou uma adolescente, foi a questão das desigualdades de gênero com relação à virgindade, as atribuições de uma jovem mãe, apontadas como diferente de um jovem pai, os receios da família com relação à vivência do sexo por parte das garotas e o próprio medo da gestação como algo só das garotas. Diante dessas observações recordei de Marcelo Bernardi (1985) que afirma que em nossa sociedade morremos de medo do sexo, e assim, não possibilitamos às crianças e jovens uma relação mais responsável e serena com a sexualidade, com a saúde sexual reprodutiva e com os prazeres que podem experimentar a partir de seus corpos. E busco Paiva (1996) para

reafirmar a importância de se construir com os/as jovens atitudes que lhes permitam serem sujeitos de sua sexualidade,

ser sujeito sexual não é uma habilidade que se ensina em sala de aula, não se treina em *workshop* rápido, não se “modela” (...) lembrando Paulo Freire, a conscientização precisa da prática e da permanente reflexão crítica sobre ela, para que gradualmente se estabilize num novo patamar de consciência e no sujeito (agente) modificado. (PAIVA, 1996, p.219)

TECENDO CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento da pesquisa, busco tecer minhas considerações a partir de toda caminhada construída ao longo desse estudo, onde estive privilegiando a voz dos/as jovens com relação às temáticas: adolescência, gênero e AIDS.

Posso agora avaliar a escolha que fiz, com relação aos instrumentos utilizados na investigação, pois percebo que o uso de questionários seguidos das aplicações dos grupos focais, acabou se complementando. Isto porque os questionários, mesmo com perguntas abertas, acabaram por possibilitar aos/as estudantes respostas mais diretas, o que não aconteceu nos grupos focais, mesmo utilizando nestes grupos o roteiro com perguntas que foram previamente elaboradas. Nos grupos focais as discussões que se estabeleceram entre os sujeitos, com opiniões semelhantes ou opostas, permitiram aprofundar as reflexões sobre os temas colocados. Como no caso das opiniões sobre as causas da gravidez na adolescência, em que o questionário trazia alguns itens para elegerem e nas discussões dos grupos, os/as alunos/as puderam trazer mais aspectos a serem pensados, bem como a questão sobre a virgindade, muito pouco explicitada nas respostas dadas aos questionários e bastante debatida e aprofundada nos grupos.

Um outro aspecto que devo salientar, ainda com relação à utilização de grupos de discussão focal, diz respeito a importância de ter retornado ao EJA com a gravação do vídeo filmado com os/as jovens desta escola que, mesmo com problemas técnicos, para a apresentação do material filmado, conseguimos discutir e refletir, com as jovens que assistiram as opiniões manifestadas no grupo. A própria permanência das jovens para assistirem ao vídeo até o final, e a desistência dos rapazes, frente a demora e dificuldades técnicas, parece indicar, uma preocupação maior das moças com as temáticas analisadas e, em minha opinião, um certo descompromisso, ou uma tendência a fugir de questões, em relação aos rapazes que participaram dos grupos focais. Isto serviu para corroborar minha percepção de que, apesar de falas e respostas ao questionário apontando a dupla responsabilidade em relação a práticas de contracepção, uso de camisinha, pílula, ainda há uma maior carga

de responsabilidade atribuída às mulheres, no tocante às condutas ligadas à sexualidade.

As diferenças de gênero no tratamento das questões referidas à AIDS e sexualidade em geral, estiveram muito presentes em toda a pesquisa, conforme aparece na análise das falas e respostas escritas pelos/as jovens.

Nem todos se colocaram como adolescentes. Em geral os/as alunos/as das 5ª séries, com idades próximas dos 11 anos, declararam-se como pré-adolescentes ou ainda crianças, não adolescentes. Estas respostas indicam uma maior aproximação com a cronologia adotada pelo ECA, definindo adolescência entre 12-18 anos, e uma maior distanciamento em relação ao período cronológico definido pela OMS como adolescência, entre 10-19 anos. Mostra também uma dificuldade de nossas pesquisas, que acabam por aderir aos parâmetros cronológicos quando da escolha dos sujeitos a serem investigados, apesar de toda a discussão sobre os inconvenientes das divisões da vida humana em etapas definidas, evidenciadas pelos estudos históricos em nossa sociedade e por descrições etnográficas de outras culturas.

A adolescência aparece ainda nas falas, como tempo de crise e tensão, mas é relatada também como uma boa ou a melhor fase da vida, um tempo de irresponsabilidade e liberdade para viver o momento de forma despreocupada. O que pode contribuir para a reflexão sobre o fato de conhecerem os perigos relacionados a AIDS/DSTs, conhecerem os métodos de prevenção e contracepção, de terem acesso a eles e, ainda assim, não se prevenirem, viverem o momento sem outras preocupações – “sem pensar em mais nada”, como dizem.

Nesse sentido, os depoimentos de moças nos grupos focais (EJA e Escola Estadual), afirmando que sabiam das conseqüências da falta de cuidados preventivos, mas que faziam tudo errado, parece confirmar estas reflexões.

A relação adolescência – irresponsabilidade mostrou-se forte nos depoimentos quando as jovens do EJA afirmaram terem deixado de ser adolescentes quando engravidaram, tornando-se mães aos 13 e 14 anos, uma delas ressaltando que perdera, assim, “toda a adolescência”. Questão que também ficou patente na fala do garoto que afirmou que a adolescência é

tempo de curtição, enquanto que os jovens já têm que pensar em constituir e prover a família.

A função provedora do homem foi evidenciada em inúmeras falas, até na da moça que, referindo-se às desvantagens das mulheres, ressaltou o fato das mais liberais em termos de práticas sexuais, serem estigmatizadas como “galinhas” e, por esta fama, poderem perder a oportunidade de arrumar um bom provedor. Ao mesmo tempo, a maioria dos/as adolescentes afirmou a importância das conquistas femininas no mundo do trabalho, nas questões referentes à igualdade entre os gêneros.

É interessante lembrar também da fala de rapazes sobre as mulheres que só se dispõem a trabalhar quando se separam, escolhendo a dependência econômica quando casadas. Os relatos destes jovens, resumem as contradições que vivenciamos sobre igualdade/diferença (conferir Scott, 1999) sobre as funções de homens e mulheres nos relacionamentos amorosos e familiares. Todos enfatizaram a percepção de que as jovens mulheres são ainda mais presas e cuidadas pelas famílias.

No material obtido na pesquisa, as diferenças de classe ficaram evidenciadas. Nos dois colégios públicos (EJA e Escola Estadual) as questões relacionadas à conquista e conscientização de cidadania foram colocadas em pauta, o que quase não ocorreu com a escola privada. É verdade que a escola particular analisada é bem menor que a Escola de Educação Básica Irineu Bornhausen, com turmas com menor número de alunos/as, conforme já explicitado. Mas as idades médias dos alunos de 5ª e 7ª séries de ambas as escolas foram as mesmas. No entanto, as respostas a muitas das questões foram bastante diferenciadas.

As desigualdades gêneros em relação às funções de homens e mulheres no lar e no trabalho, salários, etc, foram bastante questionadas pelos garotos e garotas das escolas públicas, especialmente por elas. Na Escola Particular as diferenças foram apontadas, mas com um maior grau de conformismo com as mesmas, segundo minha percepção. Ressalto ainda o fato destes/as adolescentes terem participado com maior timidez do grupo focal, resultado que pode ser atribuído, talvez, ao tamanho menor das turmas de 5ª e 7ª séries da escola.

Nas escolas Estadual e EJA, os/as adolescentes e jovens se posicionaram apontando que a mídia distorce a realidade e muitas vezes acentua os aspectos negativos dos/as adolescentes de camadas populares, enquanto revelam os aspectos positivos dos/as adolescentes de camadas médias. No que, em minha opinião, configurou-se num grau maior de consciência das diferenças sociais, presentes nos adolescentes e jovens das escolas públicas. Ressaltando que na EMI, as falas dos/as adolescentes mencionaram que a mídia generaliza a adolescência, tratando como se todos/as os/as adolescentes fossem iguais, porém este grupo não se referiu às questões das diferenças e desigualdades sociais.

No tocante as relações familiares, em todas as escolas foram ressaltadas as qualidades dos pais. Os conflitos, no entanto, apareceram mais nas discussões dos grupos focais, especialmente com relação ao controle da sexualidade das filhas. Nos próprios questionários ficou evidente a dificuldade de diálogo sobre sexualidade com os pais, fundamentalmente o diálogo das jovens mulheres com o pai. Nas 5ª séries a maioria dos/as garotos/as afirmou não conversar com ninguém sobre sexo. Com relação a estas questões, no entanto, quase a totalidade dos/as jovens ressaltou, entre a atribuição de causas ao aumento da gravidez na adolescência, a falta de diálogos com os pais.

A virgindade, tanto nos questionários como nas discussões nos grupos focais, surgiu como algo pessoal, onde se mencionou a necessidade de perdê-la em um relacionamento amoroso, com uma pessoa conhecida, em um momento especial. Porém, as garotas acentuaram mais a necessidade de se manterem virgens, valorizando mais a virgindade, talvez preocupadas em não ficarem “faladas”, ou ainda, receosas das diferenças que percebem nas relações entre os gêneros. E, confirmando o quanto essas diferenças de gênero estiveram presentes nas falas dos/as estudantes, alguns garotos apontaram a iniciação sexual de uma garota como uma espécie de “meta” a alcançar pelos rapazes.

Quanto as informações sobre AIDS, a maioria dos/as alunos/as revelou saber e possuir informações acerca desta epidemia, mas houve diferença no foco das opiniões no grupos focais, sendo que na Escola Particular

mencionaram a importância de atitudes responsáveis, já no EJA e na Escola Estadual, debateram mais sobre as questões ligadas à infecção pelo HIV, onde percebi que se mostraram mais envolvidos no exercício de manifestarem suas idéias.

Ainda com relação à AIDS e o aumento de casos em mulheres jovens, verifiquei que há por parte de alguns/as estudantes a associação dessa epidemia com a questão de grupos de risco e de promiscuidade, quando argumentaram que as mulheres estão transando mais, algumas se prostituem. No EJA, as jovens trouxeram algo muito importante e também apontado pelos estudiosos da AIDS, o fato dos/as adolescentes acharem que essa doença nunca vai acontecer com eles/as.

Percebi, como já salientei anteriormente, que os cuidados com a prevenção de AIDS e de outras DSTs não estão centrados apenas nas informações, pois esses/as jovens salientaram que não lhes falta conhecimento, mas que também aprenderam que sexo é da ordem do sentimento e que não se pensa muito, como disseram, “na hora h ninguém quer saber de nada”. Isto somado a todas as questões sobre a própria adolescência e as constatações sobre igualdade/diferenças entre gêneros.

O material obtido com esta pesquisa, entre jovens de diferentes contextos sociais de Florianópolis, aproximou-se assim das constatações feitas por Afonso, Heilborn, Meyer, Paiva, Brandão, Santos, Bonzon, pesquisadores/as citados nesta dissertação, em estudos realizados em outros contextos, no Brasil e no exterior.

Ressalto em minha pesquisa, as colocações das jovens do EJA, frente às questões ligadas a prevenção de DSTs/AIDS e contracepção, quando aventaram que a escola pode ser um espaço onde os/as adolescentes poderiam experimentar, como uma espécie de laboratório, o que vem a ser ter um filho, experimentando assim os cuidados necessários para um bebê. Entendo as colocações dessas moças como sugestões, e saliento que elas também afirmaram que as escolas devem se abrir a um trabalho permanente de discussão sobre as temáticas ligadas à sexualidade, como algo não apenas voltado para seus/as alunos/as, mas também aberto às comunidades onde se inserem.

A análise das colocações dos/as estudantes investigados/as confirmou que não é possível propor uma estratégia única na aplicação de políticas de prevenção às DSTs. É necessário pensar contextos e realidades específicas em um trabalho permanente de prevenção, de educação sexual e de tomada de consciência com relação à sexualidade e aos significados atribuídos a ela e às relações de gênero pelos jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ayres, José Ricardo C. M. (1993) **Adolescência e Saúde Coletiva: Aspectos Epistemológicos da Abordagem Programática**. In: Schraiber, L. B. (org.) **Programação em Saúde Hoje**. São Paulo: HUCITEC.

_____ (1999) Vulnerabilidade dos jovens ao HIV/Aids: A escola e a construção de uma resposta social. In: Seffner, Fernando (1999) **Aids e (é) falta de educação**. In: Silva, L. H. **A Escola Cidadã No Contexto Da Globalização**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, pp. 413 -423.

Araújo, Viviane Florianópolis coleciona grandes obras. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 maio. 2005. Caderno de Economia, p. 22.

Ariès, Philippe (1981) **A História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro:Zahar.

Áries, Philippe e Bejin, André (orgs.) (1986) **Sexualidades Ocidentais**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense.

Afonso, Lúcia (2001) **A Polêmica sobre Adolescência e Sexualidade**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social.

Bernardi, Marcello (1985) **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus.

Becker, Daniel (1994) **O que é Adolescência**. 13ed., São Paulo: Brasiliense.

Borges, Renata (1999). **Gravidez na adolescência e reconhecimento social: estudo de caso entre adolescentes grávidas no Bairro Saco Grande/Monte Verde, zona urbana de Florianópolis, SC**. Florianópolis: Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina.

Brandão, Elaine R. (2004) Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: Heilborn, Maria Luiza A. (org) (2004) **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Cannon, Lucimar R. C. e Bottini, Branca A. (1998) Saúde e Juventude: o cenário das políticas públicas no Brasil. In: Berquó, Elza (1998) **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CNPD.

Carvalho, Giane C. A. (2002) **O jovem nas políticas públicas municipais de Florianópolis: descaso ou desproteção**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC.

Castro, Maria Lucia (org.) (2001) **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ.

César, Maria Rita de A. (1998) **A invenção da “Adolescência” no Discurso Psicopedagógico**. Dissertação de Mestrado, Campinas, São Paulo: UNICAMP.

Coordenação Nacional De DST/AIDS. Disponível: <http://www.aids.gov.br> acessado em março de 2003.

Costa, Carlos G. (2003) **Protagonismo Juvenil**. Fonte: <http://www.adolesc.br> acessado em 17/10/03.

Foucault, Michel (1986) O Combate da Castidade. In: Áries, Philippe e Bejin, André (orgs.) (1986) **Sexualidades Ocidentais**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense.

_____ (1997) **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal.

Franco, Maria Laura P. B. (1994) **Ensino Médio: desafios e reflexões**. Campinas: Papirus.

Gonzáles Rey, Fernando L. (2002) **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira/Thompson Learning.

Hassen, Maria de Nazareth A. (2002) Grupos Focais de Intervenção no projeto Sexualidade e Reprodução. In: Knauth, Daniela R. e Víctora, Ceres G. (2002) **Horizontes Antropológicos: Sexualidade e AIDS**, Porto Alegre, ano 8, n. 17, junho.

Heilborn, Maria Luiza A. (1996) Gênero, sexualidade e saúde. In: **Seminário Saúde, Sexualidade e Reprodução: compartilhando responsabilidades**. Rio de Janeiro: FAPERJ.

_____ (org.) (2004) **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Heller, Agnes (1985) **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Knauth, Daniela R. e VÍctora, Ceres G. (2002) **Horizontes Antropológicos: Sexualidade e AIDS**, Porto Alegre, ano 8, n. 17, junho.

Lago, Mara C. S., Santos, Ana Cláudia e Silva, Joyce A. (1996) **Relatório Final de Pesquisa** Juventude e modos de vida: um estudo sobre gênero entre jovens na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: CNPq/UFSC.

Lago, Mara C. S. (1996) **Modos de vida e identidade - Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC.

Lavinas, Lena (1997) Gênero, Cidadania e Adolescência. In: Madeira, F. R. (1997) **Quem mandou nascer mulher?** Estudos sobre adolescentes e crianças pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos. p. 15 - 41.

Loyola, Maria Andréia (org) (1994) **Aids e Sexualidade: O ponto de vista das ciências humanas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara: UERJ.

Louro, Guacira L. (1997) **Gênero, sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis: Vozes.

_____. (1998) Sexualidade: lições da escola. In: Meyer, Dagmar E. E. (1998) **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação. Cadernos de Educação Básica vol 4.

Louro, Guacira L.; Neckel, Jane F. e Goellner, Silvana V. (orgs.) (2003) **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Melo, Maria Taís (2000) **Um Estudo sobre Gravidez na Adolescência no Hospital Regional de São José – Homero de Miranda Gomes – SC.** Florianópolis, Dissertação de Mestrado, PPGP: UFSC.

Melo, Sonia M.M. de e Pocovi, Rosi (2002) **Educação e Sexualidade.** (Caderno Pedagógico, v.1), Florianópolis: UDESC.

Meyer, Dagmar E. (2003) Gênero e educação: teoria e política In: Louro, Guacira L.; Neckel, Jane F. e Goellner, Silvana V. (orgs.) (2003) **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Molon, Suzana Inês. (2003) **Subjetividade e Constituição do Sujeito em Vygotsky.** Petrópolis, RJ: Vozes.

Muuss, Rolf (1969) **Teorias da Adolescência.** Belo Horizonte: Editora do professor.

Nunes, César A. (1997) **Desvendando a sexualidade.** 2 ed. Campinas, São Paulo: Papirus.

Paiva, Vera (org). (1992) **Em tempos de AIDS.** São Paulo: Summus.

_____. (1996) Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e sujeito sexual. In: Parker, R.; Barbosa, R. M. (orgs.) (1996) **Sexualidades Brasileiras.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ.

_____. (2000) **Fazendo Arte com a camisinha: Sexualidades Jovens em tempos de AIDS.** São Paulo: Summus.

Pedraza, Tânia de A. (2004) **Sexualidade y Construciones de Gênero em la Adolescência.** Santiago do Chile: Editora Caligrafia Azul Ltda.

Pereira, Patrícia O. S. (1999) **“Adolescência e sexualidade: um estudo exploratório do imaginário adolescente frente às campanhas de prevenção à AIDS”.** Monografia. Curso de Especialização em Educação Sexual. Florianópolis: FAED/UDESC.

Pino, Angel L. B. (1993) Processos de Significação e Constituição do Sujeito. In: Revista **Temas em Psicologia**, nº 1, pp. 17-23.

Rabello, M.D.L.(s/d) **O que é protagonismo juvenil**, disponível em http://www.violenciasexual.org.br/textos/pdf/protagonismo_juvenil_eleonora_rabellopdf acessado em 23/11/03

Richardson, Jarry R. (1999) **Pesquisa Social Métodos e Técnicas**. São Paulo: Ed. Atlas.

Rua, Maria da Graça (org). (2001) **Avaliação das Ações de Prevenção as DST/AIDS e Uso Indevido de Drogas nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio em Capitais Brasileiras**. – Brasília: UNESCO, Ministério da Saúde, Grupo Temático UNAIDS, UNDCP.

Santos, Antônio Silveira Ribeiro dos (1997) O Direito à Saúde Reprodutiva In: **Revista Panorama de Direito**, out.

Santos , Maria Inês D. A. (1996) Sexualidade e Adolescência – Discurso e Prática nas Instituições de Saúde. In: **Seminário Saúde, Sexualidade e Reprodução: compartilhando responsabilidades**. Rio de Janeiro: FAPERJ.

Scott, Joan (1990) **Gênero, uma categoria útil de análise histórica**. Revista Educação e Realidade, n.2, v.15 Porto Alegre, p. 5-22.

_____ (1999) Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. In: Debate Feminista (1999) **Cidadania e Feminismo**. pp. 203 – 222.

Seffner, Fernando (1999) Aids e (é) falta de educação. In: Silva, L. H. **A Escola Cidadã No Contexto Da Globalização**. 3 ed. Petrópolis: Vozes.

Siqueira, Maria Juracy T. (s/d) **A Constituição da Identidade Masculina: alguns pontos para discussão**. Departamento de Psicologia. UFSC (mimeo)

Silva, Alcione L. da; Lago, Mara C. S. e Ramos, Tânia R. O. (orgs.) (1999) **Falas de Gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres.

Sposito, Marília P.; Carraro, Paulo (2003) Juventude e políticas no Brasil. In: Leon, O. D. (2003) **Políticas públicas de juventud em América Latina: políticas nacionales**. Viña del Mar: Ediciones CIDPA.

Vasconcelos, Naumi (1971) **Os Dogmatismos sexuais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Várzea, Virgílio (1984) **Santa Catarina – A Ilha**. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, (edição original 1900).

Werebe, Maria José G. (1998) **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas, SP: Autores Associados.

ANEXOS

ANEXO 1. - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Florianópolis,.....de.....de 200....

Meu nome é Patrícia de Oliveira e Silva Pereira Mendes e estou desenvolvendo uma pesquisa sobre Adolescência, Gênero e AIDS: Dando Voz aos Jovens, com adolescentes de 5ª e 7ª séries do Ensino Fundamental em três escolas de Florianópolis, com o objetivo de investigar qual a compreensão que estes/as possuem sobre as temáticas: gênero, adolescência e AIDS. Esta pesquisa se justifica pelo aumento do número de infecção pelo HIV no país entre a população jovem, sendo que este aumento tem sido considerável nas adolescentes e mulheres no geral. Em minha opinião, ouvir os/as adolescentes pode contribuir no processo de pensar a implementação de políticas públicas neste município. Serão aplicados questionários individuais em uma turma de 5ª e uma turma de 7ª série nas três escolas, onde será realizado também um grupo de discussão focal envolvendo as temáticas desta pesquisa. A resposta ao questionário e a participação neste trabalho não trarão nenhum risco à integridade dos/as jovens. Estou à disposição para esclarecer qualquer dúvida que você tenha em relação a este estudo. Se você não quiser mais fazer parte do mesmo, poderá entrar em contato comigo pelo telefone. Se você concordar em participar da pesquisa, posso garantir que as informações fornecidas serão preservadas quanto à não identificação dos nomes de seus participantes. Peço também seu consentimento para a filmagem das discussões que serão feitas no grupo focal.

Patrícia de O. e S. Pereira Mendes

Eu,.....
.....recebi todas as informações necessárias sobre a minha participação nesta pesquisa e concordo em participar da mesma. Concordo também que o grupo focal seja filmado.

Assinatura

(Pai/Mãe/Responsável): _____

Rg: _____

ANEXO 2. - QUESTIONÁRIO

As perguntas que seguem abaixo fazem parte de uma pesquisa de investigação científica para a qual você estará contribuindo com sua importante participação.

Você poderá respondê-las no seu ritmo e buscando ser o mais fiel possível às suas idéias e pensamentos. Gostaria de assegurar que os dados aqui registrados não poderão ser utilizados para qualquer outra finalidade, que não seja a presente pesquisa, e afirmar o compromisso da pesquisadora com a não identificação dos/as participantes.

01. Sexo: () masculino ()feminino.

02. Idade completa:_____

03. Em que série do Ensino Fundamental você estuda?

()5° série ()7° série

04. Com quem você mora?

Seus pais () Sua mãe () Mora sozinho ()

Outras pessoas () Especifique_____

05. Você tem irmãos ou irmãs? () sim () não Quantos? _____

Quantas? _____

06. Qual o nível de escolaridade de seu pai?

1° Grau

() completo () incompleto

2° Grau

() completo () incompleto

3° Grau (Faculdade)

() completo () incompleto

07. Qual a profissão de seu pai?

08. Qual o nível de escolaridade de sua mãe?

1º Grau

completo incompleto

2º Grau

completo incompleto

3º Grau (Faculdade)

completo incompleto

09. Qual a profissão de sua mãe?

10. Quem sustenta sua casa?

seu pai

sua mãe

seu pai e sua mãe

outros Especifique: _____

11. Você trabalha?

sim não

12. Caso você trabalhe, qual a sua profissão?

13. Qual o lugar que você mais gosta de estar?

14. Seus (suas) melhores amigos(as) são:

da escola ()

do bairro que você mora ()

dos dois (escola e bairro) ()

de outro lugar () Especifique: _____

15. Você faz parte de um grupo de amigos? Qual?

16. O que você costuma fazer nas horas vagas?

() sair com amigos

() ir à praia

() ver TV

() namorar

() ir ao cinema

() ouvir música

() passear no shopping

() ir ao clube

() ir a rodeios

() ler livros

() ler jornais

() ler revistas

() freqüentar academia

() visitar parentes

() navegar na Internet

() ir ao teatro

() viajar

() freqüentar museus

() pescar

() ir ao teatro

() dançar

() praticar esportes

() outros Especifique: _____

20. Você a pratica? () sim () não

21. Você se interessa por uma pessoa porque ela é:

() bonita

() inteligente

() gosta das mesmas coisas que você

() alegre

() companheira

() todos se interessam por essa pessoa

() rica

() bem vestida

() forte

() outros Especifique: _____

22. O que leva ou levaria você a ter um relacionamento sexual?

() estar apaixonado(a)

() por curiosidade

() porque seus amigos transam

() outros: _____

23. O que você pensa sobre a virgindade?

24. Você já manteve relação sexual (transou)?

() sim () não

25. Se você já teve relação sexual, tomou algum cuidado para evitar uma possível gravidez ou DSTs?

() sim () não

26. Qual (ais)?

() camisinha

() anticoncepcional

() tabelinha

() outros Especifique: _____

27. Cada vez mais adolescentes ficam grávidas. Por que você acha que isto está ocorrendo?

() pela falta de informação

() pela falta de conversa com os pais

() porque a escola não ensina sobre educação sexual

() outros Especifique: _____

28. De quem você pensa que é a responsabilidade por uma gravidez?

() do rapaz

() da moça

() de ambos

() de nenhum dos dois

() outros Especifique: _____

29. Com quem você costuma conversar sobre sexo?

() mãe

() pai

() tio(a)

() amigo(a)

() irmão (ã)

() namorado(a)

() padre

() médico (a)

() professor(a)

() terapeuta

() outros Especifique: _____

30. Você costuma conversar sobre sexo com seus pais?

() sim, abertamente

() não, nunca

() sim, às vezes

() somente alguns assuntos

31. Você se considera um (a) adolescente? O que significa para você ser adolescente? Fale sobre o que você pensa a respeito dessa etapa da vida.

32. Você concorda que a adolescência é exatamente como é apresentada pelas mídias (televisão, jornais, revistas, Internet)? Comente sua opinião:

33. Como você percebe o adolescente hoje?

34. Para você há diferenças em ser um homem e ser uma mulher na sociedade em que vivemos? Comente sua opinião:

35. O que você pensa sobre ser uma garota adolescente e ser um garoto adolescente nos dias de hoje?

36. O que você pensa sobre saúde?

37. Você já ouviu falar em DSTs? O que são?

38. Você sabe o que é a AIDS (SIDA)?

sim não

39. Para você a AIDS é uma doença?

sim não

40. Como e onde você obteve informações sobre AIDS?

41. De que forma você se previne contra a AIDS?

usando camisinha

usando agulha descartável

evitando contato com pessoas que possuam a doença

outros Especifique: _____

42. Em sua opinião por que as pessoas contraem o HIV, vírus da AIDS?

43. VOCÊ SABIA?

Segundo o Boletim Epidemiológico de março de 2003, o índice de infecção pelo HIV aumentou consideravelmente na faixa etária dos 13 aos 19 anos, sendo que as garotas são as mais atingidas pela epidemia de AIDS. Em sua opinião porque as jovens mulheres vêm sendo as mais atingidas pela epidemia de AIDS?

ANEXO 3. – ROTEIRO PARA DISCUSSÃO NO GRUPO FOCAL

1. Como vocês percebem a adolescência?
2. Vocês se consideram adolescentes?
3. O que é ser adolescente hoje?
4. Vocês concordam que a adolescência é exatamente como é apresentada pelas mídias (televisão, jornais, revistas, Internet)?
5. Para você há diferenças em ser um homem e ser uma mulher na sociedade em que vivemos? O que vocês pensam sobre ser uma garota adolescente e ser um garoto adolescente?
6. O que vocês pensam sobre a virgindade?
7. Cada vez mais adolescentes ficam grávidas. O que vocês acham que está acontecendo?
8. O que vocês pensam sobre saúde? Sobre prevenção?
9. O que vocês pensam sobre a AIDS?
10. Na opinião de vocês por que as pessoas contraem o HIV, vírus da AIDS?
11. VOCÊ SABIA?

Segundo o Boletim Epidemiológico de março de 2003, o índice de infecção pelo HIV aumentou consideravelmente na faixa etária dos 13 aos 19 anos, sendo que as garotas são as mais atingidas pela epidemia de AIDS. Em sua opinião porque as jovens mulheres vêm sendo as mais atingidas pela epidemia de AIDS?